

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O discurso do Chefe do Governo Portugal não reconhece a conquista de Goa

É do seguinte teor o discurso que o sr. Presidente do Conselho proferiu hoje perante a Assembleia Nacional, reunida na sua primeira sessão depois das férias tradicionais da passagem do ano e em seguida à inqualificável agressão da União Indiana contra Goa:

«SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL, SRS. DEPUTADOS: — Não costumo escrever para a História e sinto ter de fazê-lo hoje, mas a Nação tem pleno direito de saber como e porque se encontra despojada do Estado Português da Índia. Goa portuguesa há 450 anos e agora ocupada pela União Indiana representa um dos maiores desastres da nossa História e golpe muito fundo na vida moral da Nação. Para esta, o Estado Português da Índia, sem expressão sensível na economia ou na força política portuguesa, contava sobretudo como padrão de um dos maiores acontecimentos da história do Mundo e da comunicação do Oriente com a vida ocidental. Deixá-lo à guarda de um pequeno país



O sr. Presidente do Conselho falando perante a Assembleia Nacional

Segue hoje para Goa em visita de inspecção o 2.º secretário da embaixada do Brasil em Nova Delhi

NOVA DELHI, 3. — Parte hoje para Goa o segundo secretário da embaixada do Brasil, na União Indiana, em visita de inspecção, em nome do Governo português — anunciou a embaixada.

Este diplomata, o dr. José Ferreira, passa em Goa três ou quatro dias, devendo avistar-se com os prisioneiros portugueses e informar-se dos interesses financeiros portugueses.

Na expressão de um informador da embaixada brasileira — que representa na Índia os interesses de Portugal, desde o corte de relações diplomáticas imposto por Nehru — trata-se de uma espécie de visita de inspecção.

Interrogado sobre o assunto, um informador do Governo indiano declarou apenas: — «Não temos qualquer objecção a pôr». — (A. N. I.).

MONS. KNOX CONVERSOU COM CIVIS PORTUGUESES

PANGIM, 3 — Os cristãos goeses concentraram-se em grande número para receberem a bênção de monsenhor Knox, quando o inter-

nuncio se dirigiu ontem ao edifício do antigo governo-geral, onde funciona agora a administração indiana.

O correspondente da Reuter, Gordon Martin esteve ontem, à noite, na residência do patriarca das Índias, D. José Vieira Alvernaz, conversando ali com alguns civis portugueses que não se encontram internados e que estão bem. Entre esses, encontra-se o dr. Mourão Correia, de Castelo Branco, antigo chefe dos Serviços de Educação em Goa; o professor Cruz Louro, de Aldeia Nova de S. Bento, antigo chefe dos Serviços de Saúde; António Rosa, do Entroncamento; Caetano de Sousa, da Praia do Ribatejo; e dr. Ávila Martins, engenheiro-geólogo.

O engenheiro Martins revelou que o professor Carlos Teixeira, da Faculdade de Ciências de Lisboa, e outros membros da sua brigada geológica, se encontram a bordo de um navio estrangeiro que deve sair brevemente do porto de Mormugão. — (Reuter).

REFUGIADOS DE GOA IMPE- DIDOS DE DESEMBARCAR EM SINGAPURA

NOVA DELHI, 3 — O correspondente do «Times of India» em Singapura afirma que as autoridades marítimas não permitiram que ali desembarcassem ontem 19 refugiados de Goa, que seguem a bordo do cargueiro chinês «Shung Wung». O barco, carregado de minério de Goa, continua viagem para Hong-

(Continua na 12.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

que foi com sacrifícios ingentes o fautor das grandes descobertas devia ser ponto de honra de todas as Nações civi-

O Governo português vai estudar a sua atitude futura quanto às obrigações resultantes da aliança luso-britânica.

lizadas e das que beneficiaram da acção portuguesa no Mundo. Que este conceito se tenha chocado com outro de simples ambição expansionista é mais uma prova — e esta flagrante — nos nossos tempos da decadência da legalidade e da depreciação dos valores morais. Esta explicação não é, no entanto, satisfatória para os portugueses que podem ter esquecido não ser a União Indiana sensível a razões histó-

«Não sei ainda se seremos os primeiros a abandonar as Nações Unidas, mas estaremos certamente entre os primeiros».

ricas, jurídicas ou simplesmente humanas, mas confiavam em influências que no jogo da po-

(Continua na 9.ª página)

O COMBATE ÉPICO do «Afonso de Albuquerque» com cinco unidades da Marinha de Guerra indiana

Com o conjunto de testemunhos prestados por pessoas chegadas de Goa nos últimos dias, especialmente de algumas qualificadoras para o fazerem, é possível reconstituir, numa primeira versão fundamentada embora, sumária, o épico combate travado pelo aviso «Afonso de Albuquerque» com unidades da Marinha de Guerra indiana que, em numero de cinco, o atacaram violentamente na

manhã de 18 de Dezembro, dia da invasão do nosso território. Por se tratar da mais importante acção dos oficiais e marinheiros portugueses no mar, pelas condições em que se travou, pela impressionante desproporção de forças e pelo comportamento daqueles que nela tomaram parte, com espírito de disciplina e sacrifício exemplar, pode considerar-se aquele combate como o acontecimento mais relevante da nossa história naval contemporânea que, como tal, ficará assinalado e será consagrado pela História.

Sabe-se que desde o dia 13 de Dezembro se encontravam em frente da barra de Mormugão, ficando a pairar ao largo, as cinco unidades inimigas que intervieram no combate, agindo com rara violência, e o firme propósito de conseguir, de qualquer forma, a sua rendição. O moral da equipagem, segundo o depoimento unânime de quantos conheciam as condições de

(Continua na página seguinte)

A SESSÃO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Voltou a reunir-se hoje, após as férias de Natal e Ano Novo, a Assembleia Nacional, sob a presidência do prof. dr. Mário de Figueiredo.

A sessão começou às 16 e 15 e, cerca de trinta minutos depois, foi interrompida. Então os srs. prof. Mário de Figueiredo e dr. Soares da Fonseca, respectivamente presidente e vice-presidente da Assembleia Nacional, e os secretários da mesa drs. Cid Proença e Folhadeia de Oliveira, e Costa Brochado, secretário da Assembleia vieram à entrada do edifício receber o Presidente do Conselho.

Depois de ter entrado na sala das sessões o prof. dr. Oliveira Salazar, proferiu a sua alocução, que noutro local publicamos.

AS CHEIAS DO DOURO E DO TEJO estão a causar graves prejuízos

(Ler na página central)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

20

PAGINAS

nas quais se inclui

«DA MULHER
E DA CRIANÇA»

De ontem para hoje

CONSELHO DE MINISTROS

No Palácio de S. Bento reuniu-se ontem o Conselho de Ministros.

Depois de ter manifestado o seu profundo pesar pela morte, no devotado cumprimento da sua missão, do sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, subsecretário de Estado do Exército, o Conselho examinou e decidiu sobre problemas correntes nos diversos ministérios.

No exame da situação política interna o Conselho apreciou de modo particular os elementos respeitantes à tentativa, prontamente dominada, de assalto ao Quartel de Infantaria n.º 3, em Beja, sua natureza, objectivos e implicações.

O Conselho ponderou ainda os factores e condições de ordem interna e internacional determinantes da exposição que hoje o sr. Presidente do Conselho fará ao País, perante a Assembleia Nacional, sobre a invasão e ocupação de Goa pela União Indiana.

A MORTE

NA ESTRADA

Perto de Cantanhede, no local da Ponte de Leme, seguiam no motocicleta os lavradores Manuel da Cruz dos Santos, de 32 anos, e António Domingues, de 57 anos. A estrada estava molhada e em dada altura resvalou o veículo e os seus ocupantes foram embater na guarda da ponte, com grande violência. Ainda foram conduzidos ao hospital, mas estavam mortos.

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio de Belem, o sr. nuncio apostólico. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. embaixadores de França e da Alemanha, de Menton, dos Países Baixos, dos Estados Unidos da América, do Japão, da Bélgica e baronesa Boyens; da Suíça, da Dinamarca e senhora Hergel; da Suécia, da Noruega, da Áustria, da Grã-Bretanha; ministros da China e da Grécia; encarregados de negócios da

SIC TRANSIT...

A aura da mocidade, vigor e fama é transitória para homens e navios. Tudo passa neste mundo, como dizem os mestres de latim. E tudo passou para o navio «Pungue», da Companhia Colonial. Bateu-se com as ondas e entrou ufano em portos para deixar e receber carga, e os seus estrididos, como o grito de um peito ovariado. Pois o «Pungue» envelheceu, decaiu e ontem foi vendido para sucata. Está em Bilbau e lá será desmantelado. Assim passa a glória de todos os grandes do Mundo...

NO PALÁCIO DE BELEM

Argentina e de Marrocos; conselheiro de Israel e secretário da Legação da Grécia.

O VIL METAL

É o ouro que leva os ambiciosos a tudo, até o crime. De pouco seu apito soava escrupuloso é o lavrador-casero Diamantino Mendes Alves, de 22 anos, há dias preso pela G. N. R. de Celorico de Basto. Apareceu morto o proprietário sr. António Lopes, de 60 anos, de Lobão. O Diamantino confessou que o matara para lhe roubar 12 contos.

O COMBATE ÉPICO

do «Afonso de Albuquerque»

(Continuação da página anterior)

vida a bordo, era elevadíssimo e firme a sua intenção de não entregar o navio e lutar enquanto ele estivesse em condições de o fazer. O comandante Cunha Aragão, que assumira o comando do «Afonso de Albuquerque» no Verão depois de ter concluído, em Lisboa, com outros oficiais da sua patente, o curso superior naval de guerra, era profundamente estimado e respeitado em toda a corporação e os que ficaram, desde então, sob as suas ordens conheciam a sua coragem e firmeza de ânimo e sabiam que com ele podiam ir até ao extremo sacrifício da vida.

Dos cinco navios indianos um foi atingido e abandonou a luta

Logo que o ataque se desencadeou foi possível constatar a sua importância e prever o seu epílogo. Ao «Afonso de Albuquerque» e aos que nele se encontravam reservara o destino a árdua missão de salvar a honra das forças envolvidas num prelúdio desproporcionado e que inevitavelmente terminaria pela destruição daquela unidade. Entre os atacantes figurava um cruzador pesado, não se encontrando ainda identificadas as restantes unidades da formação mas sabendo-se que qualquer delas era superior ao aviso português. Este respondeu imediatamente ao ataque e disparou as suas quatro peças, só deixando de o fazer quando, por falta de munições e com fogo a bordo lavrando intensamente, foi desembarcada a tripulação e ainda sob a acção do inimigo, se consumou a sua destruição. Mas então já ele escrevera uma página de epopeia e cumprira heróicamente a missão de sacrifício que lhe fora confiada.

Durante cerca de uma hora, as granadas da esquadra indiana visaram-no incessantemente e a sua volta estabeleceu-se um círculo de fogo a que o aviso respondeu sem cessar. A bordo, todos nos seus postos, davam um incomparável exemplo de competência e bravura. Na ponte do comando o capitão-de-mar-e-guerra, Cunha Aragão, dirigia a manobra que era possível seguir nas suas emocionantes peripécias. A medida que aquela se desenvolvia, avultavam as reconhecidas qualidades de coragem e firmeza de ânimo daquele oficial sobejamente afirmadas ao longo da sua carreira militar. Nessa fase do combate deu ele a medida exacta dessas qualidades excepcionais. O «Afonso de Albuquerque» atingira em cheio um dos navios indianos que foi obrigado a abandonar a luta seguindo para um porto próximo a fim de ser reparado. Este episódio dá ideia da acção do aviso português e da pericia com que foi comandado e executadas as ordens do comando.

Na ponte onde se encontrava, o comandante Cunha Aragão ficou gravemente ferido

Foi então que uma granada atingiu a ponte onde se encontrava, com o comandante Aragão, um grumete que morreu imediatamente ficando o comandante gravissimamente ferido no ventre, com perfuração de intestinos e perdendo muito sangue. Era impossível prestar-lhe quaisquer socorros e nessa posição se conservou até final do combate continuando, apesar da gravidade dos ferimentos recebidos, a animar com a sua presença os camaradas e subordinados que lutaram ainda durante cerca de quatro horas, sem um minuto darem mostras de quebra de ânimo ou receio da esmagadora superioridade do inimigo.

Attingido na ponte e ininterruptamente alvejado, o «Afonso de Albuquerque» procurou fazer-se ao mar, rompendo temerariamente o círculo de fogo que o envolvia. Para isso tinha de atravessar um estreito canal e, como era de calcular, logo que dos navios indianos se aperceberam do seu intento, intensificaram o tiro sendo o aviso português alvo de uma barragem infernal de todas as unidades indianas que, a todo o transe queriam impedir-lhe a passagem. Os navios indianos atacavam em «carrousel» e o «Afonso de Albuquerque» respondia, inintermitentemente, disparando sempre. Cada unidade inimiga lançava a sua bordada e seguia para voltar a atacar. O que depois se passou, dificilmente o descrevem as pessoas que, da sua honrada res-

istência foram testemunhas. Sem pre cercado e alvejado, as suas peças nunca se calaram e o duelo prosseguiu inintermitente e desproporcionado.

Encalhado o «Afonso» por avaria, continuou a lutar e foi destruído pelo fogo que lavrava a bordo

Ao fim de mais uma hora de luta foi o aviso atingido de novo e desta vez produziu-se a bordo uma avaria cuja verdadeira natureza não está ainda averiguada mas que o impossibilitava de navegar. Nesta situação só havia uma coisa a fazer e não hesitaram a tripulação e os oficiais — encalhar o navio e continuar o combate nessas condições. Encalhado, imobilizado, as peças do «Afonso de Albuquerque» prosseguiram na sua tarefa e a sua voz ouviu-se ainda durante cerca de três horas pois a sua resistência, desde o início do ataque, se prolongou no total durante cerca de cinco.

Depois de encalhado calcula-se que tenham sido disparadas das unidades indianas duzentas salvas contra o «Afonso de Albuquerque» que nunca impediram que as peças deste continuassem a disparar, apesar da desproporção de forças que se acentuava à medida que a luta prosseguia.

O fim do combate naquelas impressionantes condições resultou de se terem esgotado as munições a bordo o que explica que o navio não explodisse encontrando o seu fim no incêndio ateadado pelo incessante fogo do inimigo. Por ordem do comando a guarnição teve de desembarcar depois de praticar uma das mais heróicas façanhas da nossa história no mar e certamente a mais impressionante das últimas décadas.

O último a deixar o aviso foi o seu heróico comandante que recolheu ao hospital

Nestas condições, com o navio à vista da tripulação, envolto em chamas e a consumir-se no meio delas, o desembarque fez-se com uma impressionante disciplina. O último a deixar o «Afonso de Albuquerque» foi o comandante, que a bordo se conservara durante todo o combate dando prova de indomável coragem. O seu estado era gravíssimo, em consequência dos ferimentos recebidos e da perda de sangue que não fora possível estancar. Deu entrada no Hospital de Goa, onde foi imediatamente operado, estando durante alguns dias entre a vida e a morte. Sabia-se que a bordo houve outras vítimas, mas por enquanto desconhece-se a sua identidade, ignorando-se também a do valente grumete que se encontrava na ponte ao lado do comandante Cunha Aragão, quando ela foi atingida na primeira fase do combate.

O comandante Cunha Aragão, que ainda se encontra hospitalizado, mas em vias de restabelecimento, foi visitado pelo comodoro que comandava a formação indiana com a qual o «Afonso de Albuquerque» travou o seu épico combate. Era acompanhado por um grupo de oficiais da mesma nacionalidade, que nele tomaram parte e foram saudar pela sua indomita coragem e pela heróicidade com que toda a guarnição que se encontrava sob as suas ordens, lutou sem um momento de desfalecimento, escrevendo uma página imorredoura da epopeia portuguesa no mar.

O FUNERAL do banqueiro que foi assassinado pelo seu motorista

Mantém-se estacionário o estado de saúde da sr.ª D. Maria das Mercês Quaresma Sotto Mayor Vinhas Cabrita, internada no Hospital da C. U. F., que, ontem, conforme notícias, foi atingida com seis tiros de pistola, pelo motorista José Bernardo Miranda, responsável também pelo assassinato do seu pai, o banqueiro sr. Joaquim Vinhas Cabrita, marido daquela senhora.

Após as primeiras radiografias, verificou-se que a vítima, alvejada no peito e nas costas, deverá submeter-se a uma delicada intervenção cirúrgica, a fim de lhe serem extraídas as balas. No entanto, devido à gravidade do caso, voltará a ser radiografada.

Esta manhã, cerca das 10 horas, da capela da Misericórdia de Almada para o cemitério de Albufeira, sua terra natal, realizou-se o funeral do sr. Joaquim Cabrita, com grande acompanhamento. Porque o assassino atentou contra a própria existência, encontrando-se morto, foi dispensada a autópsia da vítima. O préstito esteve a cargo da Agência Salgado.

Quanto ao cadáver do José Miranda, que ontem transitou da sala de observações do Hospital de São José para o Instituto de Medicina Legal, foi, esta manhã, autopsiado, aguardando-se agora que apareça quem lhe faça o funeral.

As diligências policiais relativas à grave tragédia ocorrida na Quinta do Algarve (Seixal), estiveram confiadas ao tenente sr. Humberto de Barros, comandante da G. N. R. daquela Secção.

O PINTOR

Francisco Relógio partiu para França como bolseiro

da Fundação Gulbenkian

Francisco Relógio, um dos artistas de vincada personalidade e robusto talento entre os valores marcantes na moderna pintura portuguesa, seguiu para França, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, que assim distinguu os méritos do pintor, proporcionando-lhe novos meios e estímulos para a sua arte inconfundível, em convívio com os grandes centros, onde pode colher sugestões e aperfeiçoamentos no contacto com as modernas fontes criadoras.

Francisco Relógio que, ainda recentemente, alcançou assinalado êxito entre os oito seleccionados pintores figurativos concorrentes à exposição comemorativa do cinquentenário do Instituto Superior Técnico e da sua Associação de Estudantes, concluiu recentemente um sugestivo painel com o seu traço peculiar e terminou, antes de seguir para Paris, a «maquette» de um notável trabalho, pelo tema e pelo vigor da expressão artística, que será gravado em quadro num espaço de 335 metros quadrados.

Em MAIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda no CAFÉ UNIDOS.

«AGENDA DOMÉSTICA»

É uma publicação que deve existir em todos os lares, pois é de grande utilidade para as donas de casa, visto que serve para fazer diariamente as contas das despesas domésticas. Além disso contém inúmeras receitas de culinária e vários ensinamentos úteis à vida caseira.

PREÇO 22\$50

Envia-se á cobrança, pelo correio, pela importância de 25\$00. Peça-a ao seu Livreiro ou aos distribuidores.

Porto Editora, Lda.

Praça D. Filipa de Lencastre, 42 — Porto

Empresa Literária Fluminense, Lda.

Rua da Conceição, 125-1.ª — Lisboa

CASINO

APRESENTA

A famosa cantora japonesa

TEICO YANAGUI

o espirituoso fantasista

JOSECA

e os admiráveis parodistas do bailado

LITA AND REDY

(Maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

PROVAS PÚBLICAS

para professores da Escola de Belas-Artes

Na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa começou hoje a prestar provas para professor do 9.º grupo de cadeiras — Anatomia, 1.ª e 2.ª partes — o sr. doutor Carlos Manuel Jordão Pereira, que

exerce o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

As provas decorrerão até ao próximo dia 6. Amanhã, às 14 e 30, o candidato proferirá a primeira lição subordinada ao tema «Morfologia geral — imagem e forma; fisiognomia». No dia 5, será proferida a segunda lição sob tema ainda não escolhido. Finalmente, no dia 6, realizará-se a prova prática.

Anuncia, ainda, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que no dia 8 começará a prestar provas para professor do 11.º grupo de cadeiras daquele estabelecimento de ensino o sr. eng.º Eduardo Henrique Cansado de Carvalho, que há catorze anos rege disciplinas naquele estabelecimento de ensino superior. Constituem o 11.º grupo as cadeiras de «Estática» (1.ª e 2.ª partes, prática aplicada à construção); «Topografia urbana» e «Teoria e concepção de estruturas» do curso superior de Arquitectura.

O candidato prestará provas perante um júri constituído pelo sr. arqu.º Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; dr. Antão de Almeida Garrett, dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo e dr. Armando de Araújo Martins Campos e Matos, professores da Faculdade de Engenharia do Porto; prof. dr. José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica e prof. eng.º Manuel Guilherme Tavares Cardoso, professor do Instituto Superior Técnico; arqu.º eng.º Julio José de Brito, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e arqu.º Luís Alexandre da Cunha, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As provas do sr. dr. Jordão Pereira, prolongar-se-ão até ao dia 10.

exercer o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

As provas decorrerão até ao próximo dia 6. Amanhã, às 14 e 30, o candidato proferirá a primeira lição subordinada ao tema «Morfologia geral — imagem e forma; fisiognomia». No dia 5, será proferida a segunda lição sob tema ainda não escolhido. Finalmente, no dia 6, realizará-se a prova prática.

Anuncia, ainda, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que no dia 8 começará a prestar provas para professor do 11.º grupo de cadeiras daquele estabelecimento de ensino o sr. eng.º Eduardo Henrique Cansado de Carvalho, que há catorze anos rege disciplinas naquele estabelecimento de ensino superior. Constituem o 11.º grupo as cadeiras de «Estática» (1.ª e 2.ª partes, prática aplicada à construção); «Topografia urbana» e «Teoria e concepção de estruturas» do curso superior de Arquitectura.

O candidato prestará provas perante um júri constituído pelo sr. arqu.º Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; dr. Antão de Almeida Garrett, dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo e dr. Armando de Araújo Martins Campos e Matos, professores da Faculdade de Engenharia do Porto; prof. dr. José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica e prof. eng.º Manuel Guilherme Tavares Cardoso, professor do Instituto Superior Técnico; arqu.º eng.º Julio José de Brito, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e arqu.º Luís Alexandre da Cunha, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As provas do sr. dr. Jordão Pereira, prolongar-se-ão até ao dia 10.

exercer o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

Na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa começou hoje a prestar provas para professor do 9.º grupo de cadeiras — Anatomia, 1.ª e 2.ª partes — o sr. doutor Carlos Manuel Jordão Pereira, que

exerce o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

As provas decorrerão até ao próximo dia 6. Amanhã, às 14 e 30, o candidato proferirá a primeira lição subordinada ao tema «Morfologia geral — imagem e forma; fisiognomia». No dia 5, será proferida a segunda lição sob tema ainda não escolhido. Finalmente, no dia 6, realizará-se a prova prática.

Anuncia, ainda, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que no dia 8 começará a prestar provas para professor do 11.º grupo de cadeiras daquele estabelecimento de ensino o sr. eng.º Eduardo Henrique Cansado de Carvalho, que há catorze anos rege disciplinas naquele estabelecimento de ensino superior. Constituem o 11.º grupo as cadeiras de «Estática» (1.ª e 2.ª partes, prática aplicada à construção); «Topografia urbana» e «Teoria e concepção de estruturas» do curso superior de Arquitectura.

O candidato prestará provas perante um júri constituído pelo sr. arqu.º Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; dr. Antão de Almeida Garrett, dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo e dr. Armando de Araújo Martins Campos e Matos, professores da Faculdade de Engenharia do Porto; prof. dr. José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica e prof. eng.º Manuel Guilherme Tavares Cardoso, professor do Instituto Superior Técnico; arqu.º eng.º Julio José de Brito, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e arqu.º Luís Alexandre da Cunha, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As provas do sr. dr. Jordão Pereira, prolongar-se-ão até ao dia 10.

exercer o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

As provas decorrerão até ao próximo dia 6. Amanhã, às 14 e 30, o candidato proferirá a primeira lição subordinada ao tema «Morfologia geral — imagem e forma; fisiognomia». No dia 5, será proferida a segunda lição sob tema ainda não escolhido. Finalmente, no dia 6, realizará-se a prova prática.

Anuncia, ainda, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que no dia 8 começará a prestar provas para professor do 11.º grupo de cadeiras daquele estabelecimento de ensino o sr. eng.º Eduardo Henrique Cansado de Carvalho, que há catorze anos rege disciplinas naquele estabelecimento de ensino superior. Constituem o 11.º grupo as cadeiras de «Estática» (1.ª e 2.ª partes, prática aplicada à construção); «Topografia urbana» e «Teoria e concepção de estruturas» do curso superior de Arquitectura.

O candidato prestará provas perante um júri constituído pelo sr. arqu.º Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; dr. Antão de Almeida Garrett, dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo e dr. Armando de Araújo Martins Campos e Matos, professores da Faculdade de Engenharia do Porto; prof. dr. José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica e prof. eng.º Manuel Guilherme Tavares Cardoso, professor do Instituto Superior Técnico; arqu.º eng.º Julio José de Brito, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e arqu.º Luís Alexandre da Cunha, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As provas do sr. dr. Jordão Pereira, prolongar-se-ão até ao dia 10.

exercer o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas públicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames às 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psíquicos da «facialis» patognomonia artística».

O júri que apreciará as provas é constituído pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Victor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

LIVRE DE PERIGO

a servical colhida por um automóvel

Os problemas do trânsito e os desastres que lhe são decorrentes, agravam-se dia a dia. Um momento de hesitação levou, ontem à noite, a sr.ª Evangelina Serralho, de 52 anos, divorciada, servical, natural de Odeira e domiciliada na Rua de S. Paulo, 118, 4.ª para o Banco do Hospital, onde ficou internada em estado muito grave.

A servical foi colhida por um automóvel, junto do monumento da Praça dos Restauradores, quando atravessava a faixa de rodagem sem cuidar do trânsito. Surgiu-lhe pela frente um carro conduzido pelo furriel miliciano em serviço na Companhia 302 de Caçadores Especiais do B. C. 5. sr. Alfredo de Oliveira Ferreira, e o resto adivinhou-se facilmente... A hesitação da vítima parando repentinamente, dificultou a manobra do condutor, que não pôde evitar colhê-la.

Esta manhã a sr.ª Evangelina Serralho encontrava-se livre de perigo.

Aviões a jacto para as linhas da TAP

Partiu, esta manhã, para França o sr. eng.º Helder Videira, funcionário superior da Aeronáutica Civil, acompanhado pelos mecânicos, srs. Fernando Rascão e Otelio Espanca, que vão frequentar naquele país um curso de tecnologia do avião a jacto «Caravelle», tipo aeronave, que a T. A. P. adquiriu para as suas linhas da Europa.

No mesmo avião seguiram um grupo de técnicos dos serviços de manutenção da T. A. P., chefiado pelo sr. eng.º Bacta Branco, e outro constituído por pessoal de voo, chefiado pelo sr. comandante Cerqueira Marcelino. Vão, também, frequentar cursos com vista à próxima vinda para o nosso país de três aviões a jacto para os serviços da T. A. P.

ARDEU UM HOTEL E MORRERAM quatro hóspedes

WELLINGTON, 3 — Quatro pessoas, incluindo uma senhora e seus dois filhos, de 15 e 11 anos, morreram carbonizadas num incêndio que se registou num hotel na cidade de Akaroa, na ilha sul da Nova Zelândia.

Outros hóspedes — eram catorze os que se encontravam, na altura, no hotel — sofreram queimaduras ou outros ferimentos. O edifício, de dois andares, ficou reduzido a cinzas em menos de uma hora. — (R.).

O «Vera Cruz» espera fundeado no Tejo

que o Governo decida qual a linha em que servirá

O paquete «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, continua fundeado nas proximidades da Banática, aguardando que o Governo decida sobre a sua futura utilização.

Aquela unidade da Marinha Mercante nacional, foi retirada recentemente da «Linha da Amizade», que liga Portugal ao Brasil, para ser utilizada como transporte de tropas, quando da eclosão dos acontecimentos em Angola. Terminada essa missão, o «Vera Cruz» não voltou a navegar e a sua tripulação foi reduzida ao mínimo indispensável, facto que foi comunicado à Capitania do Porto de Lisboa.

Entretanto, a empresa armadora, dentro das suas possibilidades, está a colocar noutros seus navios os tripulantes que não estão sujeitos à escolha da Capitania, que, entretanto, por decisão superior, garantiu a prioridade ao restante pessoal que pretende voltar ao «Vera Cruz».

Estão neste caso, os criados, chefeiros, fogueiros, azeitadores, marinheiros e moços de convés, que na sua quase totalidade aguardam a primeira viagem do paquete.

Voltará à «Linha da Amizade» ou irá para a carreira de África?

Entretanto está a realizar-se um estudo, a fim de se decidir sobre o destino do «Vera Cruz». Nele terá influência decisiva o parecer da Junta Nacional da Marinha Mercante, que para o efeito não deixará de contactar com a C. C. N. Surgem duas hipóteses: será o paquete mantido na linha do Brasil? Ou será desviado para a linha de África? Na primeira hipótese a C. C. N. terá que continuar a suportar enormes prejuízos.

Se se optar pela segunda, o «Vera Cruz» terá que sofrer transformações no que diz respeito ao alojamento de passageiros, pois desaparecerão as classes de luxo e terceira. Ficará só a dispor de camarotes de primeira classe e de classe turística.

A numerosa colónia de Portugal

Reuniões científicas No Hospital de Santa Maria

No Hospital de Santa Maria efectua-se amanhã, pelas 14 e 30, a reunião mensal dos farmacêuticos hospitalares.

no Brasil e até entidades oficiais brasileiras tem feito numerosas diligências, para que o «Vera Cruz» se mantenha na «Linha da Amizade».

ACIDADADE

Pelos hospitais

ATROPELADO POR UM AUTOMÓVEL.—Muito contuso na cabeça, recolheu à Sala de Observações do Hospital de S. José o jornalista António Vinagre Almeida, de 36 anos, morador nas barracas da Cruz da Guia, em Cascais, o qual foi atropelado por um automóvel próximo daquela vila.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma quantia em «linheiro» encontrada nas dependências da Polícia Judiciária; um cão; duas notas do Banco de Portugal; dois porta-moedas com dinheiro; uma mala de viagem com peças de vidro e toalhas; quatro bilhetes de identidade em nome de Maria Eugénia de Aguiar Macedo Portilheiro, Octávio Borges de Melo Tavares e Lino Rodrigues Bernardo; a carta de condução de Hugo Valadares Enes Ramos; dezoito folhas dactilografadas com apontamentos; um aro de roda de automóvel; uma camisola de lã; um lenço de seda; um avental; um boné; um bivaque; um pequeno saco com louça; dois pares de luvas; diversas luvas desmanchadas; diversas argolas com chaves e chaves desmanchadas.

Regressou a Estocolmo o piloto solitário

que atravessou o Atlântico a bordo de um monomotor

O monomotor «Pipper Comanche-250», que ontem aterrara em Lisboa, tripulado pelo estudante sueco Olle Ringstrand, de 20 anos, e que fizera um voo da Flórida até Lisboa, escalando as Bermudas e Santa Maria (Açores), completamente só, deslocoou esta tarde para Estocolmo, com escala por Genebra.

O piloto solitário deixou o aeroporto da Portela às 14 e 18.

AOS CLIENTES E COMÉRCIO EM GERAL



F. LIMA & C.ª, SUCR, L.ª,
Lisboa e Porto, têm a honra de avisar os seus amigos, clientes e comércio em geral que, desde 1 de Janeiro corrente, são os representantes exclusivos da Casa OLIVIN WIESBADEN, Alemanha, fabricantes dos produtos BAC-desodorizante, VAC-tónico capilar e shampoo e OPILCA-depilatório.



OLIVIN
WIESBADEN

OLIVIN-WIESBADEN-Alemanha, têm o prazer de avisar o comércio em geral que desde 1 de Janeiro de 1962, são seus representantes exclusivos para Portugal Continental e Insular, a Firma F. LIMA & C.ª SUCR., L.ª Lisboa-Porto.

Parece que Gromyko nada disse de novo ao embaixador norte-americano sobre o problema de Berlim

WASHINGTON, 3. — Segundo fontes informadas desta capital, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gromyko aparentemente, nada disse de novo sobre a política soviética em relação a Berlim, na primeira conferência que teve, ontem, em Moscovo, com o embaixador americano, Llewellyn Thompson.

Juga-se que uma análise das anteriores conversações entre o Leste e o Oeste sobre o problema de Berlim ocuparam grande parte da conferência e que os Estados Unidos pediram a União Soviética, no decurso do encontro, que revelasse as suas condições para uma solução desse problema — (R.).

REUNIAO DE EMBAIXADORES OCIDENTAIS EM MOSCOVO

MOSCOVO, 3. — Os embaixadores Ocidentais nesta cidade reuniram-se pela manhã na embaixada dos Estados Unidos, com Llewellyn Thompson.

O primeiro a chegar foi Hans Kroll (Bonn), seguindo-se, 20 minutos mais tarde, Maurice Dejean (Paris) e Sir Frank Roberts (Londres).

A presença do embaixador da Alemanha Federal constitui uma novidade em relação ao que declarou ontem o representante dos Estados Unidos quando terminou a conferência com Gromyko. Na verdade, Llewellyn Thompson anunciou, então, que Paris e Londres seriam informadas dos pormenores da visita que acabava de fazer ao ministro dos Negócios Estrangeiros soviético.

Segundo as esferas diplomáticas locais, o embaixador americano, no encontro com Gromyko, teria procedido como informador do Ocidente, mas apenas na qualidade de representante dos Estados Unidos. Isto leva a pensar que, numa fase ulterior, os outros representantes ocidentais poderiam efectuar igualmente diligências idênticas à de Thompson. (F. P.).

A INICIATIVA CABE AGORA A GROMYKO

MOSCOVO, 3. — A entrevista de Llewellyn Thompson com os seus colegas francês, britânico e alemão durou 75 minutos. O diplomata americano fez uma exposição muito completa da sua conversação de ontem com Gromyko, disse um informador idóneo.

É curioso notar-se que, na altura em que o mundo inteiro fala das sondagens sobre o problema de Berlim, levadas a efeito pelo embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, a população da U. R. S. S. ignora-se por completo. A imprensa e a rádio não dizem uma palavra da grande actividade diplomática em Moscovo. Os jornais falam de tudo menos da questão de Berlim ou do problema alemão.

A única confirmação dos contactos soviético-americanos foi dada pelo próprio Gromyko, que disse a um jornalista ocidental, na recepção oferecida pela Embaixada de Cuba: «Por agora, é prematuro comentar a minha conversação com Thompson». E confirmou que o embaixador americano tinha afirmado à saída do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviéticos: «Estão previstos outros encontros soviético-americanos, em data a marcar ainda».

Os observadores da capital soviética e os diplomatas acreditados em Moscovo pensam que a iniciativa da próxima entrevista cabe agora a Gromyko, que pedirá a Llewellyn Thompson.

Câmara Municipal do Concelho de Loures SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE AGUA DE MOSCAVIDE

Por imperiosa necessidade de reparação da rede de águas, avisam-se os senhores consumidores, que a água será fechada em Moscavide, no dia 4 de Janeiro, (quinta-feira), das 20 horas às 2 da madrugada.

SERVICOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES, AOS 3 DE JANEIRO DE 1962.

O Presidente do Conselho de Administração

António Eduardo de Oliveira Matta

lyn que o visitasse uma vez estabelecida a exposição que lhe fez ontem. — (F. P.).

OS FUNERAIS de dois assaltantes do quartel do R. I. 3

BEJA, 3. (Pelo telefone) — Malograda a tentativa de assalto ao quartel do Regimento de Infantaria 3 e a cidade tem o aspecto normal e foram atenuadas as disposições militares. As ruas continuam, no entanto, a ser patrulhadas.

Esta manhã realizaram-se para o cemitério local os funerais de dois dos assaltantes mortos, António Pedro Correia Vilar e David da Silva Abreu.

Tendo experimentado durante a noite sensíveis melhoras, permanecendo hoje estacionário, continua a ser grave o estado do ex-capitão Varela Gomes, a quem foi extraído, igualmente, o tórax na segunda intervenção cirúrgica e que o submeteram a um longo período de repouso. Está agora entregue aos cuidados dos médicos, drs. José Maltez e Joaquim Delgado. Logo que o seu estado o permitir será conduzido para Lisboa.

A esposa do ex-capitão Varela Gomes, sr. D. Maria Eugénia Cerqueira Varela Gomes, continua nesta cidade, instalada numa pensão e acompanhada de várias senhoras, encontrando-se na sua residência em Cascais os seus quatro filhos, o mais velho dos quais conta nove anos. A ordem que tinha para falar com seu marido foi agora revogada.

O sr. general Balsa Martins retirou-se já para a capital, ficando a direcção do inquérito aos acontecimentos a cargo de um brigadeiro.

Foi hoje apreendido outro automóvel em Beja

As autoridades apreenderam hoje mais um automóvel abandonado junto do cemitério, um Volkswagen azul-escuro, com a matrícula C15 1639, pertencente ao ex-capitão Vasconcelos Pestana, um dos referidos oficiais do Regimento de Infantaria 3 implicados na tentativa de assalto à mesma unidade.

As autoridades apreenderam hoje mais um automóvel abandonado junto do cemitério, um Volkswagen azul-escuro, com a matrícula C15 1639, pertencente ao ex-capitão Vasconcelos Pestana, um dos referidos oficiais do Regimento de Infantaria 3 implicados na tentativa de assalto à mesma unidade.

Como foram presos dois dos assaltantes ao quartel

Sabese agora como foram presos dois dos assaltantes que se evadiram no momento da rendição.

Dirigiram-se ambos a um monte (a típica casa rústica alentejana) próximo da aldeia de Penedo Gordo, a cerca de cinco quilómetros de Beja, acolhendo-se a uma dependência daquela casa, conhecida por Monte do Cerro, do apelido do seu proprietário. Este foi ali dar com eles e, suspeitando de quem se tratava, iludiu-os prometendo escondê-los.

Entretanto, veio a Beja comunicar o facto às autoridades, que logo se dirigiram para o monte e os prenderam, sem que os dois refugiados lhes oferecessem resistência.

Foram apreendidos aos presos, além de vários documentos importantes, alguns alto-falantes de grande potência e um mapa com desenvolvimento plano topográfico do quartel de Infantaria 3.

Esclarecimento

Pede-nos o advogado, dr. Pestana de Vasconcelos, para esclarecermos que o ex-capitão de Infantaria Vasconcelos Pestana, implicado no assalto do quartel de Beja, não é a mesma pessoa que seu irmão, o capitão, também de Infantaria, António Pestana de Vasconcelos, actualmente em serviço no Ultramar.

Presos em Setúbal dois dos assaltantes do quartel de Beja

SETUBAL, 3. (Pelo telefone) — Em consequência dos acontecimentos relacionados com a tentativa de Beja, na madrugada do dia 1, as corporações locais da G. N. R. e I. S. P. patrulharam as vias de acesso a esta cidade, tendo sido apreendidos dois automóveis, um dos quais abandonado e outro em que se faziam transportar dois indivíduos: o médico dr. António Francisco Correia da Graça Miranda, de 27 anos, residente na Avenida Guerra Junqueiro, 8, 5.º E, em Lisboa, e Gualter Viriato Nunes Bastião, de 33, vendedor de artigos estrangeiros e morador também em Lisboa, na Rua António Pereira Carmilho, 8, 3.º.

Ambos confessaram ter participado no assalto ao quartel de Infantaria 3 pelo que foram detidos e enviados para a capital. No veículo foram encontrados rolos de películas, uma máquina de filmar e um livro de cheques.

FORAM DEMITIDOS DO EXÉRCITO os cinco oficiais implicados no assalto ao quartel do R. I. 3

De Ministério da Exército rebeldes e seguinte nota oficial:

Em seguimento das notas oficiais do Ministério do Exército, de 1 do corrente, em que se deu conhecimento público dos incidentes ocorridos no quartel do Regimento de Infantaria nº 3, em Beja, na madrugada daquele dia, é já possível, em face dos elementos das investigações em curso, fornecer detalhes dos acontecimentos.

Cerca das 2 horas do dia 1 de Janeiro de 1962 apresentaram-se à porta do Regimento de Infantaria nº 3 duas viaturas, uma das quais transportava dois oficiais daquela unidade, capitão Vasconcelos Pestana e tenente Hipólito dos Santos, aos quais o oficial de prevenção da unidade, alferes miliciano Arantes e Oliveira, abriu o portão, após os ter identificados e os mesmos terem justificado a sua presença em virtude de lhes ter constado ter a unidade passado ao regime de prevenção rigorosa.

Neste momento, o oficial de dia à unidade, alferes miliciano Vieira da Silva, estava no seu turno de descanso e o 2.º comandante, major Calapez Martins, presente no quartel, em virtude do regime de vigilância especial em que se encontrava a unidade, recolhido no seu quarto.

Obtida como se descreveu a permissão de entrada da primeira viatura, logo a segunda lhe seguiu na esteira, o que provocou admiração da parte do alferes Arantes e Oliveira que, ao pretender esclarecer-se, foi manietado pelos capitão Pestana e tenente Santos.

Neutralizando o oficial de prevenção enquanto o acesso ao quartel ficou franqueado, dirigiram-se alguns dos assaltantes, entre eles o capitão Varela Gomes, ao quarto do major Calapez Martins, o qual foi despertado por violentas pancadas na porta, o que lhe deu indicação de que algo de anormal se passava. Entregando a porta, teve oportunidade de reconhecer o capitão Varela Gomes ao qual fez frente, atirando-o com um tiro da sua pistola. Seguidamente disparou sobre outros dois assaltantes civis que acompanhavam aquele capitão, os quais também atingiu, mas em condições que lhes permitiram a fuga.

Entretanto, a maioria dos assaltantes, em número ainda não esclarecido, mas que se calcula em cerca de três dezenas, tinha neutralizado os praças que se encontravam em repouso na caserna.

Segue-se a estes factos a actividade do major Calapez Martins, procurando alertar a fazer convergir sobre a unidade a P. S. P. e a G. N. R. locais, que haviam sido prevenidas por elementos da população.

TEATROS E CINEMAS

Para lá da ribalta

O Teatro por aqui — o mundo dos bastidores — é um espectáculo sempre interessante e pavoroso. Entretanto a porta do teatro, e que primeiro se vê é um portão de siguro, do canto de boca, percorrendo, distraidamente, um jornal emarrotado. As jias dos camarões estreitas e baixas fazem lembrar dormitório desconfortável. As coxas correm de um lado para o outro. Filas sempre iguais correm o ambiente pictórico de mil ruidos distintos em que sobressaem os sons de orquestra e as palmas do público. Atrás do palco as indicações cruzam-se. E parece impossível como são ouvidas e compreendidas! E assim, todas as noites e mesmo, o mundo dos bastidores oferece emoções e perspectivas sempre diferentes, mas o mais impressionante é ver a adaptação daqueles homens em mangas de camisa que sustentam pequenos mundos com pedras de mudeira e de papel pintado. São os que o público não vê e que não têm o prêmio dum aplauso mas contribuem silenciosamente, desinteressadamente, para a realização e para o êxito do espectáculo.

Só quem assiste de perto a desentranha dos ensaios dum espectáculo de revista pode avaliar o trabalho, a audácia, e interesse que

tudo merece e quem tem de o escrever. Para esses homens a sua vida é também fazer Teatro, mesmo o Teatro que não cuido de largas e profundas mensagens ou se propõe qualquer renovação. Porém, Teatro que satisfaça como espectáculo, como despesa e como divertimento, calando o público.

Quando soam os ponteiros de Moisés e as luzes se apagam na sala, a gancheria toma vida, o pano sobe rapidamente e o orquestra ataca os primeiros compassos do número de abertura, o espectador não imagina sequer quanto trabalho, quanta luta, quanto esforço foram necessários para que naquele hora de incerteza e de esperança um sonho se transforme em realidade.

Atrás do reposteiro

O realizador da K. T. P. Herlander Pedrote faz parte da equipa técnica de «Prato Proibido», a película americana em rodagem nos estúdios da Tobis.

Numa microgravacão, que em breve será posta a venda estarão reunidas as vozes dos mais populares fadistas, nomeadamente Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Fernanda Maria, Maria José da Guia e Fernando Farinha interpretando uma desgarra com versos de Carlos Conde e Francisco Radamanto.

O actor Carlos José Teixeira, que deixou o elenco do Teatro da Trindade continuará esta época a sua actividade nos estúdios da K. T. P.

O espectáculo «Music-hall 1962», dirigido por Luís Picarra a apresentar no Teatro ABC, tem a colaboração dos cancionistas Gina Maria, Maria José Valério, Lília Martins, Rogélia Paulo, Zelinda Isabel e António Calvário, do acordeonista Filipe de Brito, dos duos «Os Siderais» e «Jolmar», do conjunto vocal «4 de Espadas», do ventríloquo Marius, da parolha de palhaços Irmãos Campos e do «baile» «Erasto and his dancers», Lozmoses, Miguel Simões e Fernando Ruas. Textos de Pedro Rodrigues e Santos Fernando.

O realizador Nuno Bradique, que durante alguns meses dirigiu os estúdios do Norte da K. T. P., regressou a Lisboa, tendo regressado a sua actividade nos estúdios do Lumiar na emissão especial da noite de fim de ano.

No Trindade

continua «O Príncipe de Homburgo»

Logo ao encontro do desejo que lhe foi manifestado por numerosos estudantes, a Companhia Nacional de Teatro começa a efectuar a partir do próximo sábado, «matinées» especiais, com início às 17 horas, da peça de Von Kleist, «O Príncipe de Homburgo».

Calorosamente apiaudido pela crítica e pelo público que tem afluído ao Teatro da Trindade, «O Príncipe de Homburgo» é incontestavelmente um dos mais belos e modernos espectáculos dos últimos anos.

Não se poupando a esforços para dar a todos o melhor teatro aos preços mais acessíveis, criou a C. N. T. para todos os estudantes que queiram assistir a estas «matinées», o preço único de 10 escudos para os lugares de plateia e 1.º balcão. Para o restante público, manter-se-á a tabela de preços normais, que oscilam entre os cinco e os 28 escudos.

IMPERIO

«As térias do sr. Hulot», em sessão clássica

No dia 18 e 30, será exibido, na sessão clássica do Império, o célebre filme de Jacques Tati «As térias do sr. Hulot».

Ministério das Obras Públicas

Foi nomeada uma comissão, presidida pelo major Arrochela Lobo, para proceder ao estudo da generalização, a todos os serviços do Ministério das Obras Públicas dos benefícios das condições económicas e sociais dos seus funcionários, particularmente nos domínios da previdência, da assistência e da habitação.

QUARTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1962

M/ 17 ANOS

UM AUTÊNTICO TRIUNFO DA NOVA VAGA!

Virma Gonzalez

AVENIDA

Telef. 327273

Em 2 sessões — A's 20.45 e 23 h.

A REVISTA SURPRESA 1961

Ó - LÁ - LÁ !

UM PRODIGIO DE RITMO, ALEGRIA E COR!!!

Rosana Tapajós

PELA TREPIDANTE COMPANHIA INTERNACIONAL DE «MUSIC-HALL»

«Ballet Jazz»

Bob Destiny

Nick Nicola

SÓ ATÉ DOMINGO!

ULTIMOS DIAS! A's 21.45

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

NO **VARIEDADES**

Telef. 326037

COM A ALEGRE COMÉDIA PORTUGUESA

Três em Lua de Mel

pela mais alegre companhia de Lisboa!

O Teatro está aquecido pelo sistema «AKO»

A SEGUIR:

A LINHA DA SORTE

Uma nova comédia de franca gargalhada

Costinha em «Dr. Telo Pais»

17 ANOS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em ALMADA - PRAGAL o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na agência do sr. João António Tavares.

4.ª SEMANA TRIUNFAL

LOTAÇÕES ESCOTADAS!

Suprema consagração do maior dos ídolos

NA SUA 1.ª CRIAÇÃO DRAMÁTICA

JOSELITO

MAIORES 12 ANOS

Excl. da SONORO FILME

BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA

OS DOIS GAROTOS

UM FILME ADMIRÁVEL QUE NÃO É SÓ PARA CRIANÇAS! É, TAMBÉM, PARA TODOS OS HOMENS E MULHERES QUE GUARDAM EM SEGREDO UM PECADO DE AMOR...

A ODISSEIA DE DOIS PEQUENOS VAGABUNDOS VÍTIMAS DE UMA ODIOSA CHANTAGEM

CANÇÕES MARAVILHOSAS ADMIRÁVEL ELENCO

UM FILME DE ALTO SIGNIFICADO HUMANO

*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

SAO LUIZ

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

Telef. 327172

(M. 12 anos)

O CAPITÃO MORGAN

com Steve Reeves — Valerie Lagrange — Ivo Carrani

Duelos, abordagens, lutas de morte sob o pavilhão do mais temido pirata dos oceanos!

EDEN

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)

Telef. 320768

EL CID

em Technicolor

Uma produção de Samuel Bronston com Charlton Heston e Sophia Loren

O filme começa a ser exibido logo no início dos espectáculos

POLITEAMA

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

Telef. 326305

EM 2.ª SEMANA DE ENCHENTES

A sensacional comédia de grande espectáculo

«PEPE» com Cantinflas

Dan Dailey, Shirley Jones e ainda 35 celebridades de Hollywood

Cinemascope — Technicolor (M/ 12 a.)

AVALADE

A's 15.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)

Telef. 763080

Duelos, abordagens, lutas de morte, sob o pavilhão do mais temido pirata dos oceanos!

O CAPITÃO MORGAN

com Steve Reeves — Valerie Lagrange — Ivo Carrani

*** COLISEU ***

Empresa Ricardo Covões, Herds.

HOJE, às 21.30

Maiores de 6 anos

CIRCO

AS MARAVILHAS DO ESPECTÁCULO DE

Dezenas de atracções

AMANHÃ

A tarde, entrada gratuita as crianças até 10 anos

TIVOLI

A's 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite

Telef. 50595

(M. 12 anos)

Uma obra-prima do grande realizador John Ford

3.ª SEMANA TERRA BRUTA

com James Stewart, Richard Widmark

SAO JORGE

15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Telef. 54154

3.ª SEMANA

BALCÃO 54154 Yul Brynner e Horst Buchholz

PLATEIA 54153

OS 7 MAGNÍFICOS

Panavision — Colorido um filme de John Sturges

CONDES

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30

Telef. 322523

3.ª SEMANA

AS AVENTURAS DE TIM TIM

O maior herói de todos os tempos e os seus famosos companheiros, pela 1.ª vez no Cinema.

ODEON

A's 15.15, 18.15 e 21.30

Telef. 326283

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

com o famoso ídolo de todas as idades

JOSELITO OS DOIS GAROTOS

Maravilhosas canções — M. 12 anos

ATENÇÃO: Bilhetes à venda para todos os espectáculos desta semana.

RISTELO

A's 21.15 (M. 12 anos)

Telef. 610375

SINDBAD, O MARINHEIRO

com Douglas Fairbanks Jr. — Maureen O'Hara e Anthony Quinn

CINEMA IDEAL

A's 21 horas (M. 17 anos)

Telef. 324194

OS CANALHAS AMAR-TE-EM SEMPRE

GERASSO

A's 21 horas (M. 17 anos)

Telef. 320917

BRINCADEIRAS DO DIABO HISTÓRIA DA HUMANIDADE

ROYAL

A's 15 e 21 n. (M. 17 anos)

Telef. 865037

A PONTE CHRISTINE

CHATEAU

A's 21.30 (M. 17 anos)

Telef. 865037

O SABOR DO MEDO

com Ann Todd — Susan Strasberg — Ronald Lewis

IMPERIO

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

Telef. 555134/5

Annie Girardot, Claude Pascal e Odile Versois

RENDEZ-VOUS

2.ª SEMANA de um grande exclusivo da temporada

A's 18.30 (12 anos) — AS FÉRIAS DO SR. HULOT.

MONUMENTAL

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Telef. 55131

3.ª SEMANA O REI DOS REIS

Uma produção de Samuel Bronston Em super-technirama 70 m/m

ROMA

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)

Telef. 727778

2.ª SEMANA «PEPE»

com CANTINFLAS

Um grande espectáculo com Shirley Jones, Dan Dailey e ainda 35 celebridades de Hollywood

Cinemascope e Technicolor

CAPITULO

A's 15.30 e 21.30 (M. 17 anos)

Telef. 327493

A loucura do ritmo

VAMOS DANÇAR O TWIST!

A história... os artistas... que criaram o ritmo que a todos arrastam!

Com Joly Dee — The Starlits — Teddy Randazzo

AVIS

A's 15.30 e 21.45 (M. 6 anos)

Telef. 47163

2.ª SEMANA DE MARISOL

numa comédia divertida, alegre e sentimental

CHEGOU UM ANJO

com Pulgarito — Isabel Garcés — Julio Sanjuan

MARIA VITÓRIA

Emp.ª Hermes Portela - Tel. 31740

As 20.45 e 23 h. Ad. M/ 17 anos

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS

BATE O PÉ!

2 HORAS DE GARGALHADA!

ARTUR RIBEIRO

é neste momento um grande cartaz em Espanha. Depois de participar no recente Festival de Aranda Del Duero, tomará agora parte num filme, ao lado de Carmen Sevilla. O filme, que se intitula «Enamorata», é inspirado na conhecida canção de Augusto Algueró, vencedor do Festival de Benidorm, e também marido de Carmen

MONUMENTAL

Tel. 555133 — (Ad. M/ 17 anos)

As 21.45 h.

5.ª MÊS LAURA ALVES

no seu grande êxito com ASSIS PACHECO

ÚLTIMOS DIAS 2 HORAS A RIR!

A seguir: «Men Amor é Traição», de Vasco M. Alves (12 anos)

Carnoussel

HOTEL RITZ

LISBOA

HOJE ANDREA TOSI

E SEU CONJUNTO ITALIANO

VENCEDORES DA COPA JAZZ DE 1961

E

JOSÉ MAGALHÃES E SEU CONJUNTO

Telef. 681131 MAIORES 15 anos

TRINDADE

A's 21.45

Tel. 320000

M/ 12 anos

de KLEIST O PRÍNCIPE DE HOMBURGO

com Brunilde — Alves da Costa — Benamor — Figueiredo — Ligia e Mário Pereira no protagonista à frente de

UM GRANDE ELENCO

O SPORTING VENCEU NA COVILHÃ POR 2-0 no jogo de futebol disputado esta tarde

COVILHÃ, 3. — Pelo telefone). — A 11.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, da 1.ª Divisão, ficou hoje, completada, com a disputa do encontro da Covilhã que, no passado dia 24, foi suspenso pelo árbitro quando o Sporting venceu, por 1-0, e faltava cerca de um quarto de hora para o seu final.

Muito Sol e um excelente tempo levaram ao campo «Santos Pinto» uma boa assistência, facto a assinalar devido a tratar-se de um dia de semana. As duas equipas:

SPT. COVILHÃ — Rita; Lourenço e Couceiro; Lfzinha, Cavém e Carlos Alberto; Palmeiro Antunes.

A elaboração do novo Estatuto da Caça

Do gabinete do Secretário de Estado da Agricultura recebemos a seguinte nota:

«Há muito que se começara a sentir a necessidade de uma revisão da legislação em vigor sobre caça.

Matéria tão importante, como esta — que largamente interessa todo o País e mais directamente a tantos milhares de portugueses que se dedicam à caça e que, tendo um enorme interesse sob o ponto de vista desportivo e turístico, o assumem também para a economia nacional — não podia deixar de ser considerada, como acaba de ser.

Ultimou-se, na Secretaria de Estado da Agricultura, o projecto do novo Estatuto da Caça. Pretende-se facultar o respectivo texto, para apreciação, a todas as pessoas — designadamente caçadores e associações desportivas — que se interessam pela discussão do problema e queiram, com os seus pareceres que serão devidamente considerados, contribuir para o aperfeiçoamento de um diploma de cujas regras são os mais directos destinatários.

O texto do projecto acha-se já à disposição dos interessados na sede da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, em Lisboa (Av. João Crisóstomo, 26), e também nas sedes das Circunscrições e Administrações Florestais, espalhadas por todo o País.

Os pareceres que os interessados desejarem produzir deverão ser enviados ao gabinete do Secretário de Estado da Agricultura até ao dia 31 de Janeiro de 1962, impreterivelmente, dactilografados em papel corrente de máquina, formalmente apresentados para que a análise crítica seja referida aos diversos artigos do projecto, sem prejuízo da apreciação genérica que se pretende fazer».

ESTAMOS APTOS a vibrar em Israel um golpe fatal

— diz o ministro da Guerra da R. A. U.

CAIRO, 3. — «As forças egípcias estão agora aptas a vibrar um golpe mortal a Israel» — declarou o marechal Abdel Harim Amer, vice-presidente da R. A. U., ministro da Guerra e comandante-geral do Exército, numa reunião de oficiais. Anunciou na mesma altura que desde Julho passado se procede à execução de novos planos militares com o objectivo de aumentar os armamentos e preparar as forças de segurança para toda e qualquer agressão exterior eventual.

E afirmou: «Hoje, Israel não se atreveria a desencadear um ataque contra o Egipto. A potência actual das nossas forças armadas é mais que suficiente para repelir qualquer agressão do exterior. Elas estão aptas a vibrar um golpe fatal ao inimigo» — (F. P.).

CONTINUAMOS A OFERECER !...

OURO E PRATA A PESO

Jóias e Relógios de todas as marcas, mais baratos do que a tabela, só encontra no

BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56

nes, Patiño, Chacho, João e Mantigueiro.

SPORTING — Carvalho; Lino e Hilário; Pêrides, Morato e Mendes; Figueiredo, Monteiro, Diego, Geo e Morais.

Árbitro — Samuel Abreu (Santarém).

As primeiras situações de carácter ofensivo pertenceram aos visitantes que aos 4 minutos, marcaram de dois «cantos» que, marcados por Morais e Figueiredo, não resultaram. A bola movimentava-se rapidamente, sucedendo-se um curto período de equilíbrio territorial.

Gradualmente, o Sporting tomou o comando da partida e, aos 10 minutos, Geo, que atirou fortíssimo, após ter finto Cavém, fez passar o esférico rente à trave. Três minutos volvidos, Diego, sózinho em frente de Rita, desperdiçou uma oportunidade de abrir o activo; fez passar a bola rente ao poste.

Por volta dos 20 minutos, os locais insistiram no ataque, obrigando a defesa visitante a intervir, algumas vezes com aspereza. Palmeiro Antunes marcou dois «cantos» e o mesmo jogador provocou um mergulho, aos seus pés, do guarda-chova Carvalho, que safou uma situação delicada.

Chacho, aos 35 minutos, podia ter batido Carvalho, mas a bola adiantou-se-lhe.

Na resposta, o Sporting fez 1-0, golo conseguido por Figueiredo, com um toque suave e bem colocado, concluindo um entendimento entre Pêrides e Morais.

Depois, o Sporting passou a comandar, compelindo os serranos a cuidar da sua defesa e Rita por duas vezes (numa delas em intervenção espectacular para «cantos» a desviar um remate de Geo, desferido a curta distância) a executar defesas de categoria.

O intervalo chegou com os lisboetas a vencer por 1-0.

Quando recomeçou a segunda parte, sem Sol, a chuva caiu, mas por poucos momentos, para reaparecer, em cadência forte, a seguir. Os covilhanenses instalaram-se ao ataque, aproveitando os extremos. Até aos 10 minutos, a feição não se alterou, embora Chacho, no decorrer do mesmo lance, houvesse desperdiçado uma recarga após defesa difícil de Carvalho.

Os serranos animaram e os visitantes tiveram que acautelar-se na sua rectaguarda. A situação manteve-se até aos 20 minutos, atacando os locais com impeto pelo que o perigo era frequente junto das balizas de Carvalho.

Entretanto, o Sporting reagiu, ganhando um «canto», mas o antagonista levou-lhe vantagem nesse aspecto. Aos 21 minutos, dois «cantos» quase consecutivos. Os lisboetas acantonavam-se na sua área.

Depois de dois contra-ataques dos lisboetas, aos 25 minutos, uma decisão do árbitro levantou um coro de protestos. Palmeiro Antunes foi derrubado por Morato, dentro da área, mas o juiz de campo em vez de grande penalidade assinalou «divre» que Couceiro não concretizou.

A meia hora os lances repartiam-se e Rita provocou «canto», anulando uma tentativa de Geo. Entretanto, o Sporting foi ganhando ascendente. Diego, aos 31 e 32 minutos, não tirou benefício de dois momentos de golo. No primeiro, «picou» a bola demasiado e, no segundo, sobre o risco da baliza dos covilhanenses, com Rita batido, «defendeu» uma bola atirada, de cabeça, por Geo.

O grupo da capital prosseguiu nas suas ofensivas, enquanto os locais acusavam cansaço. P. Antunes e Joab trocaram de posições, mas sem resultados palpáveis.

Aos 43 minutos, o Sporting elevou o marcador para 2-0, golo de Diego que aproveitou um deslize de Rita quando este se lhe lançou aos pés. A bola escapou-se ao guarda-redes e o avançado «leonino» não perdeu.

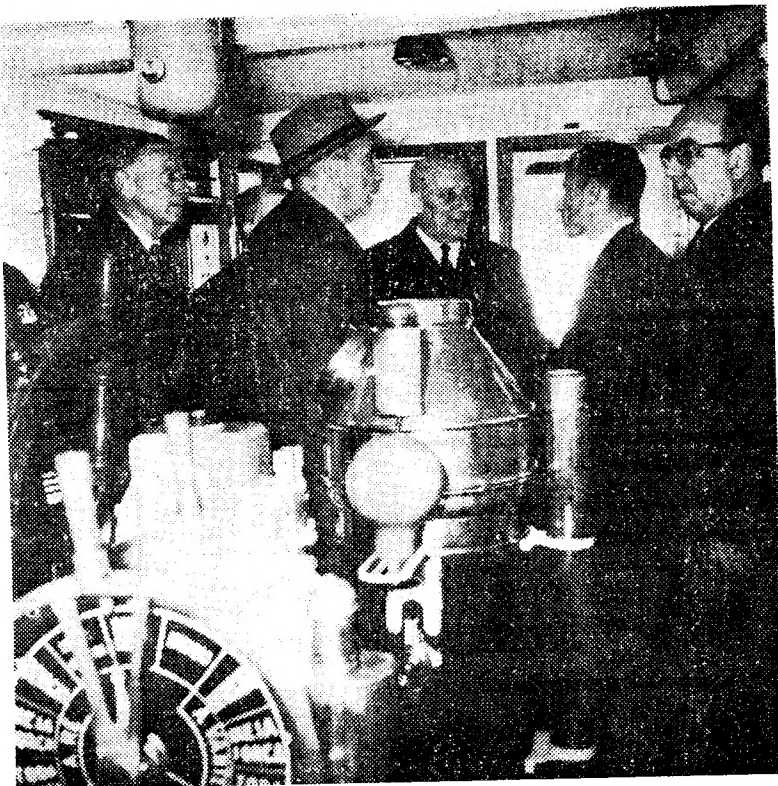
O jogo terminou, pois, com a vitória do Sporting por 2-0, o que equivale a conservar-se no 1.º lugar da classificação sem derrotas.

SERVIÇOS DE CHÁ

GRANDE VARIEDADE—FABRICO PRÓPRIO

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 24564



O ministro da Marinha com os almirantes Nuno de Brion e Newton da Fonseca e com o eng. Couto dos Santos, na ponte do «Ponta Delgada»

O MINISTRO DA MARINHA visitou o «Ponta Delgada» que se destina à cabotagem entre as ilhas dos Açores

O navio «Ponta Delgada», da Empresa Insulana de Navegação, que se destina à carreira entre as ilhas do Arquipélago dos Açores foi esta manhã, visitado demoradamente pelo titular da pasta da Marinha.

O sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, que se fazia acompanhar do seu ajudante, primeiro-tenente Macedo Alvarenga, foi recebido no cais da eclusa da Rocha de Conde de Obidos, onde aquela unidade se encontra atracada, pelos almirantes Newton da Fonseca, director-geral da Marinha, Nuno de Brion, delegado do Governo junto da empresa armadora, capitães-de-mar-e-guerra, Jerónimo Henriques Jorge, Jierno Bagulho, Correia Guedes e Santos Cardoso, respectivamente presidente e vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, director da Marinha Mercante e capitão do Porto de Lisboa, e ainda, pelo capitão-de-fragata Malheiro do Vale, comandante da Polícia Marítima, assim como pelos administradores da Insulana eng. Couto dos Santos e comandante Simões Vaz e pelo sr. eng. João Rocheta, director dos estaleiros da Novalis e José Manuel de Melo, administrador da Sociedade Geral do Comércio, Indústria e Transportes, assim como pelo comandante do navio Armando Gonçalves Cordeiro.

O almirante Quintanilha Men-

A CARRIS VAI pôr em circulação mais 38 autocarros de dois pisos

Como em todas as grandes cidades, o problema dos transportes colectivos em Lisboa está longe de se encontrar integralmente resolvido, apesar dos melhoramentos sucessivos que neste aspecto têm sido introduzidos.

A Companhia Carris, a partir de Agosto do ano findo, pôs em circulação 28 autocarros de 2 pisos. E este ano entrarão em serviço, brevemente, mais dois. Porém, a partir de Março, vai aumentar o número de carros em circulação com mais 36 autocarros, também de dois pisos, o que virá diminuir sensivelmente as deficiências que actualmente se verificam.

Por outro lado, têm sido criadas recentemente novas carreiras, que são: a 32, do Cais do Sodré ao Hospital de Santa Maria; 33, do Torel ao Campo Grande; e 33-A, do Hospital do Desterro ao Hospital de Santa Maria.

A partir de hoje, as carreiras 7, 8 e 10, que saíam da Praça do Chile para Alvalade, Calçada de Carrixe e Moscardide, passam a sair da Rua António Pedro e José Falcão.

A forte corrente arrastou quase todas as esquadras O navio alemão encalhou junto da ponte da

PORTO, 3 — A cidade está a viver horas de grande angústia, causada pelas gravíssimas proporções que a cheia do Douro assumiu. Durante toda a noite, o movimento na zona ribeirinha foi extraordinário, continuando a acorrer às margens do rio milhares de pessoas na ansia de presenciarem o espectáculo impressionante da cheia e do garrar dos navios que, a partir das 23 horas, começaram a ser arrastados rio abaixo.

Numerosas famílias ficaram sem lar

Causou profunda emoção a sorte do capitão do barco espanhol «Puerto de Alicante», D. Juan Saragoça, de 31 anos, natural de Málaga, que possivelmente, vítima de uma alucinação, se deixou deslizar por um cabo do seu navio, quando este se encontrava ainda atracado ao Cais do Vinho do Porto e, arrastado pela corrente, desapareceu nas águas, precisamente quando os bombeiros faziam esforços para o convencer a abandonar o navio, com auxílio de cabos.

O corpo do capitão Juan Saragoça, capitão do «Puerto Alicante», apareceu às 9 horas da manhã de hoje no lugar da Lagoa, freguesia de A-Ver-o-Mar, Póvoa de Varzim.

Por mais de uma vez, tem sido noticiado que na cheia de 1909 as águas atingiram, na Régua, a altura de 24 metros, quando o certo é que o seu máximo foi de 26 metros. Nesta cheia, o máximo verificado foi de 23,10 metros, mas também é preciso notar-se que o mar, em todos estes dias, tem estado muito calmo, dando grande saída às águas, o que se não verificou naquele ano.

As águas, agora, ultrapassaram



Desde ontem à tarde que algumas casas do bairro de Miragaia estavam inundadas

SURREALISTA até na morte

MIDDLETOWN (Nova York), 3. — O pintor surrealista e ilustrador Kurt Seligmann, de 61 anos, sulco de nascimento, morreu a noite passada, nesta cidade, quando uma pistola de que era portador se disparou no momento em que ele escorregou no gelo, próximo da sua residência, a pouca distancia de Middletown — revelou a Polícia. — (R.).

os primeiros andares das residências da beira-rio. Durante a noite, as autoridades providenciaram no sentido de dar alojamento a numerosas famílias que tiveram de abandonar as suas residências e que não tinham, na ocasião, onde acolher-se.

O abade da igreja de S. Nicolau mandou abrir o templo, dando ali abrigo a muitas dezenas de pessoas.

A estrada marginal para Entre-

A corrente do Douro astou rio abaixo as embarcações nele fundeadas

O alemão «Eifel» sinto de um pilar da Arrábida

o trânsito tem de ser feito pela Avenida da Boavista. Na zona da Ribeira, algumas casas ameaçam ruir, pelo que as autoridades estão a mandar evacuar os moradores dos andares superiores, tendo já seguido para ali uma escada «Magirus», por onde desceram já muitas pessoas.

Apenas dois barcos resistiram à corrente

Des barcos ancorados em diversos pontos do rio, a hora a que telefonamos, só o vapor alemão «Eifel», atracado ao cais do terreiro, mas em crítica situação, e o lugre-arrastão «Avis», conseguiram aguentar a força das águas. Este mesmo, rebentou com alguns grandes pilares de pedra onde estava amarrado, pelo que esses cabos foram mais tarde amarrados a árvores e postes dos transportes colectivos, da Alameda Basílio Teles.

Dos que garraram e foram rio abaixo, saíram a barra o navio espanhol «Puerto de Alicante»; os arrastões do bacalhau «João Martins» e «Invicta» e ainda os lugres «Bata Novo», «Sadino» e «Teófilo». Todos estes barcos foram arrastados de noite e sofreram estragos por baterem noutras embarcações e em pedras. Ao longo, de atalhia, encontravam-se os rebocadores da Administração dos Portos do Douro e Leixões «Vandoma» e «Monte Grande». O primeiro, conseguiu lançar um cabo ao «Puerto de Alicante» e rebocou-o para Leixões, tendo metido, entretanto, a bordo, a sua tripulação, que numa lancha dos pilotos se dirigiu para o seu barco.

Mais tarde, o rebocador «Monte Grande» conseguiu apanhar o arrastão «Invicta» e, ajudado pelo

idos e a deriva a oeste de Leixões, está a ser seguido por uma traineira, que tenta «pescá-lo».

Também garrou o navio inglês «Lanrick» que se encontra encalhado em frente de Massarelos, depois de ter vindo rio abaixo. Este barco, ao chegar ali, rebentou com as amarras dos três lugres de que atrás falámos e do arrastão «Senhora do Mar». O arrastão, depois de ziguezaguear, no meio do rio, foi direito à Alameda Basílio Teles e, batendo com a proa no muro do passeio, ali ficou, encostado às árvores e sobre as instalações do cais do peixe do Frigorífico. Na hipótese de se soltar, ameaça o iate de recreio americano «Pigmaleão», ao qual já causou estragos, e o lugre «Avis». Entretanto, já meteu no fundo algumas barcas que ali se encontravam.

Também o vapor alemão «Eifel», que durante a noite garrara e viera rio abaixo, saiu esta manhã a barra. Este navio, depois de tocar em alguns pontos, foi encalhar junto de um pilar da ponte da Arrábida, onde esteve, durante horas, a bater, acabando por causar fracturas na estrutura. Em face do perigo, foram-lhe hoje cortadas as amarras que de noite lhe haviam sido lançadas. As águas do rio levaram-no, então, para o mar, onde o rebocador «Vandoma» o apanhou e levou para Leixões.

Na Régua, o rio baixou 80 centímetros

Durante a noite, também se afundaram muitas barcas e outras foram arrastadas para o mar, o que eleva os prejuízos a números extraordinariamente elevados. O rio continua a trazer destroços de toda a ordem, embora na Régua o nível das águas tenha baixado 80 centímetros, atingindo a altura de 22,40 metros.

As ligações ferroviárias com a Régua continuam interrompidas, bem como as ligações pela estrada marginal. Naquela vila, os bombeiros evacuaram esta manhã algumas pessoas que se encontravam ainda nos andares superiores das casas isoladas pelas águas. Os prejuízos são muito elevados, principalmente na Rua da Ferraria, onde se encontram inundadas muitas casas comerciais.

Em frente a Viana do Castelo foram encontrados a boiar aparelhos de televisão e rádios

VIANA DO CASTELO, 3 — Ao princípio da noite de ontem e na manhã de hoje, alguns barcos a motor, desta praça, que andavam na faina da pesca, recolheram no mar, onde andavam a boiar, alguns aparelhos de televisão, rádios, contadores eléctricos, etc. Todo o material recolhido foi entregue no posto da Guarda Fiscal, de onde transitou para a delegação aduaneira. Supõe-se que este material estivesse em qualquer batelão destinado a embarque ou desembarque, que se tivesse afundado devido à cheia do rio Douro.

Dezenas de casas desaparecidas em Fozcoa devido à cheia

CARRAZEDA DE ANSIAES, 3 — Em consequência da grande cheia do Douro, ficaram destruídas 36 casas de habitação, na povoação de Fozcoa, deixando sem abrigo dezenas de famílias. Do aglomerado existente entre a linha do caminho de ferro e o rio Douro, apenas estão de pé quatro ou cinco casas, mas tudo leva a crer que acabem por se desmoronar, pois encontram-se submersas.

As casas desaparecidas eram, na sua quase totalidade, habitadas por ferroviários, que ficam na maior miséria.

O chefe do distrito e o presidente da Câmara visitaram o local, a inteirar-se do sucedido, aguardando-se que providências sejam dadas, para auxiliar as vítimas das cheias.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Em Vila Nova de Gaia, precisamente na Rua Candido dos Reis, os bombeiros recolhem os moradores das casas inundadas

O NÍVEL DO TEJO ESTÁ A DESCER mas a Chamusca continua bloqueada pelas águas

Com a melhoria do tempo, o nível das águas do Tejo, embora lentamente, está a descer, em Abrantes muito embora continue ainda cortada a estrada que liga o Tramagal ao Rossio de Abrantes. O trânsito pela Ponte dos Catorze continua a ser perigoso, em consequência de ter abatido uma das guardas da ponte, tendo arrastado na queda parte do muro de suporte.

Entretanto, a vila de Chamusca continua bloqueada pelas águas, que impedem as comunicações com Abrantes e a Golegã, e entre Almeirim e Santarém. Todos os caminhos foram atingidos pela inundação, que causou enormes prejuízos nos campos, onde a sementeira já havia sido feita. A única estrada que pode ser utilizada é a que liga a ponte de Vila Franca de Xira.

No Ribatejo a cheia mantém-se estacionária

SANTARÉM, 3. — A cheia no Ribatejo mantém-se estacionária. As escalas hidrométricas marcavam: em Vila Velha de Ródão, às 24 horas, 10,80 m; às 3 horas, 10,90 m; às 6 horas, 10,90 m; às 9 horas, 10,85 m. Na Barquinha às mesmas horas: 7,88 m; e a partir das 3 horas, 7,86 m. Em Santarém 7,42 m, e 7,44 m, a partir das 3 horas.

Continua interrompido o trânsito na estrada de Santarém a Lisboa, no lugar da Ponte Asseca; na estrada de Santarém a Almeirim; de Tapada a Alpiarça; Golegã a Chamusca; Azinhaga a Golegã; Vale de Figueira a Pombalinho; Santarém a Alcanhões e Ponte do Soeiro.

Esta madrugada, foi também fechada ao trânsito a estrada n.º 118, entre Benfica do Ribatejo e Almeirim, no sítio do Vale da Fonte da Moura.

O aspecto da campina é surpreendente, sendo ao mesmo tempo desolador.

A cheia do Zêzere ameaça destruir a Ponte Filipina do Cabril

PEDRÓGÃO PEQUENO, 3 — Nos últimos dias, aumentou a intensidade das chuvas, trovoadas e ventos ciclónicos, o que provocou cheias como há anos se não viam já nesta região. Os ribeiros saíram fora dos leitos, provocando arrastamento de terras de sementeira, e há também a registar o desmoronamento de paredes de hortas e de habitações.

Na barragem do Cabril, devido à albufeira se encontrar repleta e o caudal do rio ter subido duma forma prodigiosa, os descarregadores foram abertos, bem como a descarga de fundo. No entanto, há a registar o receio da antiga ponte filipina do Cabril, sobre o Zêzere, não aguentar a enorme pressão da água que a envolve, visto que o nível da cheia atingiu as guardas da ponte, facto que sucede pela primeira vez.

Campos alagados

VILA FRANCA DAS NAVES, 3 — Tem chovido torrencialmente nesta

região. Na madrugada de ontem, a água foi tanta que inundou completamente os campos, transformando-os num verdadeiro lago.

O trânsito para o povoação de Moimenta está interrompido, em consequência da estrada ter sido alagada em vários pontos.

Estradas cortadas pelas cheias

Devido à cheia do rio Douro, está interrompido o trânsito na estrada marginal entre a ponte de D. Maria, no Porto, e o Freixo; na E. N. 108, entre a Rede e a Régua e no cruzamento da estrada 108 com a estrada 12, no Freixo.

Estão igualmente cortadas, devido à cheia do Tejo, as estradas seguintes: E. N. 3-1, entre Azambuja e estação do caminho de ferro; no Dique dos Vinte, na E. N. 118, entre Tramagal e Rossio ao Sul do Tejo; na E. N. 365, entre Ribeira de Santarém e Alcanhões e entre Azinhaga e Golegã; na E. N. 368, entre Tapada e Alpiarça; e na E. N. 368-1, entre as proximidades de Alpiarça, pelo Patacão e Vale de Cavalos.

Também estão interrompidas as comunicações na E. N. 222, entre Canedo e Castelo de Paiva, podendo o trânsito ser feito por Arouca, pelas estradas nacionais 224 e 326, entre Castelo de Paiva e Corga do Lobão; na E. N. 342, entre Lourical e Soure, podendo o trânsito nesta região, fazer-se por Pombal, pelas estradas nacionais 237 e 1; e na E. N. 347, entre Montemor-o-Velho e Alfaiões (faz-se o trânsito por Coimbra) e na E. N. 341, entre Calvete e Amieira.

Socorros da Caritas e da Cruz Vermelha aos sinistrados de S. João do Estoril

A Caritas Portuguesa mandou, hoje, distribuir colchões e mantas pelos moradores da Rua do Vale de Santa Rita, em S. João do Estoril, mais atingidos pela cheia que ali causou grandes prejuízos, e amanhã procederá a uma distribuição de géneros alimentícios na Igreja de Santo António do Estoril.

Também a Cruz Vermelha Portuguesa distribuiu entre os habitantes mais necessitados géneros de mercearia e cobertores. A acção destes dois organismos foi calorosamente elogiada pelos moradores do sítio, que viram deste modo atenuados os prejuízos causados pelo temporal.

EM 3 LINHAS

O capitão-de-mar-e-guerra José Pimenta de Almeida Beja Camões Godinho foi nomeado segundo-comandante do Comando Naval de Angola.

A folha oficial publicou hoje a relação dos assistentes escolares, assistentes auxiliares e prefeitos que já prestavam serviços e a contrator do Lar Académico de Filhos de Oficiais e de Sargentos.

O comodoro-médico Raul Eduardo Ribeiro foi exonerado do cargo de presidente da Junta de Saúde Naval e nomeado director do Serviço de Saúde Naval.

Foi nomeado director do Serviço de Administração Naval o comodoro de administração naval Henrique da Costa Madeira.

Foi fixada a zona de protecção à Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim.

Está concluído o novo edifício das messes para oficiais e sargentos do Batalhão de Caçadores n.º 6, em Castelo Branco.

O engenheiro-geógrafo Alberto Leão Dinis, meteorologista-chefe do Serviço Meteorológico Nacional, foi nomeado pelo prazo de dois anos, director do Serviço Meteorológico de Angola.

Foram aprovados os estatutos da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, com sede em Lisboa.

Foi aprovado o novo compromisso, a título provisório, da Santa Casa da Misericórdia de Azinhoso (Mogadouro).

Em Tancos, vão ser construídos três edifícios para casernas de praças e um para depósito da secção de subsistências do Regimento de Caçadores Para-queidistas. A obra custará 4383 contos.

Foi dada nova redacção a várias disposições do Decreto-Lei n.º 35 042 e do Estatuto Judiciário, por um decreto-lei que também insere disposições relativas aos serviços da Polícia Judiciária.

AGRAVOU-SE EM ESPANHA a situação criada pelas inundações

MADRID, 3 — A situação agravou-se a noite passada nas províncias de Leão, Valladolid e Zamora — ao noroeste de Espanha — em consequência das cheias.

A ribeira Valderaduey inundou quatro aldeias na provincia de Leão, uma na provincia de Valladolid e outra na provincia de Zamora. As águas de outras ribeiras cobrem vastas extensões destas três provincias, onde se encontram várias aldeias inundadas.

Os comboios não circulam entre Madrid e a Corunha. Está também interrompido o tráfego ferroviário entre a capital e as cidades de Santander e Bilbao.

Ao sul da Espanha, 20.000 pessoas foram forçadas a abandonar a cidade de Huelva. Em Cádiz, a tempestade obrigou os navios a refugiarem-se no porto.

Em Ciudad Real, a velha torre do Alcazar, construída no século XIII por Afonso X, ruíu.

Na provincia de Zamora, os habitantes de duas das aldeias cercadas pelas águas têm que ser reabastecidos de avião. Por sua vez, os habitantes de um dos bairros de Zamora tiveram de ser evacuados.

Noutro ponto da Espanha, ao norte da provincia de Palência, caíram nas ultimas vinte e quatro horas abundantes nevões. — (F. P.).

Para todos os que devem
deixar rapidamente de tossir

Cada pastilha contém 6 ingredientes
medicinaisVickque suavizam a garganta
e acalmam rapidamente a tosse.

6 ingredientes medicinais... e pronto!

Pastilhas Vick para a tosse!



NECROLOGIA

FUNERAIS

Salvador da Costa

MONTEMOR-O-NOVO, 3 — Faleceu o sr. Salvador da Costa, de 97 anos de idade, viúvo, natural de Montemor, que era o seu habitante mais velho.

O extinto, que foi largos anos comerciante desta vila, era o sócio n.º 1 da Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense (Pedrista), agremiação recreativa que o ano passado comemorou o seu 1.º centenário; e, em 1880, fez parte dum Corpo de Bombeiros Voluntários, organização esta que teve pouca vida.

Era pai dos srs. Salvador Romeiras da Costa, funcionário superior do Banco Ultramarino, António Salvador Romeiras da Costa, negociante de cereais, Manuel Salvador Romeiras da Costa, funcionário público, e dr. Francisco Salvador Romeiras da Costa, médico em Vendas Novas.

O funeral efectuou-se para o cemitério local.

Joaquim Guedes

CASTRO DAIRE, 3 — Com 86 anos, faleceu nesta vila o sr. Joaquim Guedes, viúvo, proprietário da Empresa de Camionagem Joaquim Guedes, Filho & Genros, Lda.

Era pai do sr. João Guedes, já falecido e das srs.ª D. Benilde Augusta Guedes Costa, casada com o sr. Gomecindo dos Santos Costa e da sr.ª D. Isaltina Guedes Clemente casada com o sr. António Clemente da Costa, avô dos srs. engenheiro Orlando Ferreira Guedes e Alcides Ferreira Guedes, sócio-gerente da Empresa Guedes, e da sr.ª D. Maria Augusta Guedes Duarte d'Oliveira, directora-técnica da farmácia da Misericórdia, casada com o sr. dr. João Duarte d'Oliveira, conservador do Registo Civil e Predial nesta vila; Albertino Guedes Costa, sócio-gerente da Vencedora Castrense, de Viseu; da sr.ª D. Maria Isaltina Guedes Costa Tomás Henriques, casada com o sr. Ilídio Tomás Henriques, industrial em Alenquer; e dos srs. António Isaltino Guedes Clemente e Adalberto Dinis Guedes Clemente, comerciantes em S. Paulo — Brasil; e sogro da sr.ª D. Adelaide Ferreira Guedes.

Gregório Carrasco Raposo

ÉVORA, 3 — Para o cemitério dos Remédios, desta cidade, efectuou-se com grande acompanhamento, o funeral do sr. Gregório Carrasco Raposo, de 66 anos, natural da Mina de S. Domingos analista da Brigada Técnica da XII Região Agrícola, desta cidade.

Era casado com a sr.ª D. Josefa Maria Fialho Raposo, professora do ensino primário oficial, e pai dos srs. dr. Afonso Fialho Raposo e capitão Leonel Fialho Raposo.

D. Felícia Santana de Oliveira

ÉVORA, 3 — Com numeroso acompanhamento efectuou-se para o cemitério desta cidade, o funeral da sr.ª D. Felícia Santana de Oliveira, de 91 anos, mãe do sr. Francisco Santana de Oliveira, funcionário do Grémio de Panificação do Distrito de Évora.

SUFRAGIOS

Casimiro Teles Guedes

Na igreja de Santa Isabel, mandada celebrar pela família, reza-se amanhã às 12 e 25, missa de sufrágio por alma do sr. Casimiro Teles Guedes.

Diário

da Cuir Banda

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Garcia* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Central* — R. de Oliveira, 11-B (Tel. 070504).

BARREIRO — *Central* — Av. da Bélgica, 48 (Tel. 023207).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 48 (Tel. 070254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 039025).

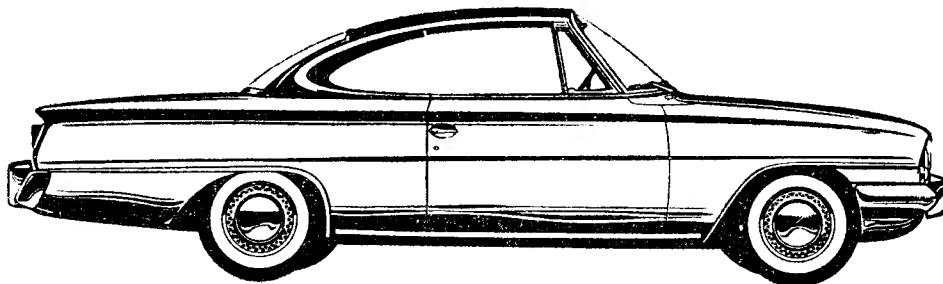
MONTIJO — *Giraldes* — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 030008).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 57 (Tel. 029028).

SEITBAL — *Costa* — R. da Misericórdia, 48 (Tel. 22766).

CONSUL

Capri



O MAIS SENSACIONAL E LUXUOSO COUPÉ
EM EXPOSIÇÃO
NOS CONCESSIONÁRIOS



J. MENDES COELHO, LDA.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A

Comarca de Lisboa

8.º JUÍZO CIVEL

ANÚNCIO

No dia 19 de Janeiro próximo, pelas 14 horas, á porta do 8.º Juízo Cível desta comarca, vai á praça, pela 1.ª vez, nos autos de acção especial de venda de penhor movidos por Mário Francisco Delgado contra Maria Olímpia da Silva Baptista, solteira, maior, gerente comercial, Trav. Enviado de Inglaterra, 1-3.ª — desta cidade, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima de 53.000\$000 o veículo automóvel da marca SIMCA, com a matrícula BL-3 9-27, que se encontra depositado na garagem «Motor Palácio», Rua Andrade Corvo, 31-B.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1961.

O chefe da 2.ª secção.

José Roque

VERIFIQUE!

O Juiz de Direito.

António Augusto de Oliveira Pinto

CARPETES - TAPETES PASSADEIRAS

CONSULTE

DURANTE O PRESENTE MÊS
O DEPÓSITO DA

Fábrica TRICANA

Avenida Praia da Vitória, 48-A
L I S B O A

(ao lado do Teatro Monumental)



CASIMIRO TELES GUEDES

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA
F A L E C E U

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Maria Luisa d'Afonseca Passanha Guedes, José Manuel Passanha Guedes, sua mulher Maria de Lourdes B. Barreira Guedes e filhos; Luis d'Afonseca Passanha Guedes, sua mulher Maria Amélia Gomes Cardoso Guedes e filhos; Francisca Teles Guedes Padinha, D. Diogo Francisco d'Afonseca Passanha e sua mulher e demais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente e que amanhã, dia 4, pelas 12,25 horas na Igreja de Santa Isabel, será celebrada Missa pelo eterno descanso de sua Alma, agradecendo desde já a todos aqueles que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO



João Joaquim Tomás

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 4, ás 12 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Sacavém por intermédio do nosso
agente Mariano Augusto Sampaio.



DR. JOSÉ COELHO DE MONTALVÃO

CAPITÃO-DE-FRAGATA
(MÉDICO APOSENTADO)

FALECEU

Henriqueta Montalvão de Sampaio e Melo e seu marido, Manuel Maria de Sampaio e Melo, Eugénia Montalvão Freitas e seu marido, Luís Américo de Freitas, Eugénia Montalvão Ponce de Leão, seu marido e filhos, Maria da Conceição Montalvão Freitas do Vale e seu marido, Manuel António de Sampaio e Melo, mulher e filhos, Aníbal de Sampaio e Melo, mulher e filhos, Norberto de Sampaio e Melo e sua mulher, Eugénia de Sampaio e Melo Ferreira, marido e filhos, Candida de Sampaio e Melo Monteiro, marido e filho, (ausentes), Lucília de Sampaio e Melo Ferreira, marido e filha, Maria de Sampaio e Melo Pinheiro, marido e filho e mais família participam o falecimento do seu extremoso irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral têm lugar amanhã, pelas 11 horas da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

ANTIGA AGENCIA LOURENÇO
Telef. 638026

O bom gosto aconselha...
ESTORES VITÓRIA
CORIM - ERMESINDE - TELÉF. 270270 e 270276

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da 1.ª página)

lítica mundial pudessem opor-se com eficácia às ambições de que foi vítima Goa. Temos assim de descer mais fundo no exame da questão e explicar com algum pormenor como tudo foi possível.

A lógica de Nehru é diferente da nossa

O caso de Goa pode dizer-se que nasceu no momento em que a União Indiana se tornou independente. Apesar de o Império das Índias se haver cindido em vários Estados, a União Indiana, que muito contrariamente teve de conformar-se com a cisão, passou a considerar-se a si própria como verdadeira sucessora da Inglaterra e no fundo como o Estado que aglutinaria mais tarde ou mais cedo os outros Estados do Indostão. União Indiana, Índia, Indostão são termos que, confundindo a geografia e a ambição política, passaram a representar uma identidade na mente dos dirigentes de Nova Delhí.

Nesta orientação e tomando partido da confusão dos primeiros anos, a União Indiana fez um vasto trabalho de unificação por meio de acordos, de pressões e conquistas, e detém a posse de outros territórios, como Caxemira, mesmo contra os repetidos votos e a condenação formal das Nações Unidas. O primeiro-ministro da União Indiana, pandita Nehru, é o representante máximo desta ideia imperialista contra a qual se esboçaram todas as outras que também dizia professar — pacifismo, não violência, boa vizinhança. Não é o barbaço das contradições nem do pensamento nem da acção, que aliás alguns benévola mente atribuem às variações da opinião pública. Abusa do ilógismo ou pelo menos a sua lógica é diferente da nossa. Os anos de Londres podem ter-lhe facultado traços de cultura europeia mas não tocaram a sua formação de origem. A procura de alguma coisa que cimente, para garantir da mais que precária unidade política, o embebedado dos povos e raças que habitam o subcontinente, julga encontrá-la no substracto hindu. E por mais estranho que pareça a quem escuta as suas preleções, o primeiro-ministro da União Indiana é no fundo um racista e um antiocidental, pacifista em teoria e agressor na prática. E não só na Ásia. A braços com a sobrepopulação e a miséria, tem também os seus planos de África, da África deserta, onde espera que o indiano pode vir a substituir o branco.

Quem não tiver bem presentes estes pontos de referência não compreenderá a acção indiana que em anos não muito distantes se desenvolverá naquelas partes do Mundo, nem entenderá o que se passou em Goa.

O Estado Português da Índia foi sempre, como não podia deixar de ser, respeitado pelos Ingleses, na soberania de Portugal. A incorporação destes minúsculos territórios não interessava e estava vedado a uma nação como a Inglaterra, ali chegada dois séculos depois de nós, mas com os arribistas do poder as coisas não seriam assim; o maquinismo da união continuaria a funcionar e mesmo em prejuízo das soberanias estrangeiras do Império Britânico.

O caso de Goa foi sucessivamente mudando de aspecto na política e nos discursos do primeiro-ministro: começou-se pela reclamação de uma larga autonomia, aliás já existente, passou-se à independência e acabou-se na anexação que era a fim a atingir. Neste processo a União Indiana ora se apresentava como detentora do direito de protecção de etnias iguais ou afins, onde quer que vivessem, ora como grande potência abrasada pelo ideal da luta antiocidentalista, para libertar os povos escravizados. Apesar da insistência da campanha movida ao longo dos anos contra Portugal em Goa ou contra Goa portuguesa, os Indianos não puderam convencer o Mundo de terem razão; muito menos puderam demonstrar que nós a não tivéssemos.

Quanto a nós, a descoberta, os acordos com autoridades locais, a posse incontestada de séculos, a paz, a coesão espiritual e o pro-

gresso dos povos não podem ser contradições no mundo ocidental como fundamentando a legitimidade da soberania. Mas ao contrário do que se pensa entre nós a antiguidade destes títulos e a continuidade do exercício do poder eram para a União Indiana razões a mais para se extinguirem e não para se manterem.

Acusações que não passavam de propaganda política

As acusações contra a administração portuguesa e a falta de liberdade em Goa e as pretensas aspirações dos Goeses a desagregarem-se da pátria comum, e o apelo de colonialismo eram tão contra a evidência que não se poderiam com seriedade manter, e foram geralmente considerados simples arma de propaganda política. O facto de todos os goeses serem desde sempre cidadãos portugueses de pleno direito, de possuírem o seu colégio legislativo, de terem representação desde 1822 na Câmara dos Deputados, de ascenderem aos mais altos postos na burocracia e no Governo da Nação, de poderem exercer as suas profissões em todos os territórios portugueses, metropolitanos ou ultramarinos, tudo isso destrói pela base a acusação de que o Estado da Índia, mascarado de província, era uma simples colónia. E menos ainda que outros os Goeses puderam ser convencidos.

Depois de estabelecidas relações diplomáticas entre a União Indiana e Portugal em Fevereiro de 1950 uma proposta para imediatas negociações sobre o futuro de Goa, ou mais exactamente para se definirem os termos em que o Estado Português da Índia seria integrado na União Indiana. Nós não podemos negociar com os negamos e sem termos os nossos, a cedência de territórios nacionais nem a transferência das populações que os habitam para soberanias estrangeiras legitimamente apenas podíamos negociar a resolução dos múltiplos problemas que surgem da vida corrente de Estados vizinhos. Mantimentos de comércio a fim esta atitude, mas a única negociação que interessava à União Indiana e ela compreendia não era esta, e a que propunha era uma negociação para não ser objecto possível.

Sobre esta nossa atitude assenta a sequência das providências tomadas pela União Indiana contra Goa e os Goeses, para os converterem ou para os dominar. É um imenso rol de violências sobre as pessoas e os bens, as convicções e a vida, que nos países civilizados nascem do estado de guerra e na União Indiana se consideravam oficialmente manifestações de política pacifista. Não vou referi-las neste momento, seria impossível. Direi apenas que a posição portuguesa foi em todas as ocasiões não responder aos agravos e tentar vencer as dificuldades que nos eram criadas. A proibição do tráfego de pessoas e mercadorias por terra e por mar, o corte do caminho de ferro, a interrupção de comunicações, o encerramento dos portos, o congelamento de depósitos, a suspensão de transferências, as provocações dos satrápis, os ataques aos postos fronteiriços, sob protecção das autoridades indianas, os atentados terroristas e a acção de agentes subversivos no interior de Goa, tinham por fim tornar insegura ou impossível a vida e fazer recair sobre Portugal a responsabilidade pelo sofrimento das populações. Mas a União Indiana, que tinha podido assistir às estabelecidas manifestações, esqueceu as circunstâncias que a nós, com um pouco de imaginação, boa vontade e alguns recursos, nos permitiriam vencer as dificuldades: era o mar largo em frente de Goa, Damão e Diu, era o espaço aéreo que sem violação abusiva não podiam ser perturbados.

Desprezo absoluto pelo veredicto da mais alta Magistratura internacional

Com estes elementos moviouse nova vida para o Estado da Índia intensificaram-se as comunicações com a África Portuguesa, com a Metrópole e com o resto do Mundo; desenvolveu-se a economia da terra e a produção das minas; apetre-

cheou-se o porto de Mormugão como talvez não se encontram muitos outros na Ásia e seguramente não na União Indiana; aumentaram-se as exportações, o caminho de ferro deixou de dar prejuízos — e Goa pode respirar e viver, como se a União Indiana não existisse e não fizesse pesar sobre as fronteiras a sua hostilidade.

Os sucessivos fracassos da política indiana, em face de uma acção firme que põe com dignidade a par todos os golpes e sacar roças as feridas, fez esperar os inspiradores do primeiro-ministro que entretanto permitia a diversão de Dadrá e Nagar Aveli. Ai era mais favorável a posição da União Indiana e desvantajosa a de Goa: os territórios constituíam enclaves, rodeados inteiramente de território inimigo, e o Governo indiano, dentro do respeito sempre apregoado pela legalidade e pela paz, não permitiu mais as ligações. Não as permitiu mesmo depois de o Tribunal Internacional de Haia, a cujo julgamento a União Indiana não pode esquivar-se, ter reconhecido em acórdão de 12 de Abril de 1950 os direitos de Portugal. Para selar o completo desprezo pela soberania portuguesa e o desprezo pelo veredicto da mais alta Magistratura Internacional, o Parlamento de Nova Delhí acabou por aprovar em decreto a enxação dos referidos territórios.

Podemos concluir que nem na ordem dos factos, nem das razões expostas, nem no terreno do direito e nas salas dos Tribunais, nem nas mais altas instâncias políticas, como daqui a pouco veremos, a União Indiana, embora servida pelos poderosos meios da sua influência, pôde ganhar a Portugal. O nosso direito opunha-se às suas ambições, e era tão simples, tão claro, tão inocente que todos se viam forçados a reconhecê-lo e muitos a reconhecer-lhe as vantagens para as populações, em paz entre si e no seio da Nação Portuguesa. Era de mais.

Batida em todos os campos, a única recusa que restava à União Indiana, isto não é a liberdade da sua acção em relação a Goa, era a ausência de força, e a única possibilidade nossa de a vencer era obrigando a manter uma operação em grande escala, com completo desprestígio da sua pacifismo e credibilidade no Mundo. Muito tempo se pensou na União Indiana que um sinalizador de levantamento em Goa podia prestar-se a uma intervenção de simples polícia que o primeiro-ministro apresentaria ainda como serviço gratuito à paz. Era desconhecer as circunstâncias locais; de um lado, o moral da população, a ausência absoluta de conflitos raciais ou religiosos, o nível de vida, embora modesto, muito superior ao da União Indiana, a liberdade de que gozava no seu pequeno país, como se lhe referia, e finalmente a união de séculos com Portugal não convidavam a aventura de mergulhar, com interesses, com tradições, com a nobreza da história, no pandemónio de lutas e miséria da União Indiana; de outro lado, a vigilância das autoridades fazia fracassar todos os planos. Tal método não se afigurou viável, embora só tivesse sido abandonado no último momento.

Como interpretou o Governo inglês as obrigações e resultantes da aliança

Agravada a questão pelas belicistas ameaças do primeiro-ministro da União Indiana e o começo de mobilização das suas forças militares, estava indicado se recorresse aos elementos políticos de que nos parecia podíamos dispor no nosso jogo. Daí as diligências junto dos Governos de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil.

Temos com a Inglaterra velhas alianças consideradas plenamente em vigor pelos dois Governos. Não vale a pena referi-las, porque o essencial para o meu objectivo se encontra na declaração de 14 de Outubro de 1899, vulgarmente chamada Tratado de Windsor. Nesta declaração foi expressamente ratificada a validade do art. 1.º do Tratado de 1662 e do artigo final do Tratado de 1661: o primeiro refere-se genericamente a aliança entre as duas Nações; o segundo contém a obrigação do Governo britânico de defender os territórios ultramarinos portugueses — na linguagem do tempo: todas as conquistas e colónias pertencentes à

Coroa de Portugal — contra todos os seus inimigos presentes e futuros.

Tem sido entendido pelos dois Governos que a aliança luso-britânica não é automática mas depende no seu funcionamento do *casus foederis* ou seja do juízo que cada um dos Estados forme da situação de guerra e da possibilidade de intervir. Isto quanto à aliança propriamente dita, porque quanto à obrigação de o Governo britânico defender os territórios ultramarinos portugueses não entendemos nunca nem ninguém pode legitimamente entender que, formulada de maneira tão precisa e absoluta no Tratado de 1661, pudesse ficar dependente do *casus foederis*. Quer dizer que a obrigação de defender o nosso Ultramar pela maneira adequada às circunstâncias não pode ser elidida.

Parece porém pretender desviar-se desta linha a interpretação britânica, segundo a declaração feita na Câmara dos Comuns em 19 de Maio de 1958 pelo secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, que se referiu à forma de aplicação dos Tratados a territórios e a circunstâncias particulares sem a distinção que acima fiz. E peculiar à escola da prudentíssima diplomacia britânica que tanto admira neste particular, esforçar-se mesmo nas mais graves circunstâncias, por obter compromissos concretos em troca de promessas vagas, e em face desta tendência uma simples declaração parlamentar, não acordada entre os Governos, não nos pareceu poder ter o valor de interpretação autêntica de um Tratado que demais contém referência expressa às vantagens que Portugal concedera em troca da obrigação assumida pela Inglaterra. A nossa interpretação devia pois ser a melhor.

O Governo português terá de determinar a sua atitude futura quanto às obrigações existentes entre Portugal e a Inglaterra

Eu nunca fizera em mais de trinta anos de Governo apelo aos Tratados de aliança, por entender que uma fidelidade nunca desmentida os converteu de textos a invocar e discutir em sentimentos profundos e atitudes permanentes na política das duas nações. Mas a Inglaterra, sim, invocou expressamente a aliança, por exemplo, para a concessão de facilidades nos Açores, em 1943, apesar da nossa declaração de neutralidade no começo da guerra. O livro branco sobre os Açores publicado em Londres em 1946 omitiu a referência as notas de 16 e 23 de Junho, e 14 de Setembro e 4 de Outubro daquele ano, precisamente aquelas que se referem as garantias dadas pelo Governo britânico a respeito da manutenção da soberania portuguesa em relação ao Ultramar. Verdade seja que a mesma prudentíssima diplomacia, embora não limitasse no tempo a garantia prestada, a circunscrevera indirectamente, as ameaças ou riscos que derivassem das nossas concessões de então. Dado o aperto em que a Inglaterra se encontrava, não nos pareceu bem levantar a questão e gastar tempo em discussões inúteis e por isso me limitei a referir de passagem o caso numa das citadas notas. O certo é que fossem quais fossem as limitações circunstanciais das promessas então feitas, a garantia genérica ou, melhor, os compromissos britânicos continuavam a ser sem contestação os dos Tratados de 1661 e de 1889, e por isso a esses nós reportámos quando resolvemos dirigir-nos a Inglaterra.

A minha repugnância pessoal em solicitar serviços alheios, mesmo contratualmente devidos, tinha de quebrar ante a gravidade

da causa. O que o Estado da Índia representava — e continua a representar — para a Nação portuguesa, não pode medir-se pela pequenez do território mas pela grandeza da história a que ficou ligada e pela altura da missão que ali levou os Portugueses. Partindo da nossa interpretação do Tratado de 1899 e não desconhecendo uma reacção, aliás imprevista e unilateral, do Governo britânico de 1954, há pouco recordada na Câmara dos Lordes pelo secretário de Estado, o Governo solicitou em 11 de Dezembro a indicação dos meios com que aquele Governo podia cooperar com as forças portuguesas para fazer frustrar a agressão indiana. O Governo de Sua Magestade respondeu-nos, sem demora e essencialmente o seguinte: na eventualidade de um ataque a Goa havia inevitáveis limitações quanto à assistência que o Governo britânico estaria em condições de dar ao Governo português em luta com outro membro da Comunidade. A referência eufemística às «inevitáveis limitações» tinha de interpretar-se no caso como significando que o Governo britânico se eximia ao cumprimento dos Tratados.

Eu sou dos que estão convencidos de que o Governo britânico fez nesta emergência muito mais esforços e diligências muito mais prementes para impedir a agressão indiana do que os conhecidos através da imprensa ou a nós directamente comunicados. E a razão é simples. Embora Goa nunca pudessem ser para o entendimento britânico destes problemas o que é para nós — um pedaço da Nação portuguesa —, é imensamente desagradável para o brio e o prestígio de uma grande potência eximir-se ao cumprimento de obrigações certas que tiveram a devida contrapartida em vantagens concedidas por Portugal. Deve também considerar-se intolerável a educação e a moral individual dos Britânicos que a Inglaterra venha a ver-se aumentada no mínimo que seja, através da Comunidade, com pedaços de território roubados ao seu mais antigo aliado.

Mas se as inevitáveis limitações agora invocadas significam a impossibilidade britânica de agir eficazmente no respeitante aos ataques armados dos membros da Comunidade contra territórios portugueses, outro aspecto se deverá encarar. É que, dada a extensão da Comunidade e a agressividade e ambições expansionistas dos seus novos associados, o Governo português deverá estudar qual o conteúdo positivo que ainda resta da segunda parte da declaração de Windsor de 1899, para, em face das conclusões, determinar a sua atitude futura quanto às obrigações existentes entre os dois países. E admirável o pragmatismo da política britânica: simplesmente nem sempre pode evitar o aborrecimento de dolorosas contradições.

Nós pedimos também ao Governo britânico autorização para utilizar alguns aeródromos necessários a ligações com Goa. Tenho de lamentar que o Governo britânico demorasse oito dias a tornar-nos conhecida a impossibilidade de utilização, porque, se não fora essa demora, nós tínhamos de certeza conseguido rotas alternativas e teríamos levado à Índia a tempo reforços de material e pes-

(Continua na página seguinte)

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da página anterior)

soal que nos pareciam necessários a mais prolongada defesa do território.

As diligências dos Estados Unidos para evitar a agressão a Goa

Vejamos o que respeita aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos foram, pelo efeito de duas grandes guerras vitoriosas, como pelo seu poder económico e financeiro, extensão territorial e população, elevados ao mais alto nível entre as nações e havidos como expressão superior e guia do que consideramos o mundo livre. Que intencionalmente, deliberadamente tenham procurado ascender a esta posição ou a ela fossem apenas guiados pelo conjunto de circunstâncias históricas, não importa. O que a todos nos importa é saber se, ocupando o lugar, também estão dispostos a desempenhar a função.

Por estes motivos e pelas relações especiais que entre nós se estabeleceram exactamente para defesa de princípios fundamentais da vida dos povos civilizados, pensou o Governo que seria levado à conta de descabido orgulho não solicitar dos Estados Unidos a sua intervenção. Outra razão havia ainda.

Não posso deixar de revelar que em 7 de Agosto de 1961 os Estados Unidos fizeram saber ao Governo português o seguinte:

«O apoio dos Estados Unidos ao conceito de auto-terminação de modo nenhum implica o apoio americano a quaisquer aspirações intervencionistas ou expansionistas ou a ataques depredatórios contra territórios ultramarinos portugueses por parte de outras nações. Pelo contrário, os Estados Unidos sem dúvida se oporiam, nos planos político, diplomático e nas Nações Unidas, a quaisquer tentativas de Estados vizinhos de anexarem territórios ultramarinos portugueses».

Embora em 9 de Dezembro tenha sido comunicado ao Governo português uma explicação daquela primeira atitude que não se sabe ainda bem até que ponto a invalida, achámos muito grave para as relações e convenções existentes entre os dois Estados que a primeira declaração não fosse a tradução de uma política assente e incondicionada, aliás resultante da adesão comum a um estado de direito a cada momento se opondo às violências da força na vida internacional. E assim nos dirigimos ao Governo norte-americano.

Este fez de facto as mais reiteradas diligências em Washington e em Nova Delhi, no sentido de dissuadir a União Indiana de atacar Goa. O Presidente Kennedy terá mesmo escrito ao Primeiro-Ministro da União Indiana e o último apelo dissuasivo do Embaixador dos Estados Unidos em Nova Delhi precedeu de apenas duas horas a ordem de atacar.

Não podemos pôr em dúvida a força destas diligências e das da Inglaterra, nem o interesse político e ideológico das duas nações em que o Estado português da Índia não fosse invadido para ser anexado à União Indiana por acto de guerra. Não só ambas temiam acabasse de desvanecer-se por completo a lenda pacifista da União Indiana como recebavam vir a verificar-se quão frágil e inoperante é o edifício tão amorosamente por elas construído e sustentado para preservar a paz. Mas então, temos de ver o seguinte: há hoje na Índia um pequeno país despojado pela força dos seus territórios, e às portas de Goa duas grandes potências também vencidas — a Inglaterra e os Estados Unidos,

e isto prenuncia para o Mundo uma temerosa catástrofe. É triste e desoladora a derrota dos pequenos; mas é incomparavelmente mais grave a impotência dos grandes para defender o direito.

Goa foi sempre um caso à parte no pensamento brasileiro

Voltemos-nos agora para o nosso Brasil.

O Tratado de Amizade e Consulta que lançou as bases da Comunidade luso-brasileira limitou-se a verter para o campo jurídico uma realidade existente; mas só depois de formulado podia eficientemente orientar a política tanto dos dois países entre si como sobretudo da Comunidade em relação ao Mundo. As suas grandes linhas, ao mesmo tempo amplas e vagas, podem ser o alicerce duma construção internacional do mais vasto alcance ou limitar-se a inspirar timidamente apenas mensagens sentimentais. Partindo daí, aos estadistas das duas margens do Atlântico incumbiu construir de facto a Comunidade para benefício das duas pátrias, tal como a História as forjou e portugueses e brasileiros as pretendem perpetuar, e neste sentido evidenciamos os nossos melhores esforços.

O anticolonialismo é uma constante da política brasileira; mas outra constante é também o não reconhecimento das anexações territoriais obtidas pela força. A primeira não havia de preocupar-nos, senão na medida em que o desconhecimento da realidade do Ultramar português pudesse porventura turvar a compreensão do fenómeno que ali se verifica: a segunda jogaria sempre a nosso favor na pretendida sujeição de Goa à União Indiana. Apesar de certas flutuações, este ano verificadas no alinhamento do Brasil com os países afro-asiáticos, ao menos quanto à Índia a atitude dos responsáveis pela política brasileira não tinha que sofrer qualquer mudança e situou-se sempre na condenação de qualquer agressão e consequentemente em não reconhecer o Brasil a anexação que daí resultasse. Goa foi sempre um caso à parte no pensamento brasileiro.

Nenhuma dificuldade ou resistência houve portanto a vencer para que o Brasil declarasse publicamente e por mais de uma vez o pensamento oficial a respeito dos ataques iminentes ou em curso contra o Estado Português da Índia. E estamos convencidos de que a atitude tomada só traduziu o sentir geral da nação brasileira. Ter estado o Brasil encarregado da defesa dos interesses portugueses na União Indiana dava-lhe ainda especial posição para defender o povo de Goa contra a absorção que se preparava.

A intervenção do Brasil como as outras já referidas foi também inoperante, e da mesma forma as diligências em Nova Delhi realizadas pela Espanha, Canadá, Austrália, Alemanha, Argentina, Bélgica, Holanda — estas as de que temos conhecimento directo.

A Espanha compreendeu em toda a sua extensão o estado de alma português

Além dos três países referidos cuja actuação política era particularmente fundamentada, a chancelaria portuguesa procurou alertar as nações amigas em todos os continentes, mais como mobilização moral em defesa do direito do que acção de que se esperassem efeitos decisivos. A algumas portas não foi mesmo necessário bater, porque a comunhão de princípios e a identidade de interesses apontaram sem hesitação o caminho. E de justiça pôr a Espanha em primeiro lugar, muito em primeiro lugar, por si e junto dos países sul-americanos seus amigos, como merecedora da nossa gratidão. Ela tem vivido como nós o drama de Goa, e com razão, porque se há território português que se haja estruturado sob a influência conjunta dos dois Estados da Península, esse é o de Goa, que deve tanto ao génio de Afonso de Albuquerque como à doutrinação de S. Francisco Xavier. Além disso, numa Europa que ameaça desmoronar-se por ter per-

dido a confiança em si própria, a Espanha pôde revigorar ao fogo de uma experiência dolorosa a sua fé nos princípios da civilização que difundiu pelo Mundo e é um povo onde o grande e heróico têm ainda lugar na vida e um sentido moral. A Espanha compreende bem e em toda a sua extensão o estado de alma português.

O apelo ao Conselho de Segurança e a sua inutilidade

Estavam esgotados os recursos das nações individualmente consideradas para deter a agressão indiana. Apenas a actuação da organização mundial, chamada Nações Unidas, podia tentar-se, através do pedido de reunião urgente do Conselho de Segurança. O estudo do problema e a experiência que vamos tendo do funcionamento do sistema não deixavam no nosso espírito dúvidas acerca da inutilidade do apelo. Mas, por um lado, a nossa presença na Organização mal se compreenderia se a ela não estivessemos dispostos a recorrer; por outro lado, a maneira como havia de comportar-se seria mais uma prova gritante de que, nos termos em que funciona, já está a ser mais do que inútil, porque está a ser prejudicial.

O caso foi levado ao Conselho no primeiro dia da invasão de Goa e pouco depois de esta começada; tratava-se de agressão não provocada e de território ainda não ocupado pelo inimigo — caso extraordinariamente simples para aplicação dos princípios da Carta. A moção aprovada pela maioria de sete votos que mandava suspender as hostilidades, recuar as forças invasoras para os pontos de partida e fazer negociações para a solução do conflito, foi porém vetada pela Rússia e ficou por isso sem efeito. As atitudes naturalmente convergentes do presidente da República Soviética que em Nova Delhi incitara a invasão de Goa e do representante russo no Conselho de Segurança que velava a moção aprovada, se mais uma vez lançavam a União Indiana nos braços dos Soviéticos, punham a claro a paralisia da chamada defesa colectiva contra a Rússia ou contra uma potência que a Rússia proteja.

O caso, embora previsto, produziu alarme no Mundo. A declaração do delegado da União Indiana de que com Carta ou sem Carta, com Conselho ou sem Conselho de Segurança, com direito ou sem ele, o seu país prosseguiria o seu caminho, representou tal desafio aos fins e à estrutura jurídica da instituição que melhor seria dá-la logo ali por morta. Os Estados Unidos acharam que de facto o que se passava prenunciava o fim próximo da Organização, mas, numa tentativa de consolidá-la, ainda se uniram no dia seguinte com todos os mais numa votação contra Portugal e dois dias depois apressavam-se a confirmar à União Indiana o seu apoio financeiro. Isto deve estar certo mas é muito difícil para nós compreendermos, e sobretudo não quadra à nossa sensibilidade moral.

É lícito perguntar o que estamos nós ali a fazer ou o que estão ali a fazer os que, não sendo grandes potências, não dispõem do favor russo ou, por causa da sua solidariedade com o Ocidente, atraem a aberta hostilidade do bloco antiocidental. Também se perguntará como fomos ali parar.

A política do Governo foi, na pegada da sensatíssima Stúica, não requerer a sua admissão nas Nações Unidas. Fizemo-lo mais tarde a pedido da Inglaterra e dos Estados Unidos com o argumento da necessidade de reforçar a posição ocidental em qualquer emergência. Fomos durante anos vetados pela Rússia e entramos depois «em trocos miúdos» na organização. Verificando-se uma transferência de poderes do Conselho para a As-

sembleia Geral, dominado o primeiro pela Rússia e a segunda pelo bloco comunista e afro-asiático, as potências ocidentais, em que incluído a América do Sul, perderam toda a possibilidade de conduzir com a sua mais larga experiência os negócios da comunidade internacional, e moderar certos impetuosos irreflectidos, de evitar que o Governo do Mundo caia sob uma ditadura intolerável de paixões racistas e de irresponsabilidade.

Assim, pensamos ter direito a uma palavra sobre ser já inútil a nossa presença e a nossa colaboração. Mesmo que essa palavra não venha, não sei ainda se seremos o primeiro país a abandonar as Nações Unidas, mas estaremos certamente entre os primeiros. E entretanto recusar-lhes-emos a colaboração no que não seja do nosso interesse directo.

A política militar do Governo para a defesa de Goa

A política militar do Governo no respeitante ao problema de Goa foi sempre encarada à luz dos seguintes elementos: dadas a distância e a superioridade esmagadora da União Indiana, nenhuma esperança de salvar Goa da eventual invasão inimiga, sem apoio aliado; necessidade de manter forças suficientes para evitar a acção dita policial e dissuadir, se possível, a União do ataque; defender, em última instância, aquele torrão sagrado com sacrifício das vidas e haveres, como o reclamava a tradição portuguesa na Índia.

Mantivemos este esforço, ora com maiores ora com menores efectivos, conforme os tempos e a gravidade das ameaças, mas sempre em nível suficiente para atingir o objectivo de levar a União Indiana ou a desistir da absorção de Goa ou a fazer uma operação espectacular de guerra que causaria grande dano ao seu crédito moral e não daria nem honra nem glória ao seu Exército. Os nossos efectivos deviam ainda ganhar o tempo necessário para que Portugal pudesse apresentar queixa às Nações Unidas contra a agressão indiana.

Um punhado de homens — 3500 oficiais, sargentos e praças da Metrópole e 900 indo-portugueses — forçou a União Indiana a mobilizar um exército de 30 a 40 mil homens, apoiado por numerosas formações de artilharia pesada e de carros de combate, e com a cooperação, no ataque, duma esquadra naval e de várias esquadrilhas de aviões de bombardeamento e de caça. Com uma superioridade em homens de pelo menos 1 para 10 e em material muito mais — mesmo assim a ocupação de cerca de 3500 quilómetros quadrados, dispersos por quatro territórios e com uma profundidade de apenas 20 a 50 quilómetros no distrito de Goa, levou vários dias. Só por si este facto dá a nota da firme resistência que os Portugueses devem ter oferecido. Para mim a maior preocupação era que a desproporção das forças e a violência e plano do ataque fossem tais que a nossa gente, dada a estreiteza do terreno, não pudesse mesmo bater-se bem e defender aquela portuguesa terra, à altura do seu valor e espírito de sacrifício.

Na última mensagem enviada ao governador-geral e escrita sabe Deus com que amargura na alma, eu dizia termos plena consciência da modestia das nossas forças, mas desde que a União Indiana podia multiplicar por um factor arbitrário as forças de ataque, havia de revelar-se sempre no final grande desproporção. A política do Governo fora sempre, na impossibilidade de assegurar por si só uma defesa plenamente eficaz, manter em Goa forças que obrigassem a União Indiana a montar em grande, como se via naquele momento, uma operação militar que escandalizaria o Mundo, e a não ficar o êxito das suas pretensões de simples operações de polícia. Os factos mostraram que a primeira missão estava cumprida. A segunda missão consistia em não se dispersar contra agentes terroristas a fingir de libertadores, mas em organizar a defesa pela forma que melhor pudesse fazer realçar o valor dos nossos homens, segundo a velha tradição da Índia. Era para mim hon-

ível pensar que isso podia significar o sacrifício total mas eu recomendava e esperava esse sacrifício como o maior serviço que podia ser prestado ao futuro da Nação.

O governador ainda pôde responder a agradecer em nome das forças sob o seu comando a confiança que nelas depositávamos e desejávamos honrar através de todos os sacrifícios.

Não temos elementos suficientes para fazer ideia de como decorreram as operações terrestres e navais, como se operou a resistência, como se fez a defesa. Oportunamente se apresentará ao País o relato destas operações e se fará a justiça devida a todos quantos tiveram a honra de ser chamados a bater-se ou morrer por Goa.

As reacções da opinião publica mundial em face da agressão

Em face dos preparativos bélicos da União Indiana e, a seguir, da sua agressão ao Estado Português da Índia notou-se uma reacção violenta da opinião publica mundial. Temos de exceptuar os informadores oficiais e a imprensa de alguns países comunistas e afro-asiáticos que manifestaram o seu aplauso e solidariedade com o invasor; nos países da Europa Ocidental, e nas duas Américas e mesmo nalguns de África e do Oriente exteriorizou-se uma repulsa viva e sentiu-se grande inquietação. Os órgãos de informação de todos os matizes ideológicos, com representação ou sem representação nos Governos dos respectivos países, têm tratado o assunto à margem destes, por vezes em oposição a estes, como livres expoentes de uma opinião sobressaltada. Porquê? Pela razão de ser Goa um caso típico que se apresentava sem complicações ou dificuldades de interpretação. Tratava-se na verdade de um pequeno território encorporado politicamente durante quatro séculos e meio na soberania portuguesa, soberania reconhecida pela comunidade internacional e até pelo agressor. Esse território todos o consideravam ao abrigo de uma decisão, favorável a Portugal, do Tribunal da Haia, cuja competência fora aceite pelos dois Estados interessados; possuía a garantia de alianças e de compromissos bem estabelecidos; devia julgar-se protegido pelas engrenagens da segurança colectiva através das Nações Unidas. E neste caso, política e juridicamente cristalino, que nunca foi nem seria um problema, o Mundo verificou que, tendo-se recorrido a tudo, tudo falhara para impedir a agressão e evitar a conquista. Ou esta situação é sanada ou Goa faz voltar uma página na vida das sociedades do nosso tempo.

E assim se pôs um problema de ordem geral.

Há no mundo três ou quatro nações — meia dúzia o máximo — que não receiam ou não têm de recear ser agredidas por outras; mas todas as mais ou vivem do consenso unânime de que a sua independência e integridade são respeitadas ou estão à mercê dos mais ambiciosos e fortes. Não se foge à dificuldade e ao perigo senão pela forma clássica de alianças que constroem sistemas de forças equilibradas, ou por organização tendente a abranger a universalidade das nações pacíficas. Simplesmente no primeiro caso é essencial o cumprimento dos Tratados e no segundo a fidelidade aos Pactos, e a crise moral em que nos debatemos não assegura nem uma coisa nem outra.

Como as Nações Unidas na melhor hipótese se encontram antecipadas de séculos em relação ao espírito dos homens e das sociedades, e além disso se deixaram inxidar por multidão tumultuária de Estados que não têm o espírito de paz, não só não têm sido fácil defender ali os direitos das nações, como dentro da organização se constituíram partidos e solidariedades que, em substituição das antigas alianças, fazem vingar interesses de grupo sem se importar da justiça devida a todos. Quando se perde de ideia que para conservar a paz é necessário estar disposto a bater-se por ela; quando se confiam os destinos da comunidade internacional a maiorias que definem a política que os outros têm de pagar e de sofrer; quando por sistema se transige e se recua diante dos que, não tendo experiência nem responsabilidades, podem ser ousados sem custo a re-

(Continua na página seguinte)

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da página anterior)

volucionar continentes, temos de interrogar-nos a sério sobre se vamos pelo bom caminho. O que se viu connosco agora legítima de facto a ansiedade das consciências e a inquietação das sociedades mais sãs. O homem-da-rua que não pode elevar-se ás altas congeminções dos filósofos e dos políticos, mas tem a ambição de ganhar a sua vida e conservar em paz o seu lar, vê o problema com a simplicidade

do bom-senso e esse bom-senso indica-lhe que as coisas não estão certas quando os criminosos são erigidos em juizes e ousam ainda condenar as pessoas de bem.

E' nesse vivo despertar da consciência do Mundo antes os conluídos nos atropelos á paz e á soberania alheia que pode entrever-se uma réstia de esperança no sentido de serem revistos a tempo os métodos de conduzir a comunidade internacional. A tempo, digo, porque está já a ver-se que de uma violência

não repuada surgem outras violências maiores. E daqui parto para breves reflexões finais.

A questão de Goa não terminou; é agora que começa

Pois que não aceitamos a validade do facto consumado, a questão de Goa não terminou; pode

dizer-se com verdade que é mesmo agora que começa. As razões que nos impediram de negociar a cedência dos territórios do Estado Português da Índia são as mesmas que em absoluto nos vedam de reconhecer a conquista. A União Indiana pôde fazer a guerra contra nós, mas não pôde sem nós estabelecer a paz. Da mesma forma que não houve rendição de forças nem entrega de barcos, também não pode ha-

ver tratado que reconheça a soberania da União sobre aqueles territórios. Terá de aguardar-se que a comunidade internacional repare o agravo á soberania portuguesa e a reintegre nos seus legítimos direitos, para ser restabelecida uma situação normal. Por este motivo vai ser submetida á Assembleia Nacional proposta de lei com o fim de se assegurar o funcionamento dos órgãos do Governo daquela Província nas presentes circunstâncias.

A primeira consequência que daí resulta é que a representação parlamentar do Estado da Índia continuará confiada aos eleitos pelos povos de Goa, Damão e Diu. A Câmara não terá objecção quanto á presente legislatura e de futuro há-de encontrar-se meio de conferir e tornar praticável o direito de escolha aos Goeses que viverão fora dos territórios ocupados pela União, mantendo a sua dedicação á Pátria portuguesa. Tendo-se manifestado por toda a parte tão portugueses como os melhores e tendo arrostado com dificuldades enormes para se manterem fiéis, é apenas obrigação da nossa parte reconhecer-lhes um direito que os honra e os faz continuar presentes entre nós.

A segunda consequência é que a cidadania portuguesa deverá continuar a ser reconhecida de direito e de facto aos Goeses, independentemente de lhes vir a caber dupla nacionalidade por imposição unilateral da União Indiana. Não podemos prever o procedimento da União quanto a esta e a numerosas outras questões que vão emergir da ocupação de facto dos territórios portugueses. E' bem possível que nestes primeiros tempos uma política de alijamento e captação seja prosseguida pelas autoridades ocupantes. As dificuldades surgirão para uns e para outros quando o programa de indianização de Goa se chocar com a cultura dos Goeses e o primeiro ministro verificar que uma individualidade própria foi ali criada através dos séculos pela interpenetração de culturas e pelo cruzamento de raças. Penso que as violências vão ser em proporção das dificuldades e que, a demorar muito a reintegração de Goa, se siga á espoliação e a forçada igualdade na pobreza a perda de liberdade que quanto a língua á religião, á cultura diminuirá os Goeses. E' de esperar por isso que muitos desejem subtrair-se ás inevitáveis consequências da invasão, e todos hão-de ser bem recebidos em qualquer parte do território nacional.

Não devemos ter ilusões sobre os obstáculos e dificuldades de toda a ordem que se levantarão á execução do nosso programa quanto aos Goeses que se encontrem fora dos territórios portugueses. A pertinácia, a raiva com que a União Indiana prossegue desde a independência á captação dos filhos de Goa no seu território vão redobrar em relação aos que levam a sua vida em territórios estrangeiros nos quais a nossa própria acção pode vir a ser enervada por influência sua. Mas o nosso dever é lutar pelos Goeses e por Goa, sem olhar a sacrifícios, como fizemos até aqui.

Uma pergunta desejaria ainda fazer: em face dos factos não será lícito duvidar da justiça dos caminhos por onde foi conduzida a nossa política com a União Indiana, no respeitante a Goa? Respondo com outra pergunta: as outras soluções que se nos depararam que resultaram? A negociação, a entrega; a independência, a perda do pequeno Estado com a integração subsequente; a constituição de uma federação com o Estado independente de Goa faria regressar a questão ao princípio, por ser consagrada esta fórmula como a continuação do nosso colonialismo na Índia. Em qualquer destes casos perda irreparável e sem esperança. E' nos devermos continuar a esperar.

Pelas reacções verificadas em todo o mundo português e em todos os países onde existem ramos da Portugueses podemos concluir que o sentimento exalta não mentirosas negociações para encobrir o estabelecimento da afirmação da nossa dignidade, a denúncia da agressão e a luta em todos os campos para fazê-la reconhecer. O sentir nacional foi tão e bramente afirmado por todos os nossos meios de informação que não será fácil desmascará-lo e será impossível duvidar da sua autenticidade. Toda a Nação sente na sua carne e no seu espírito a tragédia que se tem ocorrido, e riem-se se não se dá uma consolidação, embora pequena, para quem ao lado morreu com ela.

MORRIS

EM

3

SENSACIONAIS VERSÕES

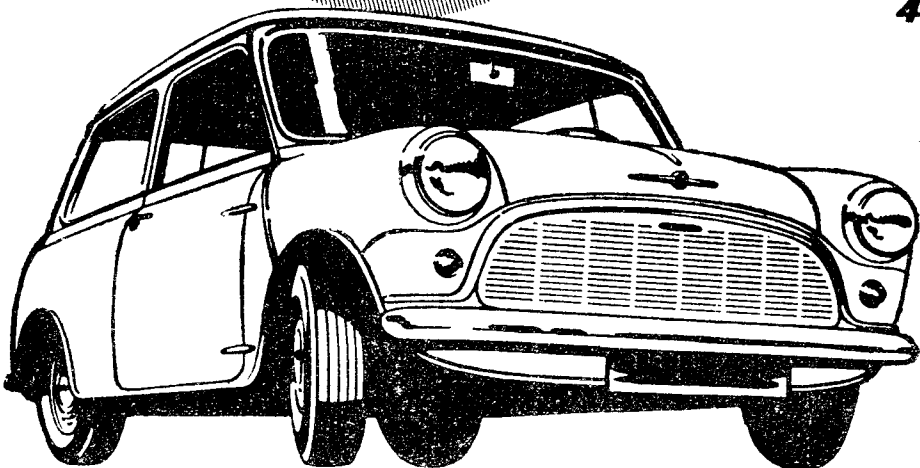


**Para
velocidade
e desporto
— modelo
COOPER**

**Para
Turismo
e conforto
— modelo
SUPER**

**E ainda
para maior
economia
— modelo
DE LUXO**

**Preços
a partir de
46.463\$70**



**COMECE O ANO NOVO COM UM NOVO
MORRIS 850**

A. M. ALMEIDA, LDA.

LISBOA - AVENIDA DA LIBERDADE, 11-11A
PORTO - RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 501
AGENTES EM TODO O PAÍS

O SECRETÁRIO-GERAL DA O.N.U. PEDIU AUTORIZAÇÃO A PORTUGAL para enviar observadores internacionais à fronteira de Angola com a Katanga

NOVA YORK, 3. — O secretário-geral interino das Nações Unidas U Thant, pediu ao Governo português autorização para enviar observadores para Angola, a fim de impedir a entrada de «mercenários» na Katanga — anuncia-se hoje oficialmente.

Acrescenta, ainda, a nota de U Thant que idêntico pedido foi enviado à Inglaterra para enviar observadores para a Federação das Rodésias e da Niassalândia.

É o seguinte o teor da nota enviada pelo secretário-geral interino da O. N. U., U Thant, ao embaixador português nas Nações Unidas:

«O secretário-geral interino das Nações Unidas apresenta os seus cumprimentos ao representante permanente de Portugal nas Nações Unidas e tem a honra de lhe solicitar que apresente o assunto abaixo à atenção do Governo de Portugal:

«A fim de se ter a certeza de que mercenários e outros elementos estrangeiros referidos nas resoluções de 21 de Fevereiro e de 21 de Novembro de 1961, bem como armas, equipamento e outros materiais, para apoio das actividades seccionistas da administração provincial da Katanga, não entram nessa região, nem de proveniência nem através de Angola, o secretário-geral interino propõe, de acordo com o Governo de Portugal, fazer estacionar observadores das Nações Unidas em alguns aeroportos e estradas escolhidos, dos quais ou através dos quais, o trânsito de Angola para a Katanga possa habitualmente realizar-se.

U THANT APRESENTOU PEDIDO IDÊNTICO AO GOVERNO BRITÂNICO

«Esta proposta não contém a menor suposição de que as autoridades, em Angola, estejam a dar assistência às actividades seccionistas da Katanga. Trata-se de uma medida de ordem geral prevista pelo secretário-geral interino com o objectivo de executar o mandato de que foi encarregado pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral e, especialmente, as medidas indicadas no parágrafo quinto da resolução do Conselho de Segurança de 24 de Novembro de 1961. Um pedido para o estacionamento de observadores das Nações Unidas no território da Federação das Rodésias e da Niassalândia foi, igualmente, submetido, pelo secretário-geral interino, ao Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

«O secretário-geral interino muito agradecerá se o Governo de Portugal lhe fizesse saber, o mais brevemente possível, se seria possível as Nações Unidas fazerem estacionar esses observadores no território de Angola».

O parágrafo quinto da resolução

A situação dos portugueses em Goa

(Continuação da 1.ª página)

Kong, onde os portugueses desembarcaram. — (A. N. I.).

REGULAMENTADAS AS EXPORTAÇÕES DE GOA

PANGIM, 3. — O governador militar indiano de Goa publicou uma proclamação com as condições que regulam as exportações. Os pedidos de exportação devem ser feitos através do Banco do Estado da Índia, que passará as respectivas autorizações. O exportador deve garantir que todos os lucros da operação em divisas estrangeiras são por ele recebidos, de acordo com os regulamentos do Banco da Índia. — (Reuters)

MENON CRITICADO NA IMPRENSA INDIANA

NOVA DELHI, 3. — O jornal «Indian Express» critica o ministro indiano da Defesa Krishna Menon, por não deixar entrar jornalistas em Goa.

«Se o Ministério da Defesa não queria correspondentes em missão de serviço, era seu dever ter tomado as decisões oficiais adequadas para uma reportagem jornalística completa dos importantes acontecimentos — escreve. — A sua publicidade, antes da operação, foi oca, pouco convincente, contraditória e destituída de qualquer sentido de informação pública».

As críticas de Manekkar são as primeiras, na imprensa indiana, que se referem à campanha de propaganda que antecedeu a invasão para justificar depois a agressão.

Antes da invasão, as autoridades indianas descreveram, com minuciosos pormenores, um «reino de terror» que teria sido imposto em Goa, com recolher obrigatório desde o anoitecer até ao alvorecer, o colapso da lei e da ordem e as actividades dos comandos goeses. Contudo, os correspondentes que chegaram antes e depois dos soldados indianos, não encontraram quaisquer sinais que permitissem apoiar as afirmações da propaganda indiana. — (A. N. I.).

A CHINA OCUPA APENAS TERRAS INCULTAS DA UNIÃO INDIANA — DESCULPA-SE NOVA DELHI

WASHINGTON, 3. — A Índia faria uso da força, se necessário, para expulsar as tropas chinesas dos territórios indianos — declarou ontem Satish Kallekar, chefe dos serviços de informação da embaixada da Índia em Washington, num debate transmitido pela TV, com um dos membros da delegação portuguesa às Nações Unidas, dr. Bernardo Teixeira.

Como o diplomata português lhe tivesse perguntado por que razão decidiu a Índia atacar Goa antes de

de 21 de Novembro, do Conselho de Segurança pede a U Thant «que tome todas as medidas necessárias para evitar a entrada ou o regresso desses elementos, seja sob que forma for, ou de armas, equipamento e outros materiais para apoio dessas actividades». — (A. N. I.).

Como o dr. Bernardo Teixeira afirmou que a Índia fez em Goa

expulsar os chineses do seu território, Kallekar respondeu-lhe: «Enquanto em Goa estavam em causa seres humanos, nas montanhas do Himalaia trata-se apenas de terras incultas, a uma altitude de 4000 a 5000 metros».

Como o dr. Bernardo Teixeira afirmou que a Índia fez em Goa

ESTÃO QUASE COMPLETAS as listas dos portugueses internados em Goa

— anunciou à Imprensa o núncio apostólico

Mons. Giovanni Panico, núncio apostólico, declarou esta manhã à Imprensa que estão quase completas as listas dos civis e militares portugueses, detidos em Goa pelas autoridades indianas.

Aquele diplomata, recebeu hoje a seguinte mensagem de mons. Knox, internúncio em Nova Delhi, que se encontra em Goa, de visita aos internados portugueses:

«Listas quase completas. O capitão Francisco Lobo da Costa, o soldado Luís Lourenço e o soldado de cavalaria João Firmino Dinis Gonçalves estão bem. Estou investigando sobre outros».

Esta informação acompanhava uma lista de prisioneiros portugueses, sobre os quais ainda não havia notícias. Ao mesmo tempo, mons. Panico soube que o internúncio em Nova Delhi está ainda em Goa, visitando os campos de concentração e prestando, a seu pedido, aos prisioneiros, uma assistência não só espiritual, como, também, material.

Mons. Giovanni Panico tem recebido insistentes pedidos de informação, da parte das famílias dos portugueses metropolitanos que se encontram no Estado da Índia, e a todos tem dado seguimento, desde que, ao tomar conhecimento da inquietação dessas famílias, logo no início da invasão de Goa, telefonou a mons. Angelo Del'Acqua, substituto do secretário de Estado do Vaticano, pedindo que encarregasse o internúncio em Nova Delhi de proceder a averiguações, em Goa.

O representante da Santa Sé na União Indiana, que partiu para Goa no dia de Natal, é, por coincidência, antigo colaborador de mons. Giovanni Panico, que, quando desempenhava as funções de núncio apostólico na Austrália, durante a última guerra mundial, o enviou para o Vaticano, a efectuar estudos religiosos.

Mons. Panico não ignora a angustiosa situação das famílias de prisioneiros, porque, durante a guerra, encarregou-se, na Austrália, da assistência espiritual e material a prestar a cerca de 60 000 detidos civis e militares alemães e dos países aliados da Alemanha, que estavam, naquele país, em vários campos de concentração. Por seu turno, a Itália tinha, também, prisioneiros australianos, encarregando-se mons. Panico, auxiliado por serviços de secretaria, que compreendiam catorze empregados, da troca de mensagens e informações entre os prisioneiros na Austrália e suas famílias e, também, entre os prisioneiros australianos na Itália e respectivas famílias, tudo através da Santa Sé.

É devido a esse conhecimento directo de circunstâncias semelhantes — declarou o núncio apostólico à Imprensa — que ele bem pode

Proposta original

do «Chicago Tribune» ao «dzvestia»

CHICAGO, 3. — O «Chicago Tribune» oferece hoje ao editor do jornal soviético «dzvestia» uma coluna diária para manifestar as suas opiniões, em troca de um privilégio idêntico na Rússia.

O jornal propõe que a troca continue «durante, pelo menos, um mês ou, de preferência, por um período mais longo». — (R.).

— (F. P.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● A sabotagem das conversações dos três príncipes laocianos, em Viena, demonstra que os Estados Unidos não admitem, na realidade, um Estado neutro senão na medida em que isso se traduza num Laos inteiramente submetido ao seu controle, a fim de poder liquidar, definitivamente, as forças patrióticas desse país», escreve o «Diário do Povo» de Pequim

● O presidente Kennedy aceitou um convite do presidente Lopez Mateos para visitar o México, segundo anunciou o secretário da Imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger. Embora a data não esteja ainda fixada é provável que a visita se verifique na próxima Primavera.

● Em consequência de terem circulado rumores contraditórios, em Viena, sobre a morte de Ajar Kumar Mitra, Encarregado de Negócios da Índia, na capital austríaca, o chefe da Polícia publicou um comunicado afirmando que «o inquérito conclui tratar-se de um suicídio, tendo já chegado a Nova Delhi a urna com o corpo do diplomata indiano».

● Vinte e nove pescadores coreanos morreram afogados, por se terem afundado os seus barcos, durante uma tempestade, na costa oriental da Coreia, anunciou o Ministério do Interior da Coreia do Sul. A tempestade apanhou no mar 244 barcos de pesca, dos quais se afundaram cinco e desapareceram seis, que estão a ser procurados.

● Cuba protestou, a noite passada, junto dos Estados Unidos contra «centenas» de alegadas violações do espaço aéreo e de águas territoriais cubanas, por aviões e navios de guerra norte-americanos. O protesto estava contido numa nota de Governo cubano entregue a Robert Woodward, secretário-adjunto de Estado para questões inter-americanas, pelo dr. Miloslav Ruzek, embaixador checo em Washington.

● O Conselho da Organização dos Estados Americanos, reunir-se-á, na quinta-feira, para levantar as sanções económicas, aplicadas, em 1960, à República Dominicana, segundo informações colhidas em círculos fidedignos de Washington.

● O astronauta soviético, major Titov, chegou, hoje, a Djakarta para uma visita de duas semanas como convidado do presidente Soekarno. Falando aos jornalistas, no aeroporto, Titov disse que a União Soviética está, inteiramente, ao lado da Indonésia, na sua luta para a unificação do país.

Soekarno proclamou a Nova Guiné holandesa como província da Indonésia

DJAKARTA, 3. — O presidente Soekarno proclamou hoje, oficialmente, a Nova Guiné holandesa como província da Indonésia. Designar-se-á «Irian Barat».

A proclamação oficial foi transmitida pela Rádio-Djakarta, que salientou tornar-se esta decisão necessária, uma vez que aquele território está prestes a ser integrado na República da Indonésia.

A capital, Holanda, passa a chamar-se «Kotabaru», e significa «Cidade Nova».

O decreto acrescenta ainda que, enquanto o território permanecer na posse da Holanda, o presidente Soekarno nomeará um novo governador e os seus auxiliares, definindo as respectivas funções administrativas. — (R.).

MOBILIZADOS TODOS OS AVIÕES

DJAKARTA, 3. — O Governo indonésio está a preparar a mobilização de todos os aviões no território da República. Foi criada uma comissão para fiscalizar essa mobilização, sob a chefia do vice-mariscal S. Hardjolukito — segundo foi anunciado nesta capital.

O presidente Soekarno anunciou o mês passado planos para mobilização geral, quando proclamou a sua intenção de «libertar» a Nova Guiné Ocidental holandesa.

Ontem, Soekarno teve uma conferência com o Conselho de Defesa Nacional e o «Estado-Maior das Operações de Libertação». Posteriormente foi comunicado o estabelecimento de uma organização nacional de defesa civil. — (R.).

DJAKARTA, 3. — O governador desta cidade lançou um apelo dirigido a todos os habitantes, para que se inscrevam como voluntários

na campanha de mobilização geral. — (Reuters).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava muito nublado e chovia em algumas regiões do Norte, por acção de uma massa instável transportada na circulação de uma depressão centrada a leste do Porto.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 12; Portalegre, 8; Coimbra, 11; Lisboa, 11; Faro, 14; Funchal, 12.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 12; na água do mar, 14,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 16,5; mínima, 10,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 4,2; mínima, 9,1.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, ocasionalmente muito nublado. Vento fraco, tornando-se moderado de Noroeste. Agudeiros ocasionais. Descida de temperatura.



JOSÉ FRIMAN

ex-concessionário do Restaurante Chave d'Ouro

voltou do estrangeiro

onde dirigiu os Restaurantes portugueses nas Exposições internacionais e tomou conta do

RESTAURANTE

do HOTEL AVENIDA PALACE

Praça dos Restauradores

Telefone 30154/8

Remodelação de Serviço

Cozinha Francesa e Austríaca

Serviço de Bar

Parque privativo de carros



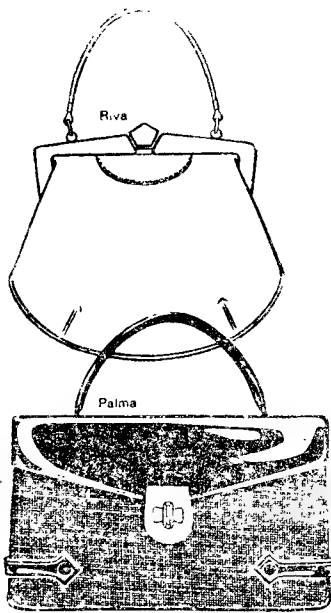
O HOTEL QUE SE IMPUNHA PARA TOTAL SATISFAÇÃO DA CLIENTELA NACIONAL

RUA EÇA DE QUEIROZ
Telef. 736811 (5 linhas)
Junto ao Marquês de Pombal

VIMOS PARA SI...

(Continuação da página anterior)

material? Revorra a um fabricante que lhe copiará o modelo no material que lhe interessa. Telex: qu...



Estas são peças mais modernas...

«SOLTEIRINHA» — Esta é um...



para solteiras. Por isso, é de...

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

...para doce, prato para torradas, ou...

MARIA ADELAIDE

AS NOSSAS AVÓS TINHAM RAZÃO...

Quando lavavam o cabelo com gema de ovo. Porque os sábios demonstraram-no. A gema de ovo é o «alimento» por excelência do cabelo. Contém todos os elementos vitais que lhe são necessários: fósforo, cálcio, ferro e vitamina A. Todos estes elementos se encontram intactos, totalmente activos em FLI-FLAP, o shampoo-tratamento de CADORICIN, à base de gema de ovo e óleo de ricino. FLI-FLAP é o shampoo-tratamento ideal dos cabelos secos, quebradiços, anemidos ou simplesmente tristes. FLI-FLAP, dá e conserva a saúde e beleza do cabelo. FLI-FLAP trata os cabelos lavando-os.



Uma das notas de modernismo da moda neste inverno, estão os chapéus de pele que se apresentam conduzindo com as golas dos casacos. Eis duas expressões dessa modalidade levadas a efeito com peles de raposa e de castor.

CHAPÉUS E GOLAS DE PELES



Pergunte para saber

Sou uma dona de casa ainda muito inexperiente, pois casei-me há cinco meses e confesso que os trabalhos domésticos, em grande parte, me são desconhecidos. Talvez porque a minha licenciatura, feita enquanto habitava em pensões, longe do meio familiar, onde tanto se aprende, não permitiu que eu tivesse praticado, ou visto praticar, trabalhos domésticos.

Hoje vejo-me atrapalhada e inferiorizada perante colegas minhas que são conhecedoras de tudo quanto numa casa se deve fazer. Nada as atrapalha, fazem a vida profissional e a vida da casa, e ainda lhes sobra tempo para irem ao cinema e jogarem a canasta!

Há alguma escola de donas de casa que eu possa frequentar para aprender aquilo que não sei?

MARIA IGNORANTE

Não é necessário frequentar uma escola para chegar a ser uma boa...

dona de casa. Hoje temos muita aparelhagem eléctrica, muitos produtos químicos, muitos artigos de utilidade doméstica que nos ajudam a fazer «boa figura» como donas de casa. O que nos é necessário, acima de tudo, é boa disposição para levarmos a cabo os nossos empreendimentos. Bastante optimismo e a melhor intenção no sentido de nos valorizarmos com mais esses conhecimentos duma técnica tão simples que está ao alcance de qualquer rapariga servil passada poucos meses da sua chegada da provincia, por vezes analfabeta e sem a menor ginástica mental.

Hoje, quando compramos qualquer aparelho eléctrico, para lavagem de roupas, limpeza do chão ou manipulação de alimentos, logo temos uma lição completa do seu manejo que é dada pelo vendedor ou pelo folheto impresso que acompanha o artigo.

Todos os produtos que hoje facilitam os nossos trabalhos domésticos no que respeita à lavagem de roupas e de loiças — como o Omo e o Extra — à limpeza das cozinhas, copas e casas de banho — como o Vim — ao extermínio de insectos incómodos, à conservação dos artigos domésticos, à limpeza dos fatos, e a tudo quanto nos seja...

necessário para termos uma casa como deve ser, são metidos em pacotes, latas, frascos ou sacos que trazem impressa a maneira mais prática da sua aplicação. Os próprios ingredientes que entram na preparação de alimentos trazem receitas impressas nos envólucros. E, a propósito de receitas lembramo-nos a conveniência que terá na compra dum bom livro de cozinha. O programa dos trabalhos caseiros terá que estar dependente do horário dos trabalhos profissionais. De qualquer modo, convém que o arranjo das roupas, no que respeita a lavagens e passagens a ferro, seja feito nos primeiros dias da semana, e as limpezas da casa se façam nos ultimos. Isto, nos casos de haver ou não haver pessoal doméstico auxiliar. Assim ficará o domingo livre e se possível for, o sábado ou parte dele que se aproveitará para compras, visitas ou recreios.

A perfeição atinge-se com a prática. O que convém a determinado lar não convém a outros e nem sempre nos dá resultado copiarmos à risca o que, á primeira vista, nos...

pareceu ser uma boa oração para duma suposta boa dona de casa.

Estabeleça o seu horário, não seja indolente e procure adquirir conhecimentos. Verá em pouco tempo se sentirá apta a governar bem a sua casa. Se lhe surgir qualquer dificuldade que possa ser resolvida nesta secção do nosso jornal escreva-nos e exponha o seu problema.

Seguindo as instruções dadas numa receita que o «Diário de Lisboa» publicou já há alguns anos, preparei muitas vezes «foie-gras», que sempre ficava delicioso. Um dia pediram-me a receita emprestada e como «quem empresta não melhora» acabei por ficar sem ela.

Não será possível darem-me essa receita? Estou certa de que agradaria a muitas senhoras e especialmente áquelas que, como eu, tenham a seu cargo a

(Continua na página seguinte)

INDUMENTÁRIA DESPORTIVA



Toda de jersey azul escura com gola subida de tricot, feita com lã branca foi realizada esta coleção para automobilista em pleno exercício desportivo. O cinto é de cabedal vermelho e branco. As botas são de camurça vermelha.

ATÉ OS FOLHINHOS DA MINHA ROUPA INTERIOR FORAM FEITOS NA

Regina

REGINA PRINCESS UNIVERSAL

As modernas donas de casa devem conhecer as vantagens indiscutíveis que uma máquina de malhas proporciona no lar. Agora em o moderno modelo REGINA que facilita a escolha até aqui tão difícil duma máquina de malhas a uma ou a duas bancadas.

A máquina de uma ou duas bancadas completa, pode transformar-se em qualquer altura numa máquina ideal dupla sem pesos sem pesos, sem pesos. Não se fazem todos os pontos: 2 g-zag, circular, semi-circular, uma variedade inextinguível de pontos.

TRICOTAR, UM PASSATEMPO AGRADÁVEL E LUCRATIVO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA E DE ENSINAMENTO GRATUITO DE UM ANO

David J. Lopes

Limitada

Rua da Vitória, 69-71 • Telef. 21274 • LISBOA

MANHÃ NA PRAÇA

No Mercado 24 de Julho, os produtos têm variado dramaticamente de preço. Não só de preço, aliás, mas também de quantidade. A uma segunda-feira abundante em legumes, sucede uma terça mais parca, de tabelas mais elevadas. Atendendo na secção do peixe, deparamos com bancas vazias; ausência total, ou quase, de mariscos, de pescada grande e outras qualidades de peixe, além da pouca quantidade das presentes. O mercado ressentido destes dias de temporal, como seria de esperar. Só não esperávamos não encontrar o enrame de miúdas que habitualmente nos cercam a oferecer limões. Também não compareceriam por causa das constantes chuvas? Estávamos já habituados a elas, aos seus oferecimentos e a comprar os minúsculos limões, sumarentos, de casca fina e baixo preço. Além de que o tom de censura com que as preteridas se lamentavam por termos comprado a outra, criava um vago sentimento de culpa e de ternura que nos unia a elas. Quem dera poder comprar todos os limões a essas rapariguinhas franzinas e proporcionar-lhes ocasião aos seus queixumes mimalhos e infantis, sem o remorso de estes se fundamentarem na sua mal sucedida luta pela subsistência.

PREÇOS DOS PRODUTOS

Legumes

Deparamos, pela primeira vez, na praça, com a couve roxa, como lhe chamam as vendedeiras. A 8800 o quilo, informaram-nos. A couve de Bruxelas, vendia-se a 15800, também o quilo. As outras espécies de couves tinham o preço pela unidade e não ao peso. Assim, a couve-flor estava a 4800; a lombarda, a 3800; a portuguesa, a 2800; a galega, a 3800 e 4800, o molho; e os grelos de couve, a 1800, os molhos pequenos, porquanto os grandes estavam a 5800 e 6800. Os grelos compravam-se a 3800 e 4800, mas havia poucos. As nabijas, a 3850. Pencas, a 4800. Os nabos de Coimbra, a 1850; os de Lisboa, pelo seu tamanho mais reduzido, eram a 850.

Há sempre grande dificuldade em apresentar um produto com o seu preço certo, já que de banca para banca, varia. Temos o exemplo do aipo, que poderia comprar-se a 5800 o molho, o que não obstava que se vendesse a 10800 e 15800, com características a justificar a diferença do preço, claro. Os espinafres, encontravam-se a 7800 o molho; os agriões, a 1800; os rabanetes, a 4800; a beterraba, a 2850; quanto ao pé da alface, custava 2800 e o da chicória, 1850. Os bróculos principiam a estar mais acessíveis: de 5800 para cima. O feijão verde vendia-se a 14800 o quilo; a ervilha de grão, a 14800; as cenouras, a 1880; os tomates, a 8800, 9800 e 10800 e os pimentos a 1800 cada.

Peixe e mariscos

Seria mais lógico inverter o título e escrever «Marisco e Peixes». Mariscos, só encontramos uma qualidade, os camarões, a 78800 o quilo. O peixe também não luzia pela fartura, como já dissemos, e estava caro. O linguado grande vendia-se a 50800 e o pequeno a 35800 o quilo. O robalo, a 30800; as enguias grossas a 24800 e mais finas a 22800; a garoupa, o peixe que se apresentava em maior fartura, via-se a preços variados: 20800, 18800 e 14800; a dourada, a 14800; o saio a 14800 e 13800; a pescada de rabo na boca e

a outra maiorzinha a 12800; o pargo, a 8890; a sardinha a 9800 e 8800; a tainha, a 12800; o chernie, a 7800; o cachucho, a 6870; o chicharro, a 6850; e o ruivo, a 5850 e 6800.

Disseram-nos que o polvo estivera no dia precedente a 9860; as lulas, a 15800, 20800 e 22800; e os chocos, que por sinal havia, custavam 5800. Rectificamos: o mercado não apresentava uma só qualidade de mariscos, mas duas — camarões e chocos. Reparemos nos extremos: uns custavam 72800 o quilo; os outros a 5800. Por que é tão antipático o nome desse marisco, os chocos? Só o nome afasta dele a compradora!

Aves

As galinhas continuam caras: 15800 e 50800; os frangos regulam a 20800 e 30800; o peru a 150800, excepcionalmente, 250800; a peruca, a 88800 e 90800; o pato, de 20800 a 15800; o pombo, a 9800; e o ganso, a 60800.

Apontamos o preço do coelho de 25800 a 50800; e o do cabrito, a 27800 o quilo. Os ovos estavam a 12800 e 13800 a dúzia.

Fruta

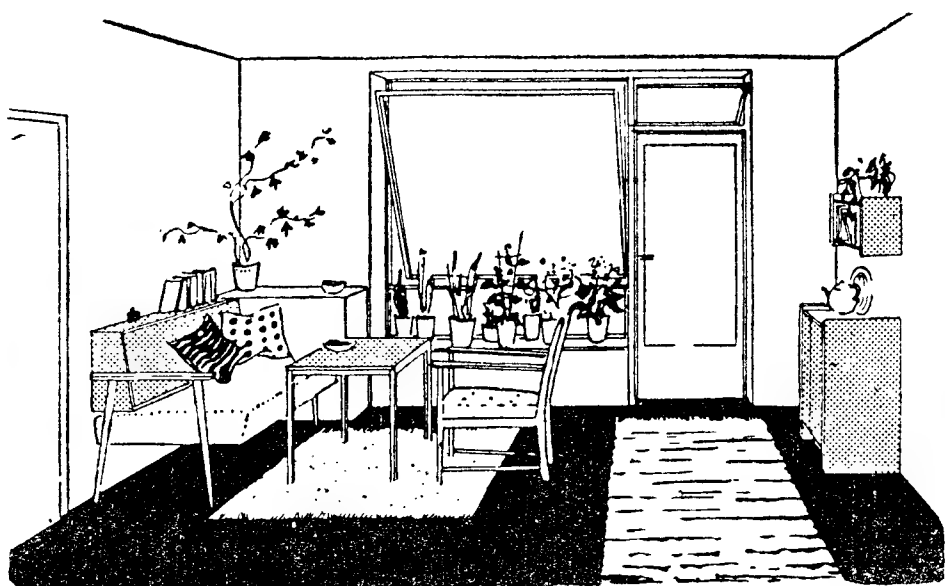
Não encontramos alterações sensíveis na fruta. O ananás continua de 25800 a 35800; a maçã reineta, a 35800 e 40800 a dúzia; os peros, a 30800; as tangerinas de 5800 a 8800; as bananas, de 7800 a 10800; as toranjas, de 5800 a 7800 cada; as romãs, também a unidade, de 2800 a 4800; e as laranjas vendiam-se desde 5800 a 18800 a dúzia.

Flores

A dúzia dos cravos continuava a 35800 e 40800; as rosas, a 35800; as camélias, a 12850 e 15800; os jarros, a 30800; o molho das irináceas, a 70800; o das mimosas, a 7850; o da urze, a 2850; o dos malmequeres, a 12850; o das violetas, a 1800; e o dos lírios, a 7850. As orquídeas, como flor de luxo estavam a 15800 cada.

DONA DE CASA

SUGESTÃO PARA O ARRANJO DUMA SALA



Nem sempre é fácil arrumar os móveis num aposento, deixando grandes espaços livres. O problema resolve-se, no entanto, com facilidade, quando é possível arrumar a maior parte dos móveis no chamado «cantinho acolhedor» e deixar-se livre o meio da sala. A gravura sugere uma dessas arrumações. Note-se a decoração feita com plantas naturais envasadas que está cada vez mais em moda e dá, às nossas casas, uma agradável nota de frescura.

Pergunte para saber

(Continuação da página anterior)

preparação de sandes para estudantes e rapazes empregados. Pode guardar-se o «foie-gras» por muito tempo?

M. L. T. S.

Ponha numa frigideira bastante funda duzentos gramas de banha em rama, cortada em bocadinhos. Leve-a ao lume brando. Quando estiver derretida, tire-lhe rapidamente os torresmos e junte-lhe cinquenta gramas de margarina Planta. Retire do lume e, enquanto a gordura estiver muito quente, junte-lhe duzentos e cinquenta gramas de fígado de porco e cem gramas de presunto que tenham sido passados pela máquina de moer. Mexa-se bem. Tempere com sal refinado, uma pitada de pimenta e uma colher, das de chá, de mostarda «Savora». Por fim, passe tudo pelo «passe-vite» usando o crivo mais fino.

Querendo guardar o «foie-gras» por muito tempo, sem risco de se estragar pode deitá-lo em frascos de vidro próprios para esterilização de alimentos, fechar os frascos, pondo-lhes as anilhas de borracha e os grampos e levá-los ao lume em banho-maria, durante trinta minutos, contados a partir do momento em que a água levante fervura. O banho-maria pode ser feito num tacho alto ou numa panela tendo no fundo um pano dobrado, ou uma grelha de metal, que evite o contacto directo do frasco com o fundo da vasilha. Passado o tempo indicado para a duração do banho-maria tira-se o frasco da água e coloca-se sobre uma mesa ao abrigo das correntes de ar. Se a mesa é de pedra, cobre-se com um pano do-

brado a parte onde se vai colocar o frasco para evitar que este se quebre no contacto brusco com uma superfície fria. Pela mesma razão o frasco ao sair do banho-maria não deve ser posto sobre um prato. O grampo só se tira depois do frasco estar frio. Se a tampa ficar bem presa pela pressão de ar pode guardar-se.

Antes de usar este processo de esterilização deverá ver se a parte esmerilhada do frasco e da tampa que vão aderir à anilha de borracha não apresentam qualquer falha ou parte polida o que seria

bastante para permitir uma penetração de ar no interior do frasco, e, por consequência, a deteriorização do seu conteúdo dentro de alguns dias. Há já outro processo de esterilização de alimentos preparados que é feita em frascos com tampas de metal. As tampas aderem por meio duma matéria colante depois de terem permitido a completa saída de ar dos frascos durante o banho-maria. Tanto estes frascos, como os vulgares a que primeiramente nos referimos, se encontram nos nossos mercados por preços aceitáveis.

Creme esfarapado

INGREDIENTES — 1 quilograma de batatas, 100 gramas de Vaqueiro, 4 decilitros de leite, 2 ovos, 4 colheres — das de sopa — de quadrinhos de pão, folhas de hortelã q. b., menta, sumo de limão e salsa, q. b.

PREPARAÇÃO — Descasque as batatas, coze-se em água temperada com sal e passe-as pelo passador. Adicione a este puré o leite, e metade da água em que foram cozidas as batatas. Tempere com sal e pimenta e junte-lhes 50 gramas de Vaqueiro. Leve-se ao lume e quando ferver juntam-se os ovos batidos passando-os por um funil para lhes dar o aspecto de farrapos. Serve-se com os quadrinhos de pão fritos em Vaqueiro. Em cada prato põe-se uma folha de hortelã.

Pargo delicioso

INGREDIENTES — 1 pargo de tamanho médio, 2 colheres — das de sopa — de Vaqueiro, 3 cebolas, 500 gramas de tomate fresco ou 1 colher de concentrado, 1 decilitro de leite, 2 colheres — das de sopa — de pão ralado e sal, pimenta sumo de limão e salsa, q. b.

PREPARAÇÃO — Cortam-se as cebolas — em rodelas ou com Vaqueiro. Por cima põe-se o tomate cortado em rodelas — sendo fresco. Amanha-se o pargo e coloca-se sobre o tomate. Tempere-se com o sal e a pimenta. Rega-se com o sumo do limão, a Vaqueiro derretida e o leite. Polvilha-se com o pão ralado e leva-se a cozer em forno médio, durante meia hora. Serve-se polvilhado com salsa picada e acompanhado com puré de batata.

«Charlotte» russa

INGREDIENTES — 24 palitos «La Reine», 100 gramas de Vaqueiro, 125 gramas de frutas cristalizadas, 3 ovos, 6 colheres — das de sopa — de açúcar, 2 decilitros e meio de leite, 4 colheres — das de sopa — de rum, 3 folhas de gelatina branca, 1 colher — das de café — de farinha maizena e 1 pitada de vanilina.

PREPARAÇÃO — Forra-se uma forma de «Charlotte» com os palitos «La Reine» e salpica-se com rum. Põem-se as folhas de gelatina de molho em água fria e 2 horas depois enxugam-se com um pano. Separam-se as gemas das claras dos ovos. Batem-se as gemas com 3 colheres — das de sopa — de açúcar juntam-se o leite a maizena e a vanilina e leva-se a engrossar em banho-maria. Retira-se do calor, junta-se-lhe a gelatina bem enxuta e as frutas cristalizadas, picadas. Bate-se a Vaqueiro com 6 colheres — das de sopa — de açúcar e juntam-se-lhes as claras batidas em castelo bem firme. Mistura-se este preparado ao creme que se fez anteriormente e enche-se a forma de «Charlotte» com a mistura. Cobre-se com palitos «La Reine» e leva-se a gelar durante 6 horas. Desmolda-se e serve-se com compote de papel alendado.

AGORA! UMA REFEIÇÃO COMPLETA EM 5 MINUTOS

	250 grs	500 grs
* BIFES DE HAMBURGO	7850	15800
* ALMONDEGAS	7850	15800
* PASTA DE CARNE	7850	15800
* CARNE TRINCHADA	10800	20800



SOCIEDADE CORREIGRA, LDA. — Ponta Delgada, Açores
EM LISBOA — R. DA CONCILIAÇÃO, 125, 2.º D.º — Tel. 36 23 12

EMBELEZE OS SEUS OLHOS USANDO



DISTRIBUIDOR: C. SANTOS CARVALHO
Apartado 1096





EDUQUEMOS O NOSSO FILHO!

A grande cidade e os adolescentes

Atenção à difteria

Tem o seu filho protegido contra a difteria?
Não o julgue livre de perigo só com o carinho do pai e da mãe, ou porque vive em local saudável. Isso não evita a difteria. Os germes passam dum criança para outra, mas está provado que a imunização reduz o risco de contrair a doença, e dá quase completa protecção contra um ataque fatal.
A difteria é muitas vezes fatal até aos 5 anos, e nenhuma criança está livre de a ter.
Lembre-se disto, e, se o seu filho não está vacinado contra a difteria, procure ainda hoje o médico.

É considerável a influência das grandes cidades sobre os problemas de ordem psíquica e pedagógica. Favorecendo a dispersão, a vida citadina contribui para retardar a maturação espiritual das crianças, e exerce uma acção notável sobre as mutações características da puberdade.

Está em correlação evidente com o acréscimo do número de instáveis entre os quais se recrutam os delinquentes, os inadaptáveis, os maus cidadãos do futuro.

Nada pode evocar mais verdadeiramente a condição da infância nesses presídios modernos do que o livro do dr. François Goust, «A adolescência no mundo contemporâneo». Um dos capítulos é consagrado aos pequenos habitantes dos bairros ex-cêntricos pelo autor que, declinando modestamente o título de escritor, não se baseia senão na sua experiência.

riência de pai de família e de clínico num bairro populoso da periferia de Paris, onde é ao mesmo tempo inspector escolar.

«E' no plano da cidade, do Estado, que devemos de encontrar a causa dos nossos males, dos males de que sofrem os adolescentes, dos males de que sofreu o educador quando era adolescente, e que fizeram dele um mau parteiro do espírito, incapaz de ajudar ao nascimento de uma personalidade».

Por toda a parte a civilização industrial desenvolvida sem conta nem medida atrai a juventude rural para as aglomerações urbanas, tão irresistivelmente como o foco luminoso atrai as borboletas.

Os burgos e as aldeias, esvaziados da substancia activa, esboroam-se pedra a pedra, abandonados às populações de velhos, votados à extinção, ao passo que as cidades vão absorvendo progressivamente as províncias vizinhas. As chaminés de fábricas levantam-se para o céu, e sacrificam-se os últimos jardins para edificar, sobre a natureza definitivamente vencida, arrabaldes sujos e sem alma.

Se ao princípio as primeiras gerações transplantadas se conservam fiéis a certas feições características da terra de origem, pronuncia, tradições, costumes, as seguintes não tardam a uniformizar-se no cadinho onde se fundem os seres e as coisas dominados pelas potências materiais.

O adulto resignado à sua febril existência volta-se para as únicas possibilidades de evasão que lhe oferecem os prazeres corrompidos dos grandes centros: cafés, cinema, revistas, jogo.

E as crianças são arrastadas prematuramente a tomar parte neles, o que acrescenta às inquietações da adolescência as perturbações mais profundas, mais intensas, mais anormais, de que é responsável a sociedade.

SABINE PETERSEN

Esta sugestão talvez lhe sirva

A Luisinha, como todas as crianças, gostava muito de abrir as gavetas que ficaram à sua altura, e tirar delas tudo o que lhe apeteceu. Sobretudo a gaveta da costura tinha para ela encanto especial. Como não era conveniente que a criança mexesse nos utensílios de costura e estivesse constantemente a pôr em desalinho as outras gavetas, a mãe resolveu o assunto de maneira inteligente e eficaz: dispôs numa gaveta pequena, ao alcance da Luisinha, vários objectos de seu gosto, mas inofensivos, tais como cartões grandes de linha (vasos), botões grandes enfiados em cordão, amostras de tecido, uma tesoura de plástico, caixas de cartões tamanhos e cores, enfim, um conjunto de objectos que encantam agora a pequenota, para mais sabendo que a gaveta lhe pertence. E o que é certo é que a Luisinha já não se interessa pelas outras gavetas.



A HIGIENE E A VAIDADE

A higiene e a vaidade não têm nada de comum, mas muitas pessoas as confundem.

Deve combater-se na criança todas as tendências para a vaidade, e ao mesmo tempo ensinar-se-lhe a ser assada e cuidadosa com a sua pessoa.

A vaidade é um defeito que pode conduzir, principalmente as raparigas, a erros gravíssimos. A higiene, o culto da limpeza, são virtudes que contribuem largamente para a saúde do corpo e do espírito.

Sobretudo, as mães não devem consentir que seus filhos sejam o que os franceses chamam «coquets».

«Coquets», isto é, tolos e sujeitos ao mesmo tempo. E' muito vulgar, infelizmente, esse tipo de pessoas que não têm a mínima noção da verdadeira beleza e da mais elementar higiene e se preocupam muito com o que dá nas vistas, sem suspeitar, sequer, a detestável figura que fazem. Essas pessoas perfumam-se mas não mudam de roupa, pintam a boca mas não lavam os dentes, não limpam a cabeça mas fazem pernilheira.

A base da verdadeira beleza pessoal é a higiene. E isto é sempre assim, mas ainda mais tratando-se de crianças.

Habitué os seus filhos, de pequeninos, a cuidar da sua higiene, numa preocupação de beleza sem vaidade — saudável, harmoniosa e simples. Ensine-os, de pequeninos, a cuidar dos cabelos, dos dentes, do rosto, das mãos, das unhas, das roupas e do calçado. Criando-lhes bons hábitos de higiene, dá-lhes uma frescura, um encanto que, se não é formosura, vale tanto ou mais do que ela, com a vantagem de os acompanhar pela vida fora, de não desaparecer com a mocidade.

O banho diário é um hábito que se deve manter depois da primeira infância, o que nem sempre se verifica. O rosto e as mãos são a par-

te do corpo mais expostas às poeiras e aos contactos: por isso devem ser objecto de constantes e particulares cuidados. Vele para que seus filhos não tenham o hábito, péssimo e corrente, de mexer frequentemente no rosto com as mãos, meter os dedos no nariz ou na boca, coçar a cabeça, etc. Ensine-os a lavar muito bem as orelhas, e explique-lhes que nos ouvidos não se devem introduzir ganchos, alfinetes ou quaisquer outros objectos, porque podem quando menos se espera, dar-se um desastre, afectando um órgão tão precioso, o que é muito grave.

As crianças devem usar os cabelos cortados curtos e bem tratados. De novinhas se habituam a pentear-se e a escovar os cabelos com escova própria dura, que pode humedecer-se com umas gotas de brilhantina, o que lhes dará grande prazer.

Trazer as mãos limpas, sem tinta, nem maquiagem, nem terra, é também uma questão de hábito. Se, por volta dos 4 anos, as crianças tiverem a sua escova de unhas; e, por volta dos 8, a sua tesourinha ou alicate de unhas — elas farão questão de as trazer sempre limpas e aparadas.

Da mesma maneira as mães devem desenvolver nas crianças o gosto de andarem «bem arranjadas». Bem arranjadas significará roupas limpas, passadas a ferro e sem rasgos, calçado bem e não «de qualquer maneira» ou torcidas; fitas atadas, molas e botões abotoados; meias direitas, calçado limpo, convenientemente abotoado ou atado.

Tudo isto ensinado gradualmente, sem forçar e sem exigências excessivas que seriam contraproducentes. Ensinando sem sombra de tolice, simplesmente, porque «deve ser assim», porque assim exigem a higiene e a boa educação.



PARA A MENINA BORDAR

Este ramo de mal-me-queris e estas abelhinhas farão o encanto das pequeninas que já sabem bordar. Aqui poderão exercitar-se nos pontos pé-de-flor, de nozinhos e ponto lançado. Em tecido de tom terra, ficarão muito bonitos os mal-me-queris em amarelo torrado, com folhas e pés de dois tons de verde-escuro, e centro das flores em preto. Abelhinhas pretas e amarelas, com asas brancas.

A ESCOLA EXPLICADA AOS PAIS

A Escola tem sofrido nos últimos anos modificações tão profundas que muitas pessoas cultas e inteligentes não compreendem a Escola de hoje. E, porque não a compreendem, julgam mal os resultados do trabalho escolar, ou intervêm no trabalho das crianças, na melhor das intenções — porém sem a menor orientação. E' claro que nós não pretendemos oferecer aos pais diplomas de professores. Não se pode negar, entretanto, que os pais têm necessidade de um mínimo de noções sobre os objectivos e ideais da escola actual e dos fundamentos científicos dos seus métodos e processos.

A Escola, de outrora preocupava-se essencialmente com a aquisição de conhecimentos. A escola era boa quando os alunos sabiam muitas coisas. «Saber muita coisa» era conhecer factos descritos nos livros de gramática, aritmética, história, geografia, etc.

A Escola de hoje discute antes de mais nada o valor desses conhecimentos livrescos. Porque devem as crianças «aprender» as regras da gramática, os nomes dos cabos, pontas, ilhas e baías, as datas das diversas batalhas, etc.?

Um exame sério da questão mostra que esses conhecimentos valem realmente muito pouco. O que importa não é conhecer as regras da gramática, mas possuir uma capacidade de expressão correcta mediante a palavra falada ou escrita. Esse desembaraço, essa correcção da linguagem, adquire-os a criança através do hábito da leitura, do hábito da discussão (reuniões de alunos, clubes, etc.), do uso frequente e agradável da escrita (jornal escolar, correspondência inter-escolar). Assim como se aprende a nadar nadando, a Escola de hoje pretende que as crianças aprendam a falar, a discutir, a conversar, a redigir — falando, discutindo, conversando, redigindo; porém, fazendo tudo isso em uma situação «viva», com interesse e entusiasmo. Isso significa que os exercícios de falar, conversar, discutir, redigir precisam de ser «motivados», isto é, precisam de corresponder a uma finalidade desejada pela criança.

DR. MOYSES DE ARAUJO

CONSULTÓRIO DAS MÃES

TENHO um pequenito de quatro anos, de tal modo difícil, diria mesmo intratável, que penso metê-lo numa escola infantil, embora isso represente para mim um grande sacrifício moral, pois que desejava ser eu própria a educar o meu filho.

Peço-lhe que me diga se há aqui perto do meu bairro uma escola infantil de toda a conjunção, pois os que conheço ficam muito longe, e só me interessa uma onde eu possa ir com facilidade a fim de vigiar o ensino que lhe dão.

RESPOSTA

—Creio que a minha amiga é bastante absorvente e está a encarar o problema de forma muito pessoal.

Comece por não considerar «um sacrifício moral» a entrada do seu filhinho para uma escola infantil. Por melhor educadora que a mãe seja, o ensino com outras crianças é sempre preferível ao ensino individual, salvo casos muito especiais de acentuadas deficiências ou comportamentos anti-sociais. Nin-

guem pode viver isolado nem isso seria desejável: as crianças devem, o mais cedo possível, aprender a viver em sociedade, a amar, com-nunca pode ser a de quem «vigia» prender e respeitar os companheiros. Nesse convívio, as crianças aprendem a corrigir os seus defeitos e a assumir uma boa atitude social, o que é tão importante. Claro escolas da sua simpatia, todas as informações que julgue necessárias para ficar com uma ideia segura sobre os respectivos métodos de ensino e a vida escolar. Com certeza seu filhinho uma boa escola. Ora, uma boa escola deseja e aceita a estreita colaboração das famílias, mas que o seu filho seja um aluno não me parece que alguma coisa que as mesmas famílias «vigiem» o ensino, tal como a minha amiga deseja, pois isso traria grande número de complicações, a começar por uma certa indisciplina e um clima de desconfiança.

Quando a criança está excessivamente ligada à mãe, a escola pode permitir que esta a acompanhe durante as aulas, por um certo período de tempo, para evitar um trauma de desconfiança. Contudo, mesmo nestas circunstâncias, a mãe actua como colaboradora da professora e seguindo a orientação que ela lhe dá. A sua atitude de «vigia» não pode ser a de quem «vigia» o ensino ou o tratamento dados a seu filho.

O que a minha amiga tem a fazer, sem dúvida, é obter, junto das escolas da sua simpatia, todas as informações que julgue necessárias para ficar com uma ideia segura sobre os respectivos métodos de ensino e a vida escolar. Com certeza seu filhinho uma boa escola. Ora, uma boa escola deseja e aceita a estreita colaboração das famílias, mas que o seu filho seja um aluno não me parece que alguma coisa que as mesmas famílias «vigiem» o ensino, tal como a minha amiga deseja, pois isso traria grande número de complicações, a começar por uma certa indisciplina e um clima de desconfiança.

Quando a criança está excessivamente ligada à mãe, a escola pode permitir que esta a acompanhe durante as aulas, por um certo período de tempo, para evitar um trauma de desconfiança. Contudo, mesmo nestas circunstâncias, a mãe actua como colaboradora da professora e seguindo a orientação que ela lhe dá. A sua atitude de «vigia» não pode ser a de quem «vigia» o ensino ou o tratamento dados a seu filho.

Finalmente: o seu menino é assim tão intratável como diz? E já averiguou o motivo? Tem observado atentamente a criança? Já conseguiu compreender as suas reacções? Tem lido alguma coisa sobre psicologia infantil?

MARIA LUCIA

DESPORTOS

BASQUETEBOLE O SPORTING conquistou o campeonato regional O Queluz baixa de Divisão

Terminou o «Regional» da Divisão de Honra, com o título meritório do Sporting, que no decorrer do torneio averbou apenas uma derrota imposta pelo Belenenses. Embora o campeão já se adivinhasse desde a oitava ronda, ficou, porém, em suspenso o caso dos últimos classificados. Ontem, ficou resolvida esta questão. O último lugar foi caber ao Queluz, merecido da vitória retumbante do Sacavenense sobre o Belenenses. Por outro lado, o Algués lutando com o Liberdade, que não estava em perigo, pôde arrancar uma vitória preciosa e solucionar os seus problemas.

A jornada final cheia de interrogações proporcionou portanto, um «prato-forte» para aqueles que gostam de emoções. Pondo de parte os encontros Sporting-Nacional e Benfica-Queluz, nos quais os «leões» e os «encarnados» não deixaram tomar fôlego aos adversários (30 e 27 pontos, respectivamente, foram as diferenças). As partidas entre o Algués-Liberdade e o Belenenses-Sacavenense proporcionaram certa agitação entre os adeptos dada a incerteza no desfecho final.

EXPOSIÇÃO DO MODELO do hidroplanador «Portugal»

Amanhã, na Secção de Aeronáutica do Instituto Superior Técnico, será exposto ao público, entre as 10 e as 18 horas, o modelo do hidroplanador «Portugal» que, há 28 anos, tripulado pelo actual almirante Paulo Viana, efectuou os voos oficiais no Centro de Aviação Naval, em frente da Torre de Belém, abrindo com eles, perante representantes categorizados da Federação Internacional de Aeronáutica, com sede em Paris, uma nova categoria de aeronave designada por «hidroplanador».

Assembleias gerais Comissão de Melhoramentos de Esporão

A assembleia geral da Comissão de Melhoramentos de Esporão (Gois) reuniu-se, na Travessa do Poço da Cidade, 46-4, tendo eleito os corpos gerentes para o triénio de 1962/1964. Presidirá a assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Joaquim de Matos, Casimiro Martins e Guilherme Martins Bandeira.

A classificação final ficou assim ordenada:

J. V. D. Marc. P.					
SPORTING	14	13	1	893-587	40
Benfica	14	12	2	873-559	38
Belenenses	14	10	4	690-615	31
Nacional	14	5	9	572-713	21
Liberdade	14	5	9	481-592	21
Algués	14	4	10	621-729	22
Sacavenense	14	4	10	548-717	22
Queluz	14	3	11	598-755	20

O SORTEIO DOS ENCONTROS do «Nacional» da 2.ª Divisão

Na sede da Federação Portuguesa de Basquetebol, efectuou-se, ontem, à noite, o sorteio para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, no qual participam 27 equipas.

Os clubes concorrentes foram agrupados em duas zonas: Norte e Sul. Dentro destas zonas formaram-se várias subseríes cabendo ao Norte as designações: A-1 e A-2 e ao Sul: B-1, B-2 e C.

Os sorteios forneceram os seguintes resultados:

Subsérie A-1: 2.ª de Coimbra, 4.ª do Porto, 1.ª do Porto, 2.ª de Aveiro, 1.ª de Coimbra e 2.ª do Porto.
Subsérie A-2: 3.ª de Aveiro, 3.ª do Porto, 1.ª de Aveiro, 6.ª do Porto, 5.ª do Porto e 3.ª de Coimbra.
Subsérie B-1: 5.ª da Divisão de Honra, Luso F. C., 1.ª Divisão de Honra, 2.ª da Divisão de Honra, 1.ª da 1.ª Divisão e 2.ª da 1.ª Divisão.
Subsérie B-2: Montijo F. C., 5.ª da 1.ª Divisão, 3.ª da Divisão de Honra, 4.ª da 1.ª Divisão, 4.ª da Divisão de Honra e 3.ª da 1.ª Divisão.

A tabela da ordem dos jogos é a seguinte:
1.ª jornada: 2-1, 3-5 e 4-6; 2.ª jornada: 1-3, 6-2 e 5-4; 3.ª jornada:

VÃO A PÉ a Aveiro para ver jogar o Benfica

Vieram ao nosso jornal dois adeptos do Sport Lisboa e Benfica, Alexandre Moraes Pinto, mais conhecido pelo «Gago» de Alcantara e Luís Manuel Costa Santos, respectivamente, residentes na Estrada do Loureiro, pátio do Bastos n.º 11 e na Travessa do Soeiro, n.º 3, 1.ª que vão ver jogar o Benfica, em Aveiro, para o que cobrirão o percurso a pé desde Lisboa até aquela cidade.

Sorridentes, os dois rapazes, que não é a primeira vez que realizam uma proeza semelhante, são admiradores de Germano e disseram-nos que é para comemorar o reaparecimento do popular jogador que se abalançam a esta aventura, cientes de que serão compreendidos pelos benfiquistas.

HOJE À NOITE

BASQUETEBOLE — No Técnico, a partir das 21 horas, prossegue o «Regional» da 1.ª Divisão: Rio Seco-Carnide, Sporting de Torres-Tabacos e Técnico-Lisboa Ginásio.

BILHAR — Na sede da Associação de Lisboa, campeonato individual de 2.ª categoria.

CORPORATIVO — No campo do Porto de Lisboa, a partir das 18 e 30 horas, para o campeonato de basquetebol: Sotro Mayor-Lisboa e Açores, Standard Eléctrica-Cervejas P. Lisboa-Ferroviários do Barreiro e Regina-Robbiolac.

VOLEIBOL — «Nacional» de juniores: Belenenses-Benfica, na Escola Francisco Arruda, às 21 horas e F. C. Porto-S. Mamede, no campo da Constituição, às 21 horas.

A preparação do Brasil para o «Mundial» de futebol revela aspectos curiosos

RIO DE JANEIRO, 3. — Os futebolistas brasileiros indigitados para a equipa nacional que disputará o Campeonato Mundial, no Chile, só serão convocados no dia 1 de Abril — revelou Juan Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, numa entrevista concedida à UPI.

A primeira providência foi encomendar ao Chile sessenta bolas de fabrico chileno, do tipo que se usará oficialmente adaptado nos jogos daquele torneio, e que serão utilizadas nos treinos da selecção brasileira, bem como nos encontros do Torneio Rio-São Paulo, com a participação de dez clubes, no qual competirão os jogadores convocados para o Campeonato Mundial.

Havelange sublinhou que a concentração dos futebolistas seleccionados se realizará em Abril, sem direito a recurso da parte dos clubes, estando já previstos, no quadro dos treinos a efectuar, a realização de encontros internacionais contra a selecção de Portugal a 3 e a 6 de Maio, e contra o País de Gales, a 13 e a 16 do mesmo mês.

Para garantir melhores condições psicológicas aos jogadores, o estágio não será feito numa só localidade, estando previstas quatro estâncias nas montanhas, entre as dez localidades que ofereceram para albergar os futebolistas. A escolha final ficará a cargo do dr. Hilton Gosling, médico da selecção.

ARMANDO FERREIRA volta de novo ao cargo de seleccionador nacional?

Será, esta noite, que a comissão executiva da F. P. F. nomeará o novo seleccionador nacional de futebol, cargo vago após a recente demissão apresentada por Fernando Peyroteo o qual não chegou a completar três meses de mandato.

Segundo foi esclarecido pelo presidente da direcção, sr. Francisco Mega, foi resolvido adoptar o processo de ouvir o Conselho Técnico, previamente, para a nomeação dos seleccionadores nacionais.

Assim, o referido órgão indicou várias individualidades, nas quais figurava o sr. dr. José Maria Antunes, o candidato n.º 1, conforme o nosso jornal teve ocasião de informar na devida altura. Contudo, o antigo jogador da Académica, em declarações feitas à Imprensa, disse da sua impossibilidade em aceitar o convite, devido a compromissos da sua vida profissional.

Da relação que, hoje, será apreciada pelos federativos, segundo informações de boa fonte, a escolha deverá incidir em Armando Ferreira.

Trata-se de um antigo «internacional», que desempenhou, antes de Peyroteo, o cargo para o qual está designado.

É, também, membro do Conselho Técnico da F. P. F.

A selecção nacional, como se sabe, até ao final da época de 1961-62, intervirá em três jogos, dois no Brasil, contra os campeões do Mundo, nos dias 3 e 6 de Maio, e

outro, em Portugal, contra a Bélgica, no dia 17 do mesmo mês.

A situação de Szabo no Sporting da Covilhã

COVILHÃ — O ex-treinador do Sporting Clube da Covilhã, Janos Szabo, receberá, durante dois anos, a importância de 4000\$00, embora não exerça as suas funções.

O clube serrano dispensou o enfermeiro massagista Manuel Figueiredo, substituindo-o pelo antigo massagista do clube, Gil Barreiros.

Palma não jogará contra o F. C. Porto

A Cuf está a seguir intensa preparação com vista ao encontro com o F. C. Porto. Três dos seus jogadores acusam contrariedades de ordem física. O mais afectado é o defesa-central Palma que não deverá alinhar contra o forte «onze» das Antas.

Águas e José Augusto reaparecem no domingo

Tudo indica que, no encontro de Aveiro, o Benfica contará com todos os seus titulares normais, prevendo-se o reaparecimento de José Águas e José Augusto que, no passado domingo, não foram utilizados contra o Caldas.

VIDA SOCIAL

JAIIME MOURÃO-FERREIRA

A fim de assistir a uma convenção latino-americana das grandes empresas de publicidade, partiu para o Rio de Janeiro, no avião da «Panair», o sr. Jaime Mourão-Ferreira, sócio gerente da ADVERT-Publicidade Internacional, Lda. Durante a sua estadia o sr. Jaime Mourão-Ferreira aproveitará a oportunidade para tomar contacto com os métodos e técnicas publicitárias de algumas das maiores empresas da América do Sul.

EMBAIXADOR VASCO PEREIRA DA CUNHA

Partiu, de avião, para Paris, acompanhado de sua esposa, o sr. embaixador Vasco Pereira da Cunha, representante permanente de Portugal junto do Conselho do Tratado do Atlântico Norte.

DR. FRANCISCO CAMBOURNAC

Regressou, esta manhã, a Genebra acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Francisco Cambournac, director regional da Organização Mundial de Saúde para África, que tem a sua sede na Suíça.

NOVA AGÊNCIA do Banco Lisboa & Açores

COVILHÃ, 3. — O Banco Lisboa & Açores acaba de inaugurar uma agência neste importantíssimo meio comercial e industrial. Para assistir ao acto inaugural deslocou-se a esta cidade o administrador-delegado, dr. Alexandre Carlos de Almeida Fernandes, acompanhado do inspector-geral, sr. Carlos Augusto Guerra.

Naquele acto estiveram presentes os mais destacados elementos da Covilhã. Fica a dirigir a sucursal o sr. José do Patrocínio de Carvalho Dias.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARIDAS	DESTINOS
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 8 de Janeiro 12 de Fevereiro	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Porto Rico e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 5 — Telef. 23342

Tenente-coronel RIBEIRO DOS REIS

Na impossibilidade de o fazerem individualmente, os Corpos Gerentes do Sport Lisboa e Benfica tornam público o seu profundo reconhecimento a todas as entidades, singulares e colectivas, que lhe manifestaram o seu pesar pela morte do saudoso Homem de Desporto que foi o tenente-coronel Ribeiro dos Reis, antigo atleta e dirigente do Clube e prestigioso «Águia de Ouro».



— Já estou cá, há muito tempo. Olha, mesmo que não percebas a anedota, ri-te!

QUEM CANTA

seu mal espanta...

Que é o beijo tão lindo?
Não o saber mete dó:
São quatro lábios unindo
Duas almas numa só!

JOÃO BRITO CÂMARA

DIZ QUEM SABE

O destino é um anónimo eterno.

CAMPOAMOR

* Tu és o arquitecto do teu próprio destino. Trabalha, espera e ousa.

E. W. WILCOX

* Os próprios deuses não podem impedir um homem de falhar o seu destino.

BEETHOVEN

O OXIGÉNIO E OS PEIXES

Sabe-se que os peixes respiram oxigénio, através das suas guelras. Por outro lado, sabe-se também que alguns deles vivem em águas carbonadas, sem oxigénio. Um e outro facto estão suficientemente comprovados.

Determinadas espécies de tubarões, de grande tamanho, habitam águas tão pobres de oxigénio que apenas contêm um centímetro cubico dele em mil centímetros cubicos de líquido. Isto equivale a dizer que para poder absorver a quantidade de oxigénio que se supõe ser necessária a um tubarão de tamanho médio, seria preciso que em cada minuto penetrassem no animal, através da boca e guelras, nada menos que quatro barris de água.

Em resumo: os peixes precisam do oxigénio da água para viver. Dado que nas grandes profundidades marinhas, o oxigénio é quase nulo nas suas águas, onde vão buscar essas espécies a vitalidade necessária para sobreviverem uma vez que lhes é impossível

Um novo tecido

A indústria lançou um novo tecido. Trata-se de um material à base de fibra sintética chamada **tetoron**, sobre a qual se aplica uma subtil camada de alumínio, por meio de um processo no vazio calor. Embora o tetoron seja conhecido há já algum tempo, o processo da aluminização é completamente novo.

Entre as aplicações deste tecido aluminizado podem assinalar-se as seguintes: roupas exteriores, cortinas, toldos, colchas, etc.

A DROGA DA SUGESTÃO

O prof. Hyden, da famosa Universidade de Goteborg (Suíça), trabalha actualmente com um grupo de seus compatriotas nos laboratórios de Química da Universidade norte-americana de Baltimore. Esta equipa de cientistas dedica-se a um plano de investigações com uma substância chamada «triciano-amino-propeno» e que «facilita a tendência para a sugestão».

A nova droga, segundo afirmam os cientistas, é muito importante pela rapidez dos efeitos obtidos e pela concreta possibilidade oferecida aos estudiosos de controlar as modificações nas células nervosas. Parece que as proteínas e as gorduras aumentam na sua zona central, enquanto os demais elementos diminuem mesmo na própria envoltura das células.

O prof. Hyden refere-se expressamente a «notáveis alterações nas células nervosas» e relaciona essas transformações com a tendência para a sugestão. Com este preparado consegue-se a condição para sugerir e impor ao sujeito as ideias e sentimentos que se deseje, uma vez que se destrói a resistência psíquica. Desconhece-se ainda a duração deste efeito e é lógico perguntar: Uma vez passado o efeito da droga, não reaparecerão as emoções perigosas, as ideias sem nervo, as alucinações e os delírios do sujeito submetido ao tratamento? A resposta só a pode dar uma severa investigação científica.

Descobriu-se, no entanto, uma outra substância com propriedades de antidoto, que neutraliza os efeitos da droga e faz regressar o paciente à normalidade.

Criações depois dos 70 anos

Que a idade não é obstáculo à obra de criação ou estudo prova-o a seguinte resenha: Kant, com 73 anos, publicava a «Antropologia», «O conflito das faculdades» e «Metafísica dos costumes».

Aos 74 anos, Tintoretto pintou «A glória do Paraíso», uma gigantesca composição de 22 metros por 9. Verdi, com 74 anos, compôs o «Otello», aos 80 «Falstaff» e aos 85 «Ave Maria», «Stabat Mater» e o seu «Te Deum».

Aos 78 anos, Lamarck terminava a sua grande obra zoológica «História dos invertebrados».

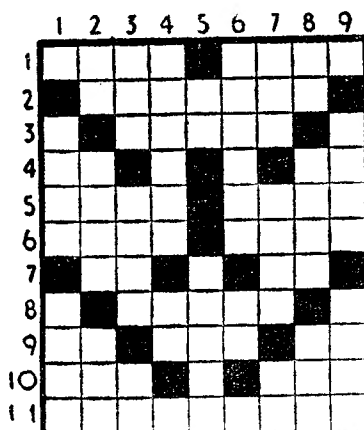
Com 80 anos, Catão aprendeu Grego.

Aos 83 anos, Goethe terminava o «Fausto». Ticiano, aos 95 anos, pintou a sua célebre «Batalha de Lepante».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)

Problema n.º 2540



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que, em mais alto grau. 2 — Preara. 3 — Apresenta como prova. 4 — Artigo indefinido. Artigo definido (ant.). 5 — Golfo também chamado de Livónia. Rio de Espanha afluente do Arago. 6 — Clima. Esteiros. 7 — O mais. Símbolo químico do cézio. 8 — Natural da Alemanha. 9 — Artigo definido. Nome de mulher. Isolado. 10 — Seguias. Troçar. 11 — Resumida.

VERTICAIS: 1 — Declara solenemente. Em maior quantidade. 2 — Nome antigo da nota musical dó. Vila e concelho do distrito de Coimbra. Vai para fora. 3 — Epoca. Congela. Símbolo químico do estanho. 4 — Tigelas vidradas brancas ou de cor. Nota musical. 5 — Lê. Falta a verdade. 6 — Doer. Canhamo de Manila. 7 — Pedra de altar. Abastada. Escarnece. 8 — Seguiu. Aio de D. Afonso Henriques. Textualmente. 9 — Pronome pessoal (pl.). Habita.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 2539

HORIZONTAIS: 1 — Mira. Ar. 2 — AO. MOINHO. 3 — Ria. Roo. 4 — Aaro. Te. 5 — Cru. Ais. 6 — Caetano. 7 — VAI. Aru. A. 8 — Ai. Orce. 9 — Agi. Acr. 10 — Argum. Me. 11 — Sa. Amor.

VERTICAIS: 1 — Marão. Vagas. 2 — Oiã. Cai. Rá. 3 — Arcai. Ag. 4 — Im. Orc. Agua. 5 — Ror. Uta. Iam. 6 — Aios. Aro. Mó. 7 — Nô. Anura. 8 — Ah. Tio. Cm. 9 — Rodes. Aérea.

Provérbio: AO MOINHO VAI A AGUA.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4585

HORIZONTAIS: 1 — Antes queiras. 2 — Nome de mulher. Pronome pessoal (pl.). 3 — Ligue. Reis. 4 — Basta. Fixava a taxa de. 5 — Casa de rei. 6 — Troçar. Arteria. 7 — Encanto. 8 — Estado da Europa. Nota musical. 9 — Pronome pessoal (inv.). Ente. 10 — Vantagem. Cola. 11 — Albergaram.

VERTICAIS: 1 — Torna regular ou metódica. Quinhentos e um em romano. 2 — Freguesia do concelho de Torres Vedras. Desvia. 3 — Letra grega. Governador da Judeia no tempo de Cristo. 4 — Nota musical. Pó indiano, de várias especiarias, para temperar a comida. Nota musical. 5 — Lista. Rema para trás. 6 — Ficar. Deus dos rebanhos. 7 — O mais. Recua. Pertencer. 8 — Antigo reino da Europa meridional que hoje é uma das Republicas federadas da Jugoslávia. Deixa em testamento. 9 — Proposição e artigo definido. Turam.

Solução do Problema n.º 4584

HORIZONTAIS: 1 — Cisne. 2 — Ao. Acor. 3 — Rás. Trono. 4 — Mó. Páira. 5 — Velaria. 6 — Na. Dá. Aru. 7 — Alçada. Or. 8 — Mala. Uso. 9 — Raia. Amar. 10 — Ida. Ela. 11 — Rã. Brasil.

VERTICAIS: 1 — Carmona. Rir. 2 — Almada. 3 — Sãs. Caia. 4 — No. Pedala. 5 — Talada. Er. 6 — Ária. Ala. 7 — Acorra. Umas. 8 — Donairosa. 9 — Irô. Auroral.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — As 21 e 15: «Raça» e «Os vizinhos do rés-do-chão» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Melo — Av. D. João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Tel. 931551). — Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 930210). — Igreja — P. da Igreja, Lote 2. QUELUZ — Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque — Estefânia — (Tel. 980058).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).

BURACA — Vaz Martins — R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

DAMAIA — Lemos — R. de Goa (Tel. 932121).



SOCIEDADE GERAL

LISBOA — R. dos Donadores, 11 — Tel. 326314/5 e 34513 a 34516
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Tel. 27363

CARREIRAS	
METRÓPOLE	Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via LEIXÕES e FUNCHAL) N/M «ALFREDO DA SILVA» — A 10/1/62. Carrega em LISBOA para CABO VERDE a 8/1/62 e para BISSAU a 6/1/62. Carga Frigorífica a 9/1/62 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística Para: CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES (Escala LEIXÕES, dias 8-9) N/M «ANA MAFALDA» — A 10/1/62. Carrega em LISBOA para LOBITO e MOÇAMÉDES a 5/1/62 e para CABINDA e LUANDA a 6/1/62. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª Classes
ÁFRICA	Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES N/M «BELAS» — A carga em HAMBURGO, BREMEN ROTERDÃO e ANVERS de 2/1/62 a 11/1/62. Em LISBOA só para MATADI a 17/1/62 N/M «BRAGA» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 24/1/62 a 1/2/62. Em LISBOA só para MATADI a 7/2/62
NORTE EUROPA	Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN N/M «BRAGANÇA» — A carga nos portos de ANGOLA de 24/12/61 a 8/1/62 N/M «ALCOBAÇA» — A carga nos portos de ANGOLA de 14/1/62 a 29/1/62
ANGOLA	Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA N/M «CARTAXO» — A carga em ANVERS de 4/1/62 a 5/1/62
NORTE EUROPA	
ANVERS	
PORTUGAL	

MARLO

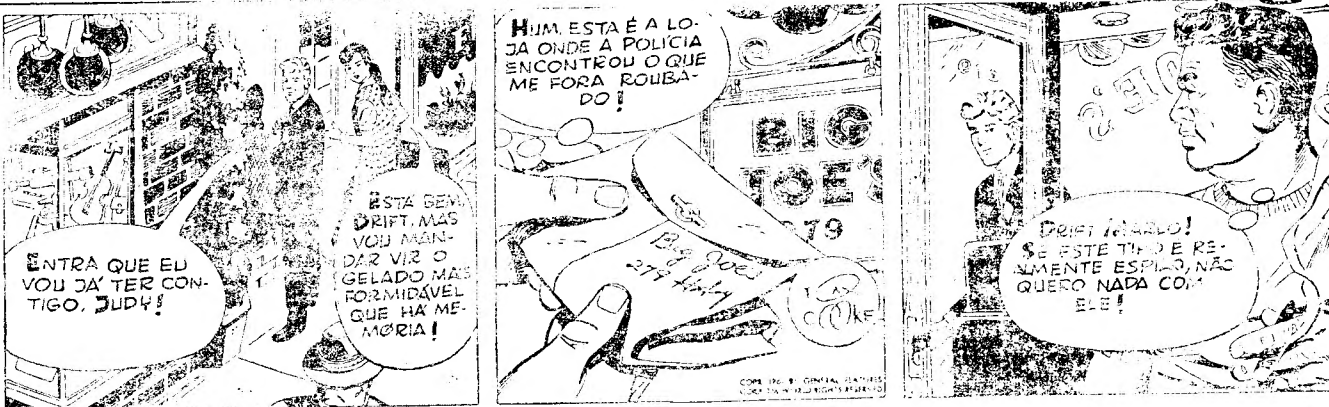
O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica

do dr. I. M. LEVITT

74



DOIS IRMÃOS

por ERIC ALLEN

FOLHETIM SEMANAL DO

Diário de Lisboa

6

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — Blue encontra-se na estrada com Julia. Esta comunica-lhe que Till, o seu noivo, chefe de uma quadrilha, anda perto. Blue encontra-se com Till e jura-lhe a fidelidade de Julia a este último. Dizem-se ambos para o local onde está acampado a quadrilha.

CAPÍTULO II

Não era difícil adivinhar o odio que Till nutria por Bart McCuen. Sempre fora assim, mesmo quando ainda eram garotos, vivendo em herdeiros contíguos. Talvez, em grau menos intenso, porque Till fora sempre o meu herói — mais velho, maior, mais forte e sempre pronto a defender-me. Till sempre tivera a propensão para o barulho, mas eu não, enquanto odiasse tanto os manos McCuen como ele.

— Till, que foi que te levou a alistar Bart no teu grupo?

Till encolheu os ombros.

— Certa noite, ele chegou ao nosso acampamento e sentou-se connosco á roda da fogueira. Não lhe pude recusar. — Soltou uma casquinada encol. — Mas o tipo tem sido duro de aturar. Por vezes penso em matá-lo, mas sempre me dava conta do efeito que isso faria no grupo. Mas a partir deste noite, Blue, isso já não conta mais.

A sua voz tremia de velho odio maligno.

— Porque precisas tu de mim esta noite, Till?

— perguntei.

— Já te expliquei.

— Há mais qualquer coisa, Till. Sinto-o. Quero ajudá-lo. Sinto-o. Quero ajudá-lo, como podes, mas não quero emparceirar numa morte.

Till resfolegou de impaciência e estendeu o rosto para a frente. E, de súbito, a noite tumultuou com o enroscocar das correntes da sua vontade.

7

— Agora não podes recuar, Blue! — disse com aspereza. — Não haverá mortes. Será tal qual como eu te disse ontem, á noite. É um tipo decente, respeitado, e edita um jornal de Whitefield. Quero que assistas a tudo. Pode ser que ainda tenhas de testemunhar sob juramento o que aqui se passar. Quem sabe se dentro de alguns anos, um da quadrilha não comete um crime e não procura inculpar-lo a mim?

Esporeou a montada sem aguardar a minha resposta. Atravessámos o terreno pedregoso e espedaçado ao abrigo de um penhasco.

Havia quatro homens reunidos em torno da fogueira. Apontavam os revólveres na nossa direcção, mas ao reconhecerem-nos, tornaram a enfiá-los nos coldres.

Eram Bart McCuen, Mose Crabtree, Manny Stiles e Clifford Gant. Conheceram aqueles homens no tempo em que eles viviam melhores dias. Sentia-me doente só de pensar no que eles tinham caído.

Nunca eu vira quadrilha mais esfarrapada e miserável... Todos, excepto Bart McCuen. As roupas de Bart não estavam imaculadas, mas não rotas, e eram próprias para os fins em vista, desde a ponta das botas de cavalaria até á copa do seu chapéu de abas largas. Olhei-o enquanto ele me observava, e senti o impacto dessa chama vital que lhe brilhava nos olhos cinzentos. Que diferença de calibre entre ele e o seu irmão Jake.

Bart, na companhia dos saltadores de Quadrilha, fizera pilhagens ao longo da fronteira do Kansas, depois da Guerra Civil, mas não era homem para alvejar outros pelas costas, como Jake fizera. Era, na verdade, um pistoleiro e um assassino profissional, mas tinha a coragem de enfrentar o adversário. Também era jogador, mas revelava-se sempre cuidadoso e avia com o seu dinheiro. Corria a boca caída que, não obstante ser um fora-dadei, Bart McCuen era rico.

Eu sempre o achava com qualidades para ser aceite pela sociedade, não fora aqueles seus ataques de cinismo e de crueldade, e aquela maneira fascinadora de falar.

8

— Ora, muito bem — disse ela, olhando-me. — Com que então o patrão resolveu trazer a seu escriba.

Era uma das características dos manos McCuen, que tanto ressentimento gerava entre os seus associados — a forma como apunçavam as pessoas, sem olhar á posição social que os outros tinham alcançado.

Como estás, Bart? — perguntei, fingindo não dar atenção á sua insolência.

Olhei os outros, mas sem perder de vista Till, na esperança de adivinhar o que faria ele a seguir.

Till escorregou da sela, apertou as mãos a Mose, a Manny e a Cliff. Na noite passada, dissera-me que se separara da quadrilha três dias antes, logo a Norte de Warwick, mas agia agora como se não tivesse visto qualquer deles durante meses. Contudo, não demonstrou qualquer cordialidade para Bart McCuen. Limitou-se a plantar-se á sua frente e a dizê-lo bruscamente sem mesmo lhe estender a mão.

— Bonito serão, este, Bart! Mesmo aqui, á luz da fogueira, onde as espingardas nos poderiam apanhar como se fossemos água.

— Não gostas do lume, patrão? — perguntou Bart.

Till dobrou um pouco os ombros e por momentos pensei que ele se ia atirar a Bart. Lembrando-me daquela conversa a respeito de Jake e de Julia, quase rezei para assim acontecer.

Não o fez, mas foi com visível esforço que engoliu a ira.

— Muito bem, Bart. A partir desta noite, podes acender fogueiras até no meio da cidade. Não serei mais responsável pelo grupo. Vamos separar-nos.

Observei as reacções dos homens, e nunca eu desejei tão ardentemente ter á mão um revólver. Podia sentir a desconfiança que se levantava contra mim, porque era um estranho, sempre o fora, ainda que os quatro homens me conhecessem e soubessem que era irmão de Till.

— Inferno — mormurou Bart McCuen, entre dentes. — Diz isso outra vez, patrão! Não pegou!

9

— Mas acabará por pegar, Bart. Dá tempo ao tempo.

Bart virou-se então para mim.

— Foi então para isso que vieste até aqui escreba? Para testemunhar isto? E talvez publicar uma bonita notícia no teu pasquim de dois caracóis?

— Não faço essa tencão, Bart — respondi.

— Oh sim — insistiu ele, como se não me tivesse ouvido. — Vais publicar tudo no teu jornal, e contar como um gatuno barato, que tem andado a armar-se em cabecilha de uma quadrilha, acabou por se virar amarelo! Isto, depois de ter insistido com á sua gente para alinhar com ele durante trezentas milhas, apenas na mira de ter a sua carcassa protegida, enquanto caminhava para o ninho. Vais publicar isso tudo, escreba?

Quando a sua voz se calou o silêncio era tão espesso que dir-se-ia que poderia ser cortado á faca. Mose Crabtree quebrou esse silêncio.

— Queres tu dizer, Till, que deixarás de andar connosco? — perguntou.

Till continuou a olhar para Bart McCuen.

— Não se algum de vocês alinhar comigo amanhã numa viagem que tenciono fazer á cadeia de Fort Smith.

— Till — exclamei, mas ele mandou-me calar com um aceno cortante da mão.

Olhei para Bart McCuen. Mesmo á luz da fogueira, pude ver a palidez mortal que atingira o seu rosto.

— Não — disse Bart, em voz baixa e ameaçadora. — Não farias uma coisa dessas.

— Não faço, uma figa! Quero ver o Jacke a ser enforcado!

— Não te atreverás!

— Quero vê-lo desmaiar de medo!

Bart empertigou-se, fechou as maxilas com força. Depois, descerrou os lábios e as palavras saíram com exasperante lentidão.

— Nunca ninguém verá um MacCuen desmaiar. Nem mesmo a força.

— Quanto poderes apostar? — perguntou Till, ironicamente.

10

— Inferno — praguejou Bart. — Não tens cobertura para a «massa» que eu estou disposto a lançar para a mesa.

— Talvez não tenha, Bart! — respondeu Till. — Mas Blue tem. — Atirou-me um olhar de soslaio. — Não é verdade, Blue?

Ainda pensei que Till estivesse a brincar, mas não estava. E quando percebi senti-me regelar como se estivessemos no pino do Inverno.

— Deixa lá isso, Till! — exclamei bruscamente. Talvez eu odiasse também os MacCuen, mas não a esse ponto. — Deixa lá isso e vamos embora!

Havia um certo tom de desespero na voz de Till.

— Blue! Tu não me deixarias em falso num passo como este, não é verdade?

E então pela primeira vez, senti-me deveras irritado com o meu irmão.

— Foi para isto que me trouxeste aqui? Apenas para cobrir uma aposta idiota?

— Que te importa? Tu sabes muito bem que Jake é amarelo! Que vai ter um fanico antes mesmo de lhe passarem a corda pelo pescoço.

Comecei a torcer as rédeas do cavalo.

— Se precisares de dinheiro, Till, a minha bolsa está á tua disposição. Mas não cubro uma aposta dessa natureza!

Bart MacCuen soltou uma casquinada de mofa, e o seu sarcasmo fez-me puxar as rédeas. Bastou-me olhá-lo para perceber que ele metera os dentes no baco e que já nada o faria largar.

— Já têm vocês o que são esses manos! Till odeia-me, Blue também, e ambos odeiam o Jake! Bem gostariam eles de ver o Jake desmaiar na força, mas Blue falta-lhe o animo para apostar por aquilo que ele mais gostaria de ver!

Soltou nova casquinada, e senti uma convulsão íntima. Olhando-o, lembrei-me de súbito da conversa a respeito de Julia Winton. Apossou-se de mim um estranho sentimento. Talvez um sentimento mortal, e antes de compreender bem o que fazia eu disse, a Bart:

(Continua)

CARIMBOS

Rápido e perfeito. ANIBAL, grav.
Rua Nova do Almada, 64. T. 326162

Secretaria de Estado
da Aeronáutica

OFICINAS GERAIS
DE

MATERIAL AERONAUTICO

Está aberto concurso público para a aquisição de uma instalação para climatização de painéis por meio de ventilação de ar tomado do exterior.

As propostas deverão ser apresentadas até ás 12 horas do dia 23 de Janeiro de 1962, nos Serviços Comerciais deste Estabelecimento.

As condições deste concurso obrigarão ao respectivo Cadeamento de apuracao que poderá ser consultado na Sede destas Oficinas, em Alverca do Ribage, todos os dias úteis das 10 ás 12 horas e das 14 ás 16.

Alverca do Ribage, 2 de Janeiro de 1962.

O CHEFE DOS SERVIÇOS
COMERCIAIS

5%

S/ automóveis e 6% s/
propriedades rústicas e urbanas mesmo em construção, emprestamos imediatamente.

ORCOSI

Rua 1.ª de Dezembro, 45

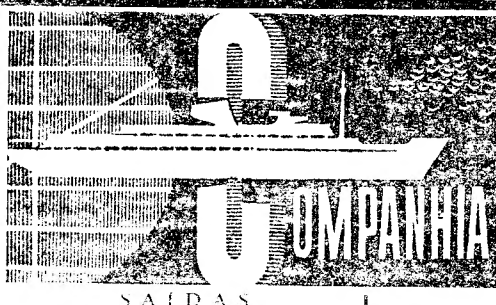
Música

Suaave, nitida e bem feita se conseguem com as antenas de ondas para os rádios.

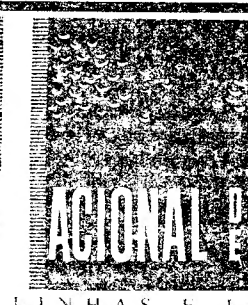
PODDIG

1000 F. PEREIRA HERD. L.

rua da Glória 23
T. 29763-20127 — LISBOA



SAIDAS



LINHAS E ESCALAS

LINHA DE ÁFRICA

«ROVUMA»

5 Janeiro

Leixões, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçimões.

«MOÇAMBIQUE»

30 Janeiro

Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçimões, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nagala (se necessário).

Chama-se a atenção dos Senhores passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA—R. do Comercio, 79 a 85. Tel. 323021 a 323026. PORTO—R. Infante D. Henrique, 63 Tel. 22438 e 22439

Na Casa do Preto, Av. de Mosca-
vide, 7-B, encontra-se á venda o
«Diário de Lisboa».

Na Papelaria Estrela Dourada, Av.
de Moscavide, 58, vende-se o «Diá-
rio de Lisboa».

Em Sacavém o «Diário de Lisboa»
é vendido por intermédio da V.ª de
António d'Oliveira Paciência.

Boletim do Oito

HA 30 ANOS

Sob o título «Todos aplaudem a ideia de acabar com a feira do Campo Grande, que é uma autêntica vergonha», publicava o «Diário de Lisboa», de 3 de Janeiro de 1932:

«A propósito do nosso artigo do passado domingo, no qual verberávamos o vergonhoso espectáculo da

feira do gado do Campo Grande — coisa indigna daquele parque e impróprio do bairro progressivo — recebemos várias cartas de aplauso à ideia de acabar com aquilo, e de uma vez para sempre».

E mais adiante:

«O caso é que a feira de gado do Campo Grande — e lá estava hoje — é uma afronta à Câmara, à Junta de Freguesia e aos moradores do parque».

E lembrar-se a gente dos lindos parques de Madrid e de Sevilha, de onde a imundície desapareceu».

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGES — Stadium — Às 21: «O gume da navalha» e «Rebola a bola» (17 anos).

ESTORIL — Casino — Às 21 e 30: «O sabor do medo» (17 anos).

CASCAIS — S. José — Às 21 e 45: teatro «O Tinteiro» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGES — Combatentes — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 013953).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro (Tel. 012839).

PACO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 042034).

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 043058).

PAREDE — Grincho — Avenida da República (Tel. 047204).

ESTORIL — Costa — Avenida Saboia, Monte Estoril (Tel. 060985).

CASCAIS — Marginal — Avenida Marginal (Tel. 080078).

Bombeiros Voluntários de Vila Real

VILA REAL, 3. — Os Bombeiros Voluntários de Vila Real comemoraram o seu 71.º aniversário, limitando-se o programa em virtude do luto do País, devido aos graves acontecimentos na Índia Portuguesa. Após formatura geral do corpo activo e içar da bandeira no edifício, houve uma missa, na Igreja de S. Pedro, sufragando a alma de sócios e bombeiros falecidos, seguindo-se cumprimentos às autoridades. À tarde, no quartel, efectuou-se o baptismo de um novo pronto-socorro, por monsenhor Libanio Borges, tendo o veículo sido baptizado com o nome de «Comendador António Sarda», grande amigo e benemérito da referida corporação.

Seguiu-se uma sessão solene, presidida pelo engenheiro Humberto Cardoso de Carvalho, presidente da Câmara de Vila Real, tendo assistido, além dos elementos que compõem o corpo activo, a direcção da corporação e as autoridades civis e militares de Vila Real. Falaram o dr. José Maria Saraiva de Aguiar e o presidente da Câmara, que puseram em destaque a obra e os serviços prestados pela associação.

A noite, houve, no Teatro Avenida, um espectáculo de gala, com um grupo cénico.

Todas estas cerimónias, por expressa determinação da direcção, foram efectuadas sem música nem foguetes.

VIDA ESCOLAR

Reunião de encarregados de educação

No dia 6 do corrente, às 18 horas, haverá, na Escola Técnica Elementar Francisco Arruda, a reunião com os encarregados de educação para estudo do plano educativo referente ao 2.º período deste ano escolar.

Vida musical

Concerto do Mobil Clube

Depois de amanhã, às 21 e 30, efectua-se, no salão do Conservatório Nacional, o quarto concerto, desta temporada, promovido pela delegação da Pró-Arte no Mobil Clube.

A pianista Carolyn Davis executará obras de Alban Berg, Bach, Debussy e Beethoven.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.
RUA DO CARMO, 11

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — Programa A — (151 m — 655 kc/s) — Às 17: Discurso proferido pelo sr. Presidente do Conselho na Assembleia Nacional; 17 e 30: Música ligeira sinfónica; 18: Noticiário; 18 e 10: Música ligeira coral; 18 e 30: A nossa terra; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Concerto, pela banda de música do comando-geral da Guarda Nacional Republicana; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Instrumentistas; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: Música popular portuguesa; 21: Repetição do discurso do sr. Presidente do Conselho — Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 22 e 20: Trechos em piano; 22 e 25: Fados, por Fernanda Peres; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: «A Voz do Ocidente fala-vos de Lisboa»; 1: Encerramento.

Programa B — (397 m — 755 kc/s) — Às 19: 32.º programa da série dedicada à evolução da sonata (Sonatas de Beethoven); 19 e 20: Palestra; 19 e 30: 13.º programa da série dedicada à «Música Coral Religiosa»; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Que quer ouvir?, programa elaborado com os discos pedidos pelos ouvintes: «Orphus», poema sinfónico, de Liszt; «Concerto em ré maior, op. 35», para violino e orquestra, de Tchaikowski; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Música; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Música; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 16 e 30: Canções; 17 e 30: Conjuntos; 17 e 45: Noticiário; 18: Variedades; 18 e 30: Orquestras; 19 e 15: Canções; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Orquestras e canções; 21: Brasil; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Artista; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Trechos recreativos; 22 e 15: Mensagem do soldado; 23 e 15: Ritmos de baile, do Pinguim; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Alcantara — Às 17 e 32: Solos de instrumentos; 17 e 45: Noticiário; 18: Brasil; 18 e 15: Orquestras ligeiras; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 35: América Latina; 20: Noticiário; 20 e 10: Mensagem do soldado; 20 e 45: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Solistas; 21 e 30: Asi es Espanha; 22 e 45: Canções; 23: Tempo de música; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 22: Rádio Graça; 22 a 1: Rádio Peninsular; 1 às 2: Clube Radiológico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: «Veja com a mãezinha» (uma história para os mais pequeninos); 19 e 50: Programa da Junta de Acção Social; 20 e 10: Episódio da série «O capitão Meteor»; 20 e 35: O Cinema Português em 1961; 21: «Toiros», programa de Nizza da Silva; 21 e 20: «Vamos jogar ao totobola»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Programa pelo Grupo Experimental de «Ballet» do Centro Português de Bailado — 1.ª parte: «As Sinfides»; 2.ª parte: «Casse-Noiset»; realização de Fernando Fração; 23 e 30: Telejornal (últimas notícias).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — Às 21 e 30 — «Romeu e Julietas».

TRINDADE — Às 21 e 45 — «O príncipe de Homburgo».

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23 — «Bate o pé».

VARIEDADES — Às 21 e 45 — «Três em lua-de-mel».

MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «Criada para todo serviço».

AVENIDA — Às 20, 45 e 23 — «Ó-lá-lá».

A B C — Às 20 e 45 e 22 e 45 — «O trunfo é espadas».

CIRCO

COLISEU — Às 21.30 — Grande Companhia do Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Terra Bruta».

S. LUIS — «O capitão Morgan».

S. JORGE — «Os 7 magníficos».

IMPERIO — «Rendez-vous».

EDEN — «El Cid».

POLITEAMA — «Pepe».

MONUMENTAL — «O rei dos reis».

ALVALADE — «O capitão Morgan».

ODEON — «Os dois garotos».

CONDES — «As aventuras de Tim-Tim».

ROMA — «Pepe».

AVIS — «Chegou um anjo».

CAPITÓLIO — «Vamos dançar o Twist».

OLIMPIA — «Hor» diabólicos».

ROYAL — «A Ponte».

IDEAL — «Os canchais».

ARCO-IRIS — «Um homem só».

JARDIM CINEMA — «Um pouco de aldrabice».

SALAO LISBOA — «Amor nas nuvens».

CINE MOSCAVIDE — «A mulher nascida do mar».

PROMOTORA — «Homem-vampiro».

FARMÁCIAS

TURNO D

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256).

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara 5-A (637563).

BOLSA DE LISBOA

Ultramarinas					
Colonial do Buzi	92\$00	91\$50	92\$50		
Ilha do Principe	—	—	650\$00		
Incomati	—	—	—		
Mozambique	—	50\$00	60\$00		
Zambézia	73\$00	73\$00	74\$00		
Diamantes	—	420\$00	435\$00		
Lobito	—	330\$00	350\$00		
Diversas					
Cimentos Tejo	—	690\$00	710\$00		
Cimentos Leiria	—	—	—		
Crédito Predial	—	42\$00	45\$00		
Industrial Aliança	—	310\$00	—		
Portugal e Colónias	—	455\$00	470\$00		
Nacional Navegação	—	930\$00	950\$00		
Colonial Navegação	—	630\$00	—		
Port. de Celulose	—	—	3.250\$00		
Portuguesa de Pesca	—	1.300\$00	1.315\$00		
Port. de Tabacos	—	303\$00	306\$00		
Tabacos de Portugal	—	—	600\$00		

Aguas, Electricidade e Gás

Aguas Lisboa 1931	—	320\$00	—
Aguas Lisboa 1936	—	326\$00	—
Elect. das Beiras	1.600\$00	1.600\$00	1.610\$00
Gás e Electricidade	296\$00	296\$00	297\$00
H. Alto Alentejo	159\$50	159\$00	160\$00
H. E. Cávado	—	1.250\$00	—
H. E. Zêzere	—	1.220\$00	—
Nac. de Electricidade	—	1.275\$00	1.290\$00
União Electricidade Port	—	168\$00	170\$00
H. do Douro	1.150\$00	1.130\$00	1.155\$00
H. Portuguesa	—	—	100\$00
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	37\$50	39\$00
Alemanha	7\$00	7\$25
América :		
Dólares de 1 e 2	28\$10	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$30	28\$80
Argentina	\$32,5	\$35,5
Austria	1\$09	1\$14
Bélgica	\$56,3	\$58,3
Brasil	\$60,5	\$68,5
Canadá	26\$90	27\$50
Congo (Leopoldville)	\$13	\$18
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$16,7	\$48,2
França (N. Franco)	5\$67	5\$82
Holanda	7\$75	8\$05
Inglaterra	79\$00	81\$00
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	4\$70	5\$10
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	5\$40	5\$70
Suíça	6\$50	6\$70

Ouro:

Inglaterra (Libra)	283\$00	295\$00
Portugal — Barra	32\$80	33\$80
Portugal — Barra fino	33\$00	34\$00

J. BURNAY, L. DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papeis de credito
TELEF. 21273

ALMIRANTE REIS — Lima, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV (843571).

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Nova Torque, R. António Patrício, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (7606588).

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8 (681515).

AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da República, 55-A (77132) * Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, Av. Duque de Ávila, 203-B (41961) * Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-29-A (48966).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Figueiros, 126 (26575) * Simões Pires, R. da Prata, 115 (362350).

BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) * Progresso, R. A-da-Maia, 64-C (702226).

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (323446).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (660955).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular,

Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade), (651840).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO

Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) * Banha, Est. de Chelas, 173-175 (382241).

ESTEFANIA — Fonseca, Largo de D. Estefania, 4-5 (54808).

ESTRELA E LAPA — Alb. R. de Santana, 4 Lapa, 156 (663562).

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar, 122 (790332) * Douro, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).

MADRAGA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).

MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).

OLIVAIS — Freitas, R. Zéfimo Pedroso, 11-13 (381136).

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).

PEDROÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703-72395).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A, (773568).

S. BENTO — Valentim, Ld.ª, R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

SANTA MARTA — Luis de Magalhães, H. R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reserva: 75 000 contos

Depósitos a ordem e a prazo. Descontos de letras a/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T. PPC 366056 (5 linhas)

Praça Paiva Couceiro, 12-B — Telef. 834724

PORIO: R. Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC — Vila da Feira — Elvas

Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez —